

**BETY RITA RODRIGUES RAMOS**

**A MÍDIA COMO EDUCADORA AMBIENTAL: UM  
ESTUDO DE CASO DO JORNAL O GLOBO NO  
PERÍODO 2010 a 2018**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente do Centro Universitário de Anápolis (Unievangélica), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientadora: Profa. Dra. Giovana Galvão Tavares

**ANÁPOLIS - 2020**

R175

Ramos, Bety Rita Rodrigues.

A mídia como educadora ambiental: um estudo de caso do jornal  
O Globo no período 2010 a 2018 / Bety Rita Rodrigues Ramos –  
Anápolis: Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, 2020.  
127 p.; il.

Orientador: Profa. Dra. Giovana Galvão Tavares

Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em  
Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente – Centro Universitário de  
Anápolis – UniEvangélica, 2020.

Catálogo na Fonte

Elaborado por Rosilene Monteiro da Silva CRB1/3038



## FOLHA DE APROVAÇÃO

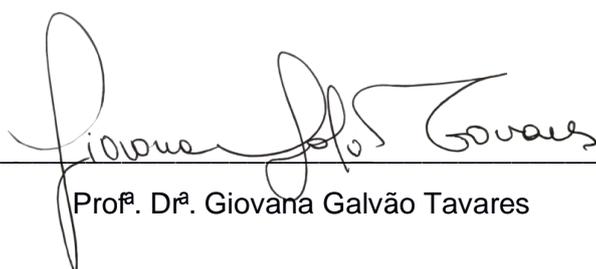
**A mídia como educadora ambiental: um estudo de caso do jornal o globo  
no período 2010 a 2018**

**Bety Rita Rodrigues Ramos**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em  
Sociedade, Tecnologia e Meio  
Ambiente/ PPG STMA do Centro  
Universitário de Anápolis/  
UniEVANGÉLICA como requisito  
parcial à obtenção do grau de  
MESTRE.

Aprovado em 28 de fevereiro de 2020.

### Banca examinadora



---

Profª. Drª. Giovana Galvão Tavares



---

Profª. Drª. Vivian da Silva Braz



---

Profª. Drª. Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

Dedico este trabalho aos meus pais, Inocência de Oliveira Ramos e Severina Rodrigues Ramos (*In memoriam*), que me deram a vida, me formaram o ser humano que sou e que são, e sempre serão, meus grandes exemplos e inspirações! E ao meu filho, Thiago Rodrigues Ramos Farias, meu grande amigo e incentivador na busca da realização de todos os meus sonhos! Amor maior não há!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu a oportunidade dessa existência, a quem recorro toda vez que o “cinto aperta”, e também todas as vezes que transbordo de gratidão por tudo que tenho experienciado ao longo da minha vida. Ele sempre encontra uma forma de me passar a mensagem que com amor, disciplina e fé na vida tudo se resolve.

A minha família - em especial as minhas irmãs Rita e Vera e ao meu irmão Jorge – que me incentiva, e me faz acreditar que sou capaz de fazer tudo o que eu quiser fazer. Dentro desse núcleo que tanto amo, agradecimento carinhoso a minha sobrinha Heloísa, que foi uma espécie de secretária muito dedicada, durante a produção deste trabalho, me ajudando, principalmente, a lidar com as novas tecnologias. E ao meu filho, Luís Fernando, meu convivente diário, que suportou uma mãe, algumas vezes, tomada pela ansiedade e impaciência.

A todos os meus amigos, cujo apoio e incentivo construíram a energia necessária para eu seguir sempre em frente.

Ao Centro Universitário de Anápolis (UniEvangélica), onde me foi possível concretizar este sonho intelectual. Individualmente, a todos os professores e professoras que ministraram disciplinas e compartilharam comigo, e os outros colegas de curso, seus conhecimentos. Em especial, às professoras Dras. Vivian da Silva Braz (Unievangélica) e Isabel Cristina Zaneti (UnB), que fizeram parte da minha Banca de Qualificação, apontando, amorosamente, os caminhos para uma versão melhor deste trabalho, além de me incentivarem com reconhecimento da qualidade da versão apresentada.

Em caráter especialíssimo, à professora Dra. Giovana Galvão Tavares, minha orientadora, por toda a dedicação, paciência, amizade, carinho e comprometimento com o desenvolvimento deste trabalho. Me senti privilegiada por pesquisar sob sua orientação, e a guardarei para sempre no “lado esquerdo do peito”.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), que me deu a condição financeira, via bolsa de estudos, para realizar esse projeto intelectual de vida, cujo resultado trouxe “frutos” importantes para a pesquisa na área de Educação Ambiental.

E ao Instituto Brasília Ambiental (IBRAM), onde o “sonho” começou no meu lidar diário com as práticas ambientais e a mídia - no qual existe um Programa de Pós Graduação voltado aos servidores, que deveria ser modelo e/ou inspiração para outros órgãos públicos -, que me possibilitou cursar este mestrado, e para o qual retorno renovada de conhecimentos, cheia de disposição para contribuir ainda mais na divulgação das práticas ambientais corretas e responsáveis.

“Educar para um outro mundo possível é educar para ter uma relação sustentável com todos os seres da terra, sejam eles humanos ou não”

(Moacir Gadotti)

## RESUMO

A Comunicação, enquanto fato social, é um dos elementos que constituem o processo educacional. A Educação só se fará efetiva enquanto um ato comunicativo. Esses axiomas reforçam o diálogo existente entre essas duas áreas fundamentais na mudança comportamental de cidadãos, cabendo aos veículos de comunicação (mídia) responsabilidades para o êxito da Educação Ambiental (EA). O objetivo geral desta pesquisa é analisar a concepção ambiental divulgada pela mídia, e verificar se é apresentada à sociedade alguma perspectiva de EA. Seus objetivos específicos são avaliar quantitativa e qualitativamente o espaço que a mídia dá à temática ambiental, verificar os possíveis eventos que motivaram variações na frequência das notícias sobre meio ambiente, e, especialmente, verificar se as notícias têm viés de EA. Foi definido como objeto de estudo o jornal O Globo, nas edições dos anos 2010, 2012, 2014 e 2018, versões impressas digitalizadas. Foram utilizadas as Metodologias de pesquisas bibliográfica e de campo, e análise de conteúdo quantitativa descritiva e qualitativa. Para as análises de conteúdo, optou-se pelo conjunto de 15 correntes de EA sistematizadas por Sauv e (2003). Como resultados inferimos que no período estudado não h a uma matéria jornalística totalmente voltada para EA, mas existe um considerável quantitativo de textos com vestígios das correntes de EA, sendo a maioria com vestígios de mais de uma corrente, se estabelecendo como corrente predominante a Conservacionista/Recursista. Constata o da qual inferimos que na m dia investigada predomina a concep o de meio ambiente como recurso, que   a concep o adotada por essa corrente. Também ficou claro que houve uma queda vertiginosa na produ o de matérias sobre meio ambiente ao longo dos anos do período estudado, o que pode revelar desinteresse da média nessa temática, tendo em vista que eventos e problemas ambientais não faltaram nesta quase década. Mas, por outro lado, o conteúdo de EA nas matérias não acompanhou essa queda, manteve-se estável.

**Palavras-Chaves:** Educa o, M dia, Comunica o, Jornal O Globo

## **ABSTRACT**

Communication, as a social fact, is one of the educational process elements. Education will be effective only as a communicative act. These axioms reinforce the dialogue between these two fundamental areas for the citizens' behavioral change, making the communication media one of the responsible for the Environmental Education (EE) success. The main goal of this research is to analyze the environmental conception spread by the media and to verify if any perspective of EE is presented to the society. Its specific goals are to quantitatively and qualitatively evaluate the space given to the environmental theme by the media, to verify possible events that have motivated variations in the environment news frequency and, specially, to verify if the news actually have a EE bias. The newspaper O Globo was defined as the study object, specifically the editions from 2010, 2012, 2014 and 2018, in digitalized printed versions. The methodology used was bibliographical and field research, and quantitative, descriptive and qualitative content analysis. For this last one, a group of 15 currents of EE structured by Sauvé (2013) was chosen. As results it was possible to imply that, during the given period, there was not a single news completely directed to EE, but there is a meaningful quantity of texts with traces of the EE currents, most of them with traces from more than one current, with the Conservationist/Resourcist current being the most present. From that result, it is possible to see that, in the study object, prevails the environment as a resource conception, which is exactly the conception adopted by the Conservationist/Resourcist current. It is also clear that there was a vertiginous fall in environment news produced during the years in this study which could reveal a lack of interest by the media in the environmental theme, since environment events and problems still happened in the same time. Although, the amount of EE news kept stable and did not follow the fall.

**Keywords: Environmental Education, Media, Communication, Newspaper O Globo.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 01: Participação percentual das pesquisas que envolvem a temática Mídia e Educação ambiental no total de trabalhos encontrados pelos descritores de busca nas bases bibliográficas CAPES e BDTD, no período entre 2010 e 2018.....Pág. 22
- Figura 02: Figura 2. Percentual de trabalhos produzidos anualmente sobre mídia e educação ambiental selecionados nos bancos de dados Capes e BDTD, no período entre 2010 e 2018.....Pág. 25
- Figura 03. Percentual da participação, por região, na produção dos trabalhos sobre mídia e educação ambiental selecionados nos bancos de dados Capes e BDTD, no período entre 2010 e 2018.....Pág. 27
- Figura 04. Percentual das categorias nos quais se encontram os trabalhos que envolvem o campo temático mídia e educação ambiental selecionados nos bancos de dados Capes e BDTD, no período entre 2010 e 2018.....Pág. 32
- Figura 05: Foto da primeira sede do Jornal O Globo.....Pág. 57
- Figura 06: Foto da redação do Jornal O Globo.....Pág. 59
- Figura 07: Capa do caderno de Ciências do Jornal O Globo da edição de 21/12/2018.....Pág. 64
- Figura 08: Gráfico mostrando o comportamento das categorias de matérias sobre meio ambiente do jornal O Globo, por ano, nos anos 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018.....Pág. 69
- Figura 09: Manchete da editoria País da edição do Jornal O Globo do dia 09/02/.....Pág.70
- Figura 10: Matéria publicada na edição de 28/02/2018, editoria Sociedade, no Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....Pág.71
- Figura 11: Gráfico das ocorrências percentuais das matérias com EA.....Pág.78
- Figura 12: Gráfico que mostra a relação percentual, por ano, dos anos de 2010, 2012, 2014 e 2018, entre o total de matérias, produzidas pelo Jornal O Globo, sobre MA, o total com EA e o total com vestígios de mais de uma corrente de EA.....Pág. 80

Figura 13: Página 23 da edição do dia 20/08 do Jornal O Globo. Versão impressa digitalizada.....	Pág. 83
Figura 14: Página 20 da edição do dia 14/09/2010, do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 85
Figura 15: Página 31 da edição do dia 16/05/2010 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 86
Figura 16: Página 28 da edição do dia 17/6/2010 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 87
Figura 17: Página 26 da edição do dia 05/01/2010, do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 88
Figura 18: Página 23, da edição do dia 28/03/2010, do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 89
Figura 19: Página 09 da edição de 05/01/2010, do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág.90
Figura 20: Página 30 da edição 04/07/2012 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág.92
Figura 21: Página 38 da edição do dia 09/02/2012 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 93
Figura 22: Página 14 da edição 26/06/2012 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 94
Figura 23: Página 30 da edição 19/04/2012 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 95
Figura 24: Página 14 da edição 11/01/2014 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 96
Figura 25: Página 11 da edição 22/05/2014 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 98
Figura 26: Página 25 da edição 24/06/2014 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 99

Figura 27: Página 11 da edição 03/01/2014 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 100
Figura 28: Página 08 da edição 07/01/2016 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 101
Figura 29: Página 08 da edição 07/01/2016 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 103
Figura 30: Página 12 da edição 04/06/2016 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 103
Figura 31: Página 20 da edição 29/03/2016 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 105
Figura 32: Página 10 da edição 25/02/2016 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág.106
Figura 33: Página 14 da edição 14/01/2018 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 108
Figura 34: Página 21 da edição 10/07/2018 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 109
Figura 35: Página 17 da edição 15/10/2018 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág. 110
Figura 36: Página 21 da edição 13/11/2018 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....	Pág.111

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Formação dos pesquisadores, áreas de pesquisa dos Programas de Pós-Graduação, interdisciplinaridade dos Programas e ano de produção.....págs.22 a 24

Quadro 02: Universidades e Estados em que foram produzidos os trabalhos que envolvem a temática Educação Ambiental e Mídia, selecionados nos bancos de dados Capes e BDTD, no período 2010 e 2018.....págs. 27 e 28

Quadro 03: Categorias em que se enquadram as Teses e Dissertações que envolvem a temática Mídia e Educação Ambiental, selecionados nos bancos de dados Capes e BDTD, no período 2010 e 2018.....págs. 29 e 30

Quadro 04: Linha do tempo histórica: das legislações do Meio Ambiente à EA (1972 a 2012) .....págs. 47 a 49

Quadro 05: Edições do Jornal O Globo dos anos 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018, versões impressas digitalizadas, selecionadas para a pesquisa e edições, destes anos, com matérias sobre Meio Ambiente.....pág. 62

Quadro 06: Temas ambientais mais frequentes nas edições pesquisadas dos anos 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.....pág. 67

Quadro 07: Editorias do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada, com matérias sobre meio ambiente publicadas em 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018.....pág. 73

Quadro 08: Tratamento jornalístico dado pelo Jornal O Globo à temática ambiental nos anos 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018.....pág. 75

Quadro 09: Incidência de EA(s) e corrente de EA predominante nas matérias das edições do Jornal O Globo dos anos 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018.....pág. 77

Quadro 10: Ocorrência das correntes de EA nas matérias das edições do Jornal O Globo dos anos de 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018.....pág. 81

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	pág. 15
<b>Capítulo 1: O Estado da Arte do campo temático mídia e educação ambiental na pesquisa acadêmica brasileira</b> .....	pág. 19
<b>Abordagens</b> .....	pág. 28
<b>Capítulo 2: História, correntes e conexões: a institucionalização da EA, sua diversidade de pensamento e os meios de comunicação</b> .....	pág. 35
<b>1. Questões conceituais e históricas</b> .....	pág. 35
<b>1.1 EA nasce para enfrentar conjuntura ambiental</b> .....	pág. 38
<b>1.2 Leis e eventos que culminaram na EA de hoje</b> .....	pág. 46
<b>2. Teorias de comunicação</b> .....	pág. 52
<b>2.1 Função da mídia</b> .....	pág. 54
<b>3. Objeto empírico</b> .....	pág. 58
<b>Capítulo 3: Análise de conteúdo</b> .....	pág. 61
<b>1. Panorama Geral</b> .....	pág. 61
<b>1.1 Temas ambientais: os mais e os menos pautados</b> .....	pág. 66
<b>1.2 O Globo: em que editoria se encontra a temática ambiental?</b> .....	pág. 71
<b>1.3 Espaço dedicado à temática ambiental</b> .....	pág. 73
<b>1.4 Matérias sobre meio ambiente e os recursos de destaque</b> .....	pág. 75
<b>2. Análise Quantitativa Descritiva</b> .....	pág. 77
<b>2.1 Característica evidente</b> .....	pág. 79
<b>2.2 Corrente predominante</b> .....	pág. 80
<b>2.3 Comportamento das correntes ano a ano</b> .....	pág. 80
<b>3. Análise Qualitativa</b> .....	pág. 82
<b>Considerações Finais</b> .....	pág. 112
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	pág. 116
<b>Apêndice</b> .....	pág. 124

## INTRODUÇÃO

A terra aqueceu em média 0,85 °C entre 1880 e 2012. As últimas três décadas foram as mais quentes. O aumento da temperatura entre a média do período 1850 a 1900 e a média do período 2003 a 2012 foi em torno de 0,78 °C. O gelo das partes mais frias do mundo está em processo acelerado de redução. Os oceanos estão se tornando mais ácidos e quentes devido absorção de gás carbônico. Essa expansão térmica já causou o aumento do nível do mar em 19 cm entre 1901 e 2010, podendo chegar a mais de 80 cm até 2100. O regime das chuvas, as correntes marinhas e o padrão dos ventos estão sendo modificados rapidamente, criando ocorrências de grandes secas e assoladoras enchentes. E não resta dúvida: a principal causa desses fenômenos são as concentrações de efeito estufa, resultantes das emissões de gás carbônico, causadas pelas atividades humanas. As informações do quadro descrito, que põe em risco as condições de vida no mundo, não só da fauna e flora, mas também dos seres humanos, principalmente dos mais pobres, foram retiradas do quinto e último relatório, do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), emitido em 2014.

A depredação do meio ambiente é resultado de ações humanas que vão desde o não comprometimento de grandes potências econômicas com os acordos ambientais internacionais a pequenas ações rotineiras dos cidadãos, como jogar lixo na rua e/ou nos rios, tomar banhos demorados, atear fogo para limpeza de roça, deixar luzes acesas sem necessidade, entre outros. O relatório do IPCC também afirma que a única forma de evitar que as previsões mais pessimistas se concretizem é uma rápida e significativa redução nas emissões (IPCC, 2014). Ou seja, a mudança de comportamento ambiental de cidadãos e gestores do planeta é urgente.

Um outro documento que trata da relação da humanidade com o seu habitat é a Avaliação Ecosistêmica do Milênio (AEM). Ela revela que nas últimas seis décadas os seres humanos modificaram os ecossistemas da forma mais rápida e extensiva do que em qualquer outro período da história humana. As mudanças ocorreram em todos os quadrantes do planeta, afetando as mais remotas localidades de todos os continentes (AEM, 2005).

Os quadros descritos por esses dois documentos mundiais deixam claro que a relação do ser humano com o meio ambiente precisa migrar do atual estágio depredador – consciente ou inconsciente – para um nível consciente de cuidado e uso responsável. Nas respostas promissoras, apresentadas no relatório da AEM, na área das repostas sociais e comportamentais, estão lá: comunicação e educação. O que nos leva a inferir que essa nova postura passa,

necessariamente, pela Educação Ambiental (EA) e pelos Meios de Comunicação Social (MCS), que nesta Dissertação serão tratados como Mídia.

Partindo dessa premissa, e do fato que a mídia é ferramenta com grande poder influenciador de comportamentos, e ainda que há previsão legal no Brasil - Lei 9.795, que estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental, e no seu inciso III do primeiro capítulo define aos MCS, a responsabilidade de colaborar ativa e permanentemente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente -, resolvemos nos debruçar sobre a investigação dessa prática. Isto é, partimos em busca de respostas a essas questões: a mídia, efetivamente, atua como educadora ambiental? No conteúdo de matérias jornalísticas diárias sobre meio ambiente há viés ou vestígios de alguma concepção de EA?. Entendemos que o conteúdo de EA nas matérias se traduz em abordagens aprofundadas do tema, mostrando as causas e consequências dos problemas ambientais, o que está sendo feito de fato para resolvê-los, quem está participando desta solução, o que pode ser feito para evitá-los, entre outras informações que forneçam condições ao leitor para saber lidar, cooperativamente, com a situação.

Portanto, este trabalho de pesquisa tem como objetivo geral analisar a concepção ambiental divulgada pela mídia – representada pelo objeto empírico a ser apresentado mais à frente –, e verificar se é apresentada à sociedade alguma perspectiva de EA. Seus objetivos específicos são avaliar quantitativa e qualitativamente o espaço que a Mídia dá a temática ambiental, verificar os possíveis eventos que motivaram variações na frequência das notícias sobre meio ambiente, e, especialmente, verificar se as notícias têm viés de EA.

Sauvé destaca que o projeto educativo da EA “requer o envolvimento de toda a sociedade educativa: escolas, museus, parques, municipalidades, organismos, empresas etc.” (SAUVÉ, 2005, p. 319). O que ressalta a dimensão ambiental como uma questão que envolve um conjunto de atores do universo educativo. Enrique Leff em seu artigo *Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes* contribui com esse pensamento, quando afirma que a crise ambiental é uma crise da razão, do pensamento, do conhecimento, e que a EA emerge e se funda em um novo saber que ultrapassa o conhecimento objetivo das ciências.

Afinados com os pesquisadores citados, e iniciando nosso, então, projeto, pensamos em pesquisar a produção diária de um veículo de comunicação de cada área de atuação, isto é, uma emissora de rádio, uma TV, um jornal impresso, uma revista e um canal de notícias da Internet, e suas produções diárias da última década. Porém, alertados sobre a necessidade de delimitar o foco, levando em conta o fator tempo para a viabilidade da pesquisa, optamos pela escolha de uma mídia com representação regional, nacional e internacional, e ainda com uma história

consolidada. Dentro desses requisitos, optamos pelo Jornal O Globo, veículo de comunicação com 95 anos de publicações diárias ininterruptas. Trabalhamos com sua versão impressa digitalizada. Definimos como marco temporal, pelo caráter da atualidade, o período 2010 a 2018.

Porém, antes de partirmos para a pesquisa principal, que buscou viés de EA nas matérias jornalísticas sobre a temática ambiental, produzidas pelo Jornal O Globo, no período definido, investigamos o estado da arte desse campo temático na produção acadêmica já existente. O objetivo desse levantamento foi, a partir de conhecer essa produção, saber se valeria a pena o estudo que pretendíamos fazer. Essa pesquisa inicial sinalizou-nos positivamente sobre este campo temático, no sentido de que ele ainda tem muito a ser estudado, e que nossa pesquisa poderia trazer, efetiva, contribuição.

Para apresentar os resultados do nosso trabalho de pesquisa, dividimos o desenvolvimento da Dissertação em três Capítulos. O primeiro Capítulo tem a função de compartilhar este “estado da arte” mencionado. O segundo objetiva apresentar o referencial teórico em que nos baseamos, tanto sobre EA como sobre Comunicação, contando um pouco da história da EA, da discussão conceitual desse campo de conhecimento, e ainda sobre nosso objeto de estudo. E o terceiro e último, visa mostrar nosso estudo de caso e nossas conclusões sobre essa relação da mídia com EA, a partir da análise de conteúdo da produção jornalística do objeto empírico que definimos.

Para a produção do primeiro Capítulo utilizamos a Metodologia já consolidada quando se trata de pesquisas “estado da arte”, que são bibliográficas e de análise de dados. Essa Metodologia se consolidou como a mais adequada para este tipo de pesquisas, porque elas visam trazer à tona a produção quantitativa e qualitativa do campo de pesquisa em questão, com o objetivo de analisar a produção existente e descortinar cenários futuros. Como nos lembra Ferreira (2002):

“...essas pesquisas também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado”. FERREIRA (2002, p. 258)

Dentro deste contexto, definimos como período de levantamento os últimos oito anos de produção, 2010 a 2018, mesmo período em que se desenvolveria nossa pesquisa principal. Demarcado o território temporal, partimos para a definição dos bancos de dados, optando pelo

da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (Capes) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

O próximo passo foi definirmos os grupos de descritores a serem utilizados nas buscas. Em um primeiro momento pesquisamos apenas a combinação de palavras “Educação Ambiental e Mídia”. Dessas, a partir da leitura dos títulos e, em alguns casos, do resumo, selecionamos três trabalhos da Capes, e um da BDTD. A seleção foi feita com base na maior proximidade com o tema a ser pesquisado. Com um número de apenas quatro trabalhos selecionados, entendemos necessário ampliar nosso universo de pesquisa. Acrescentamos os grupos de descritores: EA e Jornalismo, EA e Revistas e EA e Rádio.

A partir da seleção dos trabalhos, sistematizamos as informações gerais que caracterizam cada um deles. O passo seguinte foi o estudo dos trabalhos, buscando observar aspectos como a tendência do campo de pesquisa, interdisciplinaridade, formação do pesquisador, áreas dos cursos de pós-graduação de onde se originaram os trabalhos, anos de produção, objetivo, metodologia, discussão e resultados. Para facilitar o nosso entendimento da tendência desse campo de pesquisa, a partir da análise dos trabalhos, os dividimos em quatro categorias de abordagens: Educomunicação; EA na Mídia Especializada em Meio Ambiente; EA na Mídia não especializada; e EA na Mídia especializada em educação.

Com relação ao segundo Capítulo, nosso método de trabalho foi também a pesquisa bibliográfica, já que neste tópico enfocamos as teorias de EA e de Comunicação, como já explicitado acima. Dessa forma, esta Metodologia foi a que melhor se identificou com nossos objetivos, já que ela visa levantar o conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar o objeto que está sendo investigado (CHIARA, et. al., 2008).

No terceiro e último Capítulo adotamos a Metodologia de pesquisa de campo e análise de conteúdo. Para a pesquisa de campo, depois que escolhemos nosso objeto de estudo e definimos o período, partimos para a especificação dos anos dentro deste período. Nessa fase utilizamos o método de amostragem não probabilística ou intencional, que segue os critérios do pesquisador, responsável por definir as cotas ou julgamentos, (MARCONI; e LAKATOS, 2017). Elegemos dentro de uma quase década - 2010 a 2018 - os anos pares: 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018.

Eleito nosso universo temporal, aplicamos a metodologia de amostragem por semana composta. Ou seja, o primeiro dia a ser pesquisado é definido a partir do sorteio aleatório de um dia da semana, e todos os dias das semanas seguintes, até final do mês, seguem esta sequência. Bauer (2002) explica que a “semana composta” ou “semana artificial” é formada por Unidades de Amostragem (UA) e Unidades de Registro (UR). No caso de estudo de jornais

por datas, as edições diárias são as UAs, e os textos ou matérias jornalísticas são as URs. Ao todo, estudamos 262 edições (UAs), nas quais selecionamos 417 matérias (URs), que abordavam a temática ambiental. Nossa pesquisa foi feita na base de dados das edições digitalizadas do Jornal O Globo, intitulada Memória.

A próxima etapa foi fazermos a leitura de cada um dos 417 textos, buscando viés de EA. Para essa busca, que envolveria a análise de conteúdo de cada uma das matérias, optamos pelo pilar teórico de Lucie Sauvé (2003), utilizando a sua sistematização das proposições pedagógicas no campo da EA, na qual estabelece 15 correntes deste tipo de educação.

Com relação, especificamente, a análise de conteúdo nos baseamos em Bardin (2011), que estabelece em seu método, entre outras, as fases de: organização, codificação, categorização e inferência. A partir da organização do universo dos textos com a temática ambiental, e do estabelecimento das correntes de EA, que representou a fase de codificação, passamos a executar a prática de análise na qual estabelecemos uma categorização geral por ano, e várias subcategorias específicas: Temas (assuntos ambientais mais e menos pautados); Editoriais (editoriais nas quais são publicadas as matérias sobre meio ambiente); Tamanho (espaço que as matérias de temática ambiental ocupam nas páginas do jornal); Recursos de destaque (matérias com chamada na primeira página e ilustração); Matérias com EA (texto nos quais verificamos conteúdo de EA); Matérias sem EA (textos nos quais não encontramos vestígio algum de conteúdo de EA); Matérias com mais de uma corrente de EA; e corrente de EA predominante (a corrente de EA que mais apareceu ano a ano).

Depois de aplicada a Metodologia descrita, expressamos seus resultados em quadros que obedecem às subcategorias, e a partir daí, passamos a fase que Bardin (2011) intitula de “inferência”, na qual procedemos o desenvolvimento do texto analítico quantitativo descritivo (não estatístico), no qual utilizamos frequência absoluta e frequência relativa (percentuais), e qualitativo sobre nossas “descobertas”, que se apresentam no Capítulo 3 dessa Dissertação, como já explicitado acima.

## **Capítulo 1**

### **O ESTADO DA ARTE DO CAMPO TEMÁTICO MÍDIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PESQUISA ACADÊMICA BRASILEIRA**

Que a mídia tem papel estratégico na educação ambiental é praticamente consenso entre estudiosos do assunto. Para Bueno (2007), uma das funções do jornalismo é a

pedagógica, que contempla a explicitação das causas, soluções e os caminhos para a superação dos problemas ambientais por meio da disseminação de informações, conhecimentos e vivências que subsidiem o cidadão para o questionamento e debate ambiental. Cogo (2015) ressalta que o jornalismo tem papel fundamental na problematização sobre a questão socioambiental. Para ela, as práticas jornalísticas devem ter como finalidade a construção da crítica e o respeito à diversidade cultural, “rejeitando proselitismos, debatendo publicamente temas de relevância social, assegurando a expressão de ideias, opiniões e pontos de vista divergentes, e socializando a produção do conhecimento” (CÔGO, 2015, p. 22).

Dentro dessa perspectiva, iniciamos o desenvolvimento da nossa pesquisa com o levantamento do estado da arte, da intercessão dos temas Mídia e Educação Ambiental (EA), na produção acadêmica brasileira.

“Essa compreensão do estado de conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, afim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições, e a determinação de lacunas e vieses” (SOARES, 1987, p. 3).

Nossa sustentação e nossos movimentos ocorreram em face do desafio de conhecer o que já há de construído e produzido nesta área para depois, se possível, buscarmos o que ainda não foi feito (FERREIRA 2002). Nesse empenho de ordenarmos determinada produção de conhecimento também é possível “perceber que as pesquisas crescem e se espessam ao longo do tempo; ampliam-se em saltos ou em movimentos contínuos; multiplicam-se, mudando os sujeitos e as forças envolvidas...” (FERREIRA, 2002, p.265).

Para construirmos este estado de conhecimento, partimos para uma pesquisa de caráter bibliográfico, como explicitado na Metodologia, visando atender ao desafio de mapear e discutir a produção acadêmica neste campo de estudo, tentando observar que aspectos e dimensões vêm sendo destacados, de que formas e em que condições têm sido produzidas as Dissertações de Mestrado e as Teses de Doutorado neste campo temático. Não nos limitamos a resumos - que é fato promovem o acesso mais rápido aos conteúdos - até porque, da mesma forma que FERREIRA (2002), em *As Pesquisas denominadas o “Estado da Arte”*, nos questionamos se é possível tecer um discurso que analise, interrogue, explique

convenientemente cada conjunto de trabalhos produzidos, em uma determinada área do conhecimento, acessando apenas os resumos.

Então, optamos por nos aprofundarmos na leitura da íntegra de treze trabalhos selecionados, dos quais três são Teses de Doutorado e dez são Dissertações de Mestrado. Este conjunto de produção acadêmica foi selecionado a partir da visitação de um total de 6.161 trabalhos, sendo 5.435 no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (Capes), e 726 na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

A visita ao universo da pesquisa obedeceu ao recorte temporal entre 2010 e 2018, e ocorreu como resultado da busca por grupos dos seguintes descritores: Educação Ambiental (EA) e mídia, EA e Jornalismo, EA e Revistas, e EA e Rádio. Em cada combinação de palavras obtivemos resultados numéricos que já começaram a delinear a tendência predominante das pesquisas, e que nos ajudaram a descortinar o cenário em questão. Mas o que nos revelou, efetivamente, esse cenário foi o estudo dos trabalhos.

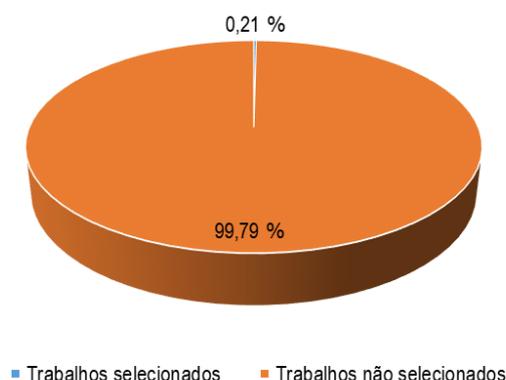
No total levantamos 6.161 pesquisas em resposta aos quatro grupos de descritores buscados nas bases bibliográficas. No primeiro momento, quando trabalhamos apenas com os descritores “Mídia e Educação Ambiental”, encontramos 2.975 trabalhos na Capes e dois na BDTD. Desses, a partir da leitura dos títulos e, em alguns casos, do resumo, selecionamos, baseados na maior proximidade com o tema a ser pesquisado, três trabalhos da Capes e um da BDTD. Com a inclusão dos outros três grupos de descritores “EA e Revistas”, “EA e Jornalismo” e “EA e Rádio” ampliamos nosso universo de pesquisa.

No primeiro grupo foram encontrados, 420 trabalhos na Capes, e 227 na BTD, dos quais foram selecionados três do primeiro banco de dados, e um do segundo. Com a combinação de palavras “EA e Revistas” localizamos 1.439 trabalhos na Capes, entre os quais selecionamos um, e 285 no BTD, dos quais selecionamos três. Com as palavras-chaves “EA e Rádio” obtivemos 601 achados na Capes, sendo que apenas um desses trabalhos foi selecionado, e 212 no BTD, porém sem nenhum se enquadrar em nosso critério de seleção, que foi, a partir da leitura do título, resumo ou parte dele, detectar aspectos mais próximos possíveis do nosso tema de pesquisa.

O total de pesquisas encontradas evidencia que existe uma farta produção de pesquisas sobre EA isoladamente, e também sobre os vários instrumentos da mídia como jornais, revistas, rádios, entre outros. Porém, quando se parte para o campo que entrelaça esses dois temas, os números despencam, e reduzem mais ainda quando se busca trabalhos que estudem perspectivas da mídia como educadora ambiental na sua produção jornalística cotidiana. Neste universo de Teses e Dissertações encontradas foram selecionados somente treze trabalhos. Estes dados

revelam que o número de pesquisas na intersecção entre Mídia e Educação Ambiental apresenta participação inferior a 0,5% do total (**Figura 1**), portanto, é uma produção pequena.

Figura 02. Participação percentual das pesquisas que envolvem a temática Mídia e Educação ambiental no total de trabalhos encontrados pelos descritores de busca nas bases bibliográficas CAPES e BDTD, no período entre 2010 e 2018.



**Fonte: Autoria própria (2019)**

Por outro lado, é perceptível que este campo desperta interesse em pesquisadores de diferentes formações e de programas de pós-graduação de áreas diversas. Os trabalhos que selecionamos são de programas de pós-graduação das áreas de: desenvolvimento sustentável (um), educação científica e tecnológica (um), educação (dois), comunicação social/jornalismo (um), ciências da saúde e do ambiente (dois), gestão ambiental (um), sustentabilidade e gestão ambiental (um), educação ambiental (um), Ensino de Ciências Modalidade Física, Química e Biologia (um), agronegócio e Desenvolvimento (um) e geografia (um). Os pesquisadores têm formações originais variadas como em jornalismo, arquitetura, engenharia, pedagogia e biologia, entre outras, como mostra **Quadro 01**:

Quadro 01: Formação dos pesquisadores, áreas de pesquisa dos Programas de Pós-Graduação, interdisciplinaridade dos Programas e ano de Produção

Trabalho	Autor	Formação do Autor	Área de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação	Ano de Produção
1. Telejornalismo e educação ambiental : formação do sujeito consumidor	Cristiane Leite Pereira	Jornalismo	Desenvolvimento Sustentável <b>(Interdisciplinar)</b>	2011

2. Mídia como instrumento de educação e de formação da consciência ambiental aborda- gens na educação tecnológica	Fernando Teixeira	Arquitetura	Educação Científica e Tecnológica <b>(Interdisciplinar)</b>	2011
3. A revista nova escola e as tendências em educação ambiental	Susana Mezzari	Biologia	Educação <b>(Disciplinar)</b>	2012
4. O Discurso das Mudanças Climáticas no Diário Catarinense	Cristian Madalena Derosa	Jornalismo	Jornalismo <b>(Disciplinar)</b>	2013
5. Representações Sociais de Educação ambiental para estudantes: Jornalismo como estratégia pedagógica	Angélica Aparecida Silva Arieira	Jornalismo	Ciências da Saúde e do Ambiente <b>(Interdisciplinar)</b>	2013
6. Comunicação, Cultura e Linguagem: o rádio como instrumento para a prática de educação ambiental na Província do Cunene (República de Angola)	Benedito Lilongeni Sipandeni	Ciências da Comunicação	Gestão Ambiental <b>(Interdisciplinar)</b>	2013
7. Mídia em Educação Ambiental: O uso do recurso tecnológico audiovisual no cotidiano escolar	Moysés Farias das Chagas	Comunicação Social - Rádio e TV	Ciências da Saúde e do Ambiente <b>(Interdisciplinar)</b>	2013
8. A Prática de Educação Ambiental no âmbito do ensino formal: estudos publicados em	Patrícia de Lourdes Viegas	Engenharia Ambiental	Sustentabilidade e Gestão Ambiental <b>(Interdisciplinar)</b>	2013

revistas Acadêmicas Brasileiras (2007 a 2012)				
9. O Telejornalismo Local e seus Modos de Produzir sentidos em educação Ambiental	Maria de Fátima Côgo	Jornalismo	Educação <b>(Disciplinar)</b>	2014
10. O Dispositivo da Educação Ambiental: modos de Constitui-se Sujeito na Revista Veja	Bárbara Hees Garré	Pedagogia	Educação Ambiental <b>(Interdisciplinar)</b>	2015
11. Análise de mídias audiovisuais sob a perspectiva da educação ambiental crítica e dos professores da educação básica'	Marcia Cristina Bacic	Biologia	Ensino de Ciências Modalidade Física, Química e Biologia <b>(Interdisciplinar)</b>	2015
12. Comunicação e educação ambiental: uma análise de conteúdo da revista XXI Ciência para a Vida da Embrapa	Fábio Freitas dos Santos	Engenharia Ambiental	Agronegócio e Desenvolvimento <b>(Interdisciplinar)</b>	2017
13. Estado da arte das produções na Revista Brasileira de Educação Ambiental de 2010 a 2016	Angela Maria Kreuz	Geografia	Geografia <b>(Disciplinar)</b>	2017

**Fonte: Autoria própria (2019)**

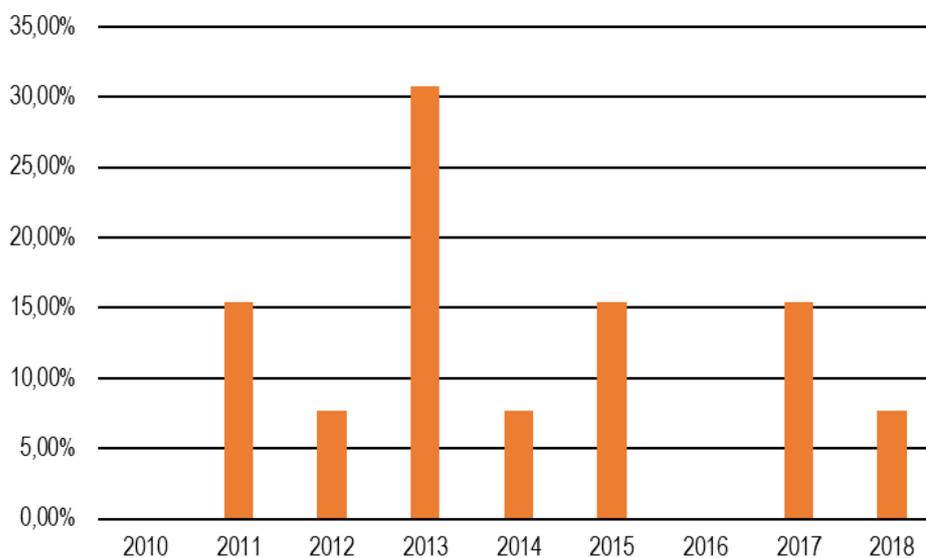
Do **Quadro 01** obtemos também a informação que dos cursos de pós-graduação, no âmbito dos quais foram produzidas as Teses e as Dissertações selecionadas, 69,23% são interdisciplinares e 30,77% são disciplinares. Essa variedade de área de pesquisa, de formação do pesquisador e o quantitativo de cursos interdisciplinares confirmam o caráter de interdisciplinaridade assumido cada vez mais como característica da área ambiental.

A interdisciplinaridade é de grande importância para que a educação possa assumir seu papel na edificação de sociedades sustentáveis, e a base para isso é o pensamento crítico e inovador, favorecendo a transformação e a construção de uma sociedade igualitária. A educação ambiental não é neutra, mas ideológica, inserindo-se numa perspectiva holística e, revelando assim seu caráter político (TOZONI-REIS, 2002; BARBIERI, 2011).

São diversos olhares e inúmeras e diferentes percepções, o que para vários autores é um dado positivo. Pitanga (2001) defende que a construção de uma racionalidade ambiental demanda a transformação dos paradigmas científicos e a produção de novos conhecimentos, para isso é necessário que haja o diálogo, a hibridação e a integração dos saberes. A defesa de Pitanga vai ao encontro do posicionamento de Leff (2010), que ressalta ser a integração de diversos especialistas nas áreas do conhecimento fator que garante uma integração interdisciplinar do conhecimento e cria bases para um desenvolvimento realmente sustentável.

Com relação à análise da produção anual, extraímos da compilação feita no **Quadro 01** e evidenciada na **Figura 02**, que o ano de maior produção foi 2013, quando quatro dos trabalhos selecionados foram produzidos. Dois são de 2011, um de 2012, dois de 2015, dois de 2017 e um de 2018. Dos trabalhos produzidos em 2010, 2014 e 2016 nenhum atendeu ao quesito de proximidade do nosso objeto de estudo, portanto, não houve selecionados.

Figura 02. Percentual de trabalhos produzidos anualmente sobre mídia e educação ambiental selecionados nos bancos de dados Capes e BDTD, no período entre 2010 e 2018.



Fonte: Autoria própria (2019)

Partindo para a busca de possível motivação de um maior número de pesquisas em 2013, levando-se em conta que os quatro trabalhos produzidos neste ano foram Dissertações de Mestrado, e que um trabalho deste tipo tem seu início de produção, normalmente, dois anos antes de sua publicação, fomos em busca dos fatos da área ambiental no ano de 2011 que possam ter inspirado os pesquisadores.

O ano de 2011 foi marcado, segundo retrospectivas de vários veículos de comunicação, entre eles a Revista Exame, nossa fonte, por muitos desastres ambientais relacionados às mudanças climáticas. Um dos trabalhos publicados em 2013 tratou justamente do Discurso das Mudanças Climáticas.

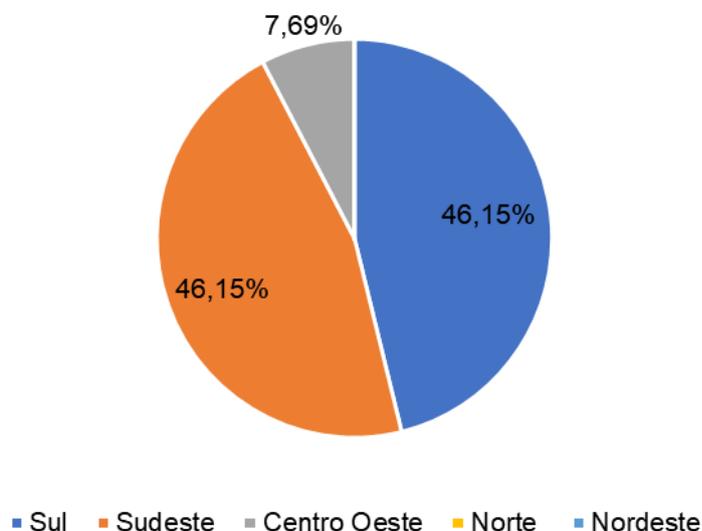
Os primeiros fatos citados na matéria retrospectiva da área ambiental da Revista Exame foram o terremoto no Japão, de nove graus de magnitude, que fez renascer o medo nuclear, e o tsunami de 11 de março no mesmo País. Segundo as notícias divulgadas pela mídia, as duas ocorrências deixaram mais de 20 mil mortos e desaparecidos, além de cidades destruídas.

A retrospectiva da mídia no final deste ano revelou também que ele entrou para a história como o décimo mais quente desde 1958, quando os cientistas começaram a registrar a temperatura da terra. Neste ano, a Agência Espacial Europeia, a partir das medições dos satélites de observação do planeta, concluiu que a camada de gelo do ártico diminuiu ao menor nível já registrado desde 1970. Foi um ano ainda marcado por erupções vulcânicas. Na Europa, o vulcão islandês Grimsvotn, e na América do Sul, o vulcão Puyehue, situado na cordilheira dos Andes, adormecido por mais de 50 anos, entraram em atividade.

No Brasil o ano foi marcado pela tragédia na região serrana do Rio de Janeiro, devido às chuvas que culminaram em muitos deslizamentos de terra, considerado, pela mídia até àquele momento, o mais trágico que já acometeu o país. Foram dezenas de mortos. Neste ano também a usina de Belo Monte, no rio Xingu, Estado do Pará, foi objeto da produção de um vídeo por artistas de renome nacional, que se posicionaram contra a construção da usina, e ocorreu ainda a votação do Código Florestal Brasileiro no Congresso Nacional.

Com relação à localização regional da produção das pesquisas dentro do recorte temporal que observamos e de proximidade com a temática em estudo, ficou claro que as Regiões Sul e Sudeste do País, lideram a produção, como mostra **Figura 03**.

Figura 03. Percentual da participação, por região, na produção dos trabalhos sobre mídia e educação ambiental selecionados nos bancos de dados Capes e BDTD, no período entre 2010 e 2018.



**Fonte: Autoria própria (2019)**

No que se refere à localização das produções por unidades federativas, os Estados de Santa Catarina e São Paulo estão à frente. O **Quadro 02**, abaixo, revela que seis das Teses e Dissertações foram desenvolvidas em universidades da Região Sul, das quais três no Estado de Santa Catarina, uma no Rio Grande do Sul e uma no Paraná. E seis em universidades da Região Sudeste, das quais três no Estado de São Paulo, uma no Rio de Janeiro e uma no Espírito Santo. A Região Centro-Oeste responde por uma produção, feita no Distrito Federal. Nas universidades das Regiões Norte e Nordeste não foram registradas produções de trabalhos no período pesquisado.

Quadro 02: Universidades e Estados em que foram produzidos os trabalhos que envolvem a temática Educação Ambiental e Mídia, selecionados nos bancos de dados Capes e BDTD, no período 2010 e 2018.

Trabalho	Universidade/Estado
1. Telejornalismo e educação ambiental: formação do sujeito consumidor	Universidade de Brasília (UnB) / Brasília
2. Mídia como instrumento de educação e de formação da consciência ambiental abordagens na educação tecnológica	Universidade Federal de Santa Catarina / Santa Catarina

3. A revista nova escola e as tendências em educação ambiental	Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) / Santa Catarina
4. O Discurso das Mudanças Climáticas no Diário Catarinense	Universidade Federal de Santa Catarina / Santa Catarina
5. Representações Sociais de Educação ambiental para estudantes: Jornalismo como estratégia pedagógica	Centro Universitário de Volta Redonda / Rio de Janeiro
6. Comunicação, Cultura e Linguagem: o rádio como instrumento para a prática de educação ambiental na Província do Cunene (República de Angola)	Universidade Positivo (UP) / Paraná
7. Mídia em Educação Ambiental: O uso do recurso tecnológico audiovisual no cotidiano escolar	Centro Universitário Plínio Leite/ Rio de Janeiro,
8. A Prática de Educação Ambiental no âmbito do ensino formal: estudos publicados em revistas Acadêmicas Brasileiras (2007 a 2012)	Universidade Federal de São Carlos/ São Paulo
9. O Telejornalismo Local e seus Modos de Produzir sentidos em educação Ambiental	Universidade Federal do Espírito Santo / Espírito Santo
10. O Dispositivo da Educação Ambiental: modos de Constitui-se Sujeito na Revista Veja	Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Rio Grande do Sul
11. Análise de mídias audiovisuais sob a perspectiva da educação ambiental crítica e dos professores da educação básica'	Universidade de São Paulo (USP) / São Paulo
12. Comunicação e educação ambiental: uma análise de conteúdo da revista XXI Ciência para a Vida da Embrapa	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) / São Paulo
13. Estado da arte das produções na Revista Brasileira de Educação Ambiental de 2010 a 2016	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) / Paraná

**Fonte: Autoria própria (2019)**

### **Abordagens**

Nosso estudo revelou que dentro da grande área Mídia e EA os trabalhos têm áreas específicas de abordagem. Dividimos essas abordagens em quatro categorias, conforme mostra

**Quadro 03**, as quais ordenamos levando em conta o maior número de registros:

- 1) Trabalhos que abordam direta ou indiretamente a EA nas escolas ou instituições de ensino, envolvendo o uso de mídias para o seu desenvolvimento, o que é chamado por muitos autores de Educomunicação. Essa abordagem ocorreu em cinco dos treze trabalhos.
- 2) Trabalhos que abordam a EA na produção da mídia que se intitula especializada em meio ambiente. Encontramos três registros com essa característica;
- 3) Trabalhos que abordam a produção da mídia, não especializada, no seu aspecto de promover ou não EA nos seus conteúdos. Esses trabalhos, os quais encontramos três produções, são os que mais se aproximam do nosso objeto de pesquisa;
- 4) e trabalhos que abordam a produção de mídias especializadas em educação, abordagem a qual foram encontrados dois registros.

Quadro 03: Categorias em que se enquadram as Teses e Dissertações que envolvem a temática Mídia e Educação Ambiental, selecionados nos bancos de dados Capes e BDTD, no período 2010 e 2018.

<b>Trabalho</b>	<b>Categoria</b>
1. Telejornalismo e educação ambiental: formação do sujeito consumidor	EA na Mídia especializada em meio ambiente
2. Mídia como instrumento de educação e de formação da consciência ambiental abordagens na educação tecnológica	Educomunicação
3. A revista nova escola e as tendências em educação ambiental	EA na Mídia especializada em educação
4. O Discurso das Mudanças Climáticas no Diário Catarinense	EA nas Mídias não especializadas
5. Representações Sociais de Educação ambiental para estudantes: Jornalismo como estratégia pedagógica	Educomunicação
6. Comunicação, Cultura e Linguagem: o rádio como instrumento para a prática de educação ambiental na Província do Cunene (República de Angola)	EA na Mídia especializada em meio ambiente
7. Mídia em Educação Ambiental: O uso do recurso tecnológico audiovisual no cotidiano escolar	Educomunicação

8. A Prática de Educação Ambiental no âmbito do ensino formal: estudos publicados em revistas Acadêmicas Brasileiras (2007 a 2012)	Educomunicação
9. O Telejornalismo Local e seus Modos de Produzir sentidos em educação Ambiental	EA nas Mídias não especializadas
10. O Dispositivo da Educação Ambiental: modos de Constitui-se Sujeito na Revista Veja	EA nas Mídias não especializadas
11. Análise de mídias audiovisuais sob a perspectiva da educação ambiental crítica e dos professores da educação básica'	Educomunicação
12. Comunicação e educação ambiental: uma análise de conteúdo da revista XXI Ciência para a Vida da Embrapa	EA na Mídia especializada em meio ambiente
13. Estado da arte das produções na Revista Brasileira de Educação Ambiental de 2010 a 2016	EA na Mídia especializada em educação

**Fonte: Autoria própria (2019)**

Como mostra a **Figura 04**, abaixo, o período estudado revelou a existência de uma predominância de trabalhos voltados para Educomunicação. A prática implica na implementação de políticas de comunicação educativa, que têm como objetivo geral o planejamento, a criação e o desenvolvimento de ecossistemas educativos mediados por processos de comunicação e pelo uso das tecnologias da informação (SOARES, 2004).

O Programa de Educomunicação Sociambiental do Ministério do Meio Ambiente (MMA) relata que a partir da conclusão de pesquisa sobre a relação Comunicação/Educação, coordenada pelo professor Ismar de Oliveira Soares junto ao Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (USP/NCE), entre 1997 e 1999, o termo Educomunicação passou a ser usado para designar não apenas os esforços em torno da leitura crítica das mensagens midiáticas, mas as ações que compõem o complexo campo da inter-relação Comunicação e Educação. Soares (2004) apresentou academicamente o termo sem, contudo, criar uma nova área de conhecimento, mas tentando legitimar práticas dos comunicadores populares e sistematizar o movimento social em torno do que até então também era chamado de comunicação/educação ou inter-relação comunicação e educação.

Para Soares (2004), o campo da Educomunicação, portanto, é o resultado da inter-relação entre a Comunicação e a Educação e abrange quatro áreas de intervenção: (a) a educação para

os meios, que promove reflexões e forma receptores críticos; (b) o uso e manejo dos processos de produção midiática; (c) a utilização das tecnologias de informação/comunicação no contexto ensino/ aprendizagem; e (d) a comunicação interpessoal no relacionamento entre grupos.

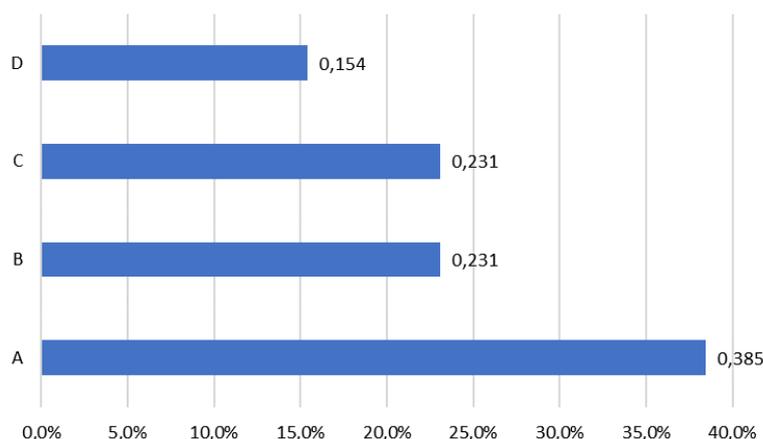
Educação e mídia têm em comum o potencial de empoderar as pessoas porque suas bases são fundamentadas no conhecimento e no saber.

“Ao se analisar as relações que se estabelecem entre mídia e educação, fica evidenciada a forte influência que os meios de comunicação vêm exercendo constantemente sobre os processos de ensino. Mesmo que possam ser reconhecidas, em vários aspectos, como instâncias antagônicas e possuidoras de interesses distintos, mídia e educação guardam entre si algumas semelhanças, destacando-se o fato de se constituírem em elementos por onde se processa, permanentemente, a circulação do saber” (TEIXEIRA, 2011, p. 80).

Os trabalhos estudados apontam a necessidade de formação continuada para os professores, e, dentro dessa formação, a obtenção de conhecimento no lidar com os instrumentos de comunicação de forma a maximizar a utilização pedagógica deles.

“Nos dias de hoje, é necessário que, nós professores, tenhamos uma visão crítica a respeito da mídia, desenvolvendo uma visão consciente do seu papel social. Somos muitas vezes formadores de opiniões, daí a importância da reflexão na presença dos meios de comunicação. Ter uma consciência crítica, partindo da realidade e da dinâmica do conhecimento, é fundamental. Antes de qualquer coisa, deve-se repensar a educação, suas fontes, seus conhecimentos e a forma de inclusão dos meios de comunicação nesse processo. Para tanto, necessitamos da formação continuada desses profissionais” (MEZZARI, 2012, p. 112).

Figura 04. Percentual das categorias nos quais se encontram os trabalhos que envolvem o campo temático mídia e educação ambiental selecionados nos bancos de dados Capes e BDTD, no período entre 2010 e 2018.



**A=** Educomunicação

**B=** EA na Mídia Especializada em Meio Ambiente

**C=** EA na Mídia não especializada

**D=**EA na Mídia especializada em educação

**Fonte: Autoria própria (2019)**

Os trabalhos sobre Educomunicação apontam que os educadores precisam buscar metodologias significativas, criativas e alternativas de EA, “de modo a associarem teoria e prática, e, ao mesmo tempo, ampliem seus olhares em torno do real sentido de EA” (MEZZARI, 2012, p. 11). Eles ressaltam também a importância de dominar a informação para poder transformar as relações da sociedade com o meio ambiente: “o domínio da informação está diretamente ligado ao poder de interferir e reorientar as relações humanas e da sociedade com a natureza” (PEREIRA, 2011, p.18).

Com relação às concepções de EA praticadas pela mídia, observamos nos trabalhos que se inseriram nas três categorias que envolvem, especificamente, EA e Mídia, que a mais utilizada é a pragmática. Esse tipo de prática de EA propõe somente uma intervenção solucionadora do problema, sem se preocupar muito com a causa dele, apresenta foco na ação, na busca de soluções para os problemas ambientais e em propostas de normas a serem seguidas para resolver as questões (SILVA, 2007). Conforme CRESPO (1998) essa categoria de educação ambiental pode ter suas raízes no ambientalismo pragmático ou ecologia de resultados.

Silva (2007) estabelece três tipos de concepções de EA: a conservadora, a pragmática e a crítica. De acordo com a autora, a primeira busca transmitir conhecimentos ambientais, acreditando que essas informações possam contribuir para a geração de mudanças de atitudes. A segunda - detectada como a mais praticada pela mídia na nossa pesquisa -, incorpora a ação individual ou coletiva, embora de maneira pontual, como forma de possibilitar o desenvolvimento sustentável, mas não leva em conta os conflitos socioambientais. E a terceira, a crítica, busca a transformação social através da reflexão e ação sobre os conflitos ambientais, identificando e responsabilizando os setores sociais que respondem pela degradação ambiental e pela injustiça social. Ressaltamos que as concepções de EA serão mais aprofundadas no capítulo 2 dessa Dissertação.

Na Dissertação *Telejornalismo e educação ambiental: formação do sujeito consumidor*, um dos trabalhos estudados, é explicitado que são raros os momentos em que se notaram traços de EA crítica nos telejornais especializados em meio ambiente. A concepção crítica parte do princípio que homem integra a natureza com singularidades que o diferem de outras espécies, sem que isso se induza a uma concepção do homem, fora da natureza ou um ser biológico dissociado do natural (PEREIRA, 2010).

A EA crítica é colocada por muitos estudiosos como a EA que, efetivamente, é capaz de promover uma transformação do *modus operandi* da sociedade com relação ao meio ambiente. Loureiro (2009) diz não serem aceitáveis, a partir da compreensão de uma EA emancipatória e transformadora, soluções que tentem compatibilizar meio ambiente e capitalismo – que na sua avaliação são incompatíveis - ou ainda opções moralistas que desvinculem o fator comportamental do fator histórico-cultural da estruturação da sociedade.

Na nossa pesquisa ficou explícita a capacidade da mídia em construir discursos, que seriam oficializados – no sentido de ganhar credibilidade popular – pela estatística. Para Garré (2015) a fabricação dos discursos ocorre a partir dos enunciados, e são legitimados com o auxílio de saberes, como os números explicitados pela estatística. Também verificamos que a Teoria do Agendamento ou *hipótese da agenda setting* - teoria da comunicação cujo pressuposto fundamental é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade lhes é fornecida pela mídia (WOLF, 2002), e que, como os conceitos de EA será aprofundada na Capítulo 2 -, funciona, ou seja, muitas vezes a sociedade é, efetivamente, agendada pela mídia.

“É sabido que os debates realizados socialmente têm como tema, em grande parte, o que é retratado pela imprensa como importante e ‘digno de nota’. Isso se deve, especialmente, ao fato de que é raro o contato primário pelos integrantes do público com todos os acontecimentos noticiados diariamente. A dependência da sociedade com o trabalho da imprensa é reconhecida em função dessa impossibilidade, derivada diretamente da abrangência de eventos com os quais lidam os jornalistas” (CRISPIM, 2003, pgs. 75 e 76).

Ao longo deste levantamento do estado da arte foi constatado ainda que há o reconhecimento da importância da mídia na divulgação dos temas ambientais e do seu potencial de educadora ambiental. “É com grande influência dos meios de comunicação que a humanidade, hoje, toma contato com os problemas ambientais e procura rediscutir seus modelos de desenvolvimento e sua atuação no meio ambiente” (PEREIRA, 2011, P. 18). Como é externado no trabalho que investiga a produção noticiosa do Jornal Diário Catarinense sobre mudanças climáticas, há consenso acadêmico e científico sobre o papel do jornalismo no exercício da sua função de reforçar a cidadania para o aperfeiçoamento do debate público (DEROSA, 2013).

Por outro lado, inferimos também deste levantamento que há uma fragmentação e uma descontextualização na forma como a mídia trata os temas relacionados ao meio ambiente. Existem aspectos ideológicos, políticos e mercadológicos que envolvem os meios de comunicação de massa, que muitas vezes não contribuem para que possam ser feitas análises mais aprofundadas dos temas tratados.

O que estudamos e apresentamos neste primeiro capítulo dão-nos firmeza no nosso propósito de estudo porque revelam que este é ainda um campo temático fértil, no qual as pesquisas se fazem necessárias para descortinar novos horizontes desta área de conhecimento. O capítulo seguinte do desenvolvimento da nossa Dissertação será dedicado a apresentação da sua fundamentação teórica.

## Capítulo 2

# HISTÓRIA, CORRENTES E CONEXÕES: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EA, SUA DIVERSIDADE DE PENSAMENTO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

### 1. Questões conceituais e históricas

Embora já tenhamos tratado de algumas concepções da EA no primeiro capítulo, entendemos necessário o aprofundamento maior das suas questões históricas e conceituais. Identidades, tendências, concepções, conceitos, tipos, formatos, correntes e etc, encontramos um pouco de tudo isso no estudo sobre EA, o que nos revelou estar ainda em processo de construção a organização teórica dessa área de conhecimento, relativamente nova.

Os primeiros movimentos internacionais e nacionais em que a EA esteve em pauta datam da década de 70. O pensar essa vertente da educação nasceu em socorro às alterações realizadas no meio ambiente. “A EA se constrói historicamente a partir de uma concepção de problema e de crise, na qual é necessário aliar forças para salvar o planeta. Isto se torna visível quando voltamos nossa atenção para os grandes encontros e conferências mundiais que desencadearam a EA enquanto um campo de saber” (GARRÉ, 2015, p. 60). É como se ela ainda estivesse dando os seus primeiros passos em busca da sua própria identidade. No campo teórico não existe ainda um consenso sobre as concepções/correntes/identidades/grupos que permeiam as práticas de EA (TOZONI-REIS, 2007).

Se suas práticas ainda estão em processo de organização, e isso, provavelmente, tem a ver com o caráter de urgência que marca seu aparecimento, sua conceituação não se caracteriza diferentemente. Em nosso mergulho nesse estudo encontramos conceitos que variam dos genéricos aos que imprimem um peso de grande responsabilidade a este campo do saber. Para Layrargues (2004), EA é o nome que, historicamente, se convencionou dar às práticas educativas relacionadas à questão ambiental. Por outro lado, um conjunto de pesquisadores do tema a define como sendo um importante processo educativo de caráter permanente que, por meio de ações individuais e coletivas, revela-se numa perspectiva interdisciplinar, complexa e sustentável que busca a construção de valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências na relação do ser humano e natureza (SAUVÉ, 1997; SATO, 2002; BRASIL, 2005; MORALES, 2009).

Dentro da linha de conceituação que envolve valores sociais, Tozoni-Reis (2004, p. 147) define EA como

“A atividade intencional da prática social que imprime ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, com o objetivo de potencializar essa atividade humana, tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental”.

A autora destaca que essa atividade exige sistematização através de metodologia que imprima organização aos processos de transmissão/apropriação crítica de conhecimentos, atitudes e valores políticos, sociais e históricos. De onde conclui que se a educação tem o papel de mediar a atividade humana, articulando teoria e prática, a educação ambiental tem o papel da apropriação, pelos sujeitos, das qualidades e capacidades necessárias à ação transformadora responsável diante do ambiente em que vivem. Para ela, a gênese do processo educativo ambiental “é o movimento de fazer-se plenamente humano pela apropriação/transmissão crítica e transformadora da totalidade histórica e concreta da vida dos homens no ambiente” (TOZONI-REIS, 2004, p. 147).

Viezzler (2007) endossa esse entendimento de EA cuja essência é formar protagonistas de um processo de transformação. Na conceituação da autora, dentro da perspectiva dos atores sociais, EA significa formar sujeitos de ação emancipadora, em condições de perceber seu potencial de ator capacitado a participar do processo de construção de uma sociedade sustentável, ética, justa e solidária. Ela ressalta que, neste sentido,

“interessam os mecanismos de produção de conhecimento e de transformar a informação em instrumentos de promoção de qualidade de vida, de um desenvolvimento sustentável, e de um processo político, transparente e participativo. Os atores sociais e a informação são uma construção social e tudo depende dos atores que a produzem, divulgam e utilizam” (VIEZZER, 2007, p 36).

Esse potencial transformador da EA, ressaltado pelos autores acima, caracteriza a educação, de um modo geral, dentro das linhas de Paulo Freire (2005), para quem a educação é o processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana. Segundo Freire há duas espécies de educação: a dominadora e a libertadora. A primeira apenas descreve uma realidade e transfere este conhecimento. Já a segunda é ato de criação do conhecimento e método de ação-reflexão para a transformação da realidade (COSTA, 2015). É nesse segundo caso que se enquadraria a EA.

Esse enquadramento é visivelmente assumido por Reigota (2009), Sato e Carvalho (2009) ao afirmarem que EA é uma educação política. Nesta afirmação eles interconectam EA à corrente crítico-reflexiva freireana, que destaca uma concepção pedagógica humanista crítica, emancipatória e transformadora da realidade. Essa *práxis* é uma reflexão dos homens sobre o mundo e, ao mesmo tempo, uma ação para transformá-lo. “A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente como estão sendo no mundo com que, e em que se acham” (FREIRE, 2005, p.40).

Os três autores concordam que a EA sozinha não vai solucionar todos os problemas socioambientais do planeta, mas ressaltam que ela pode, efetivamente, dar grande contribuição e estímulo decisivos para isso, porque vai somar para a formação de indivíduos conscientes de seus direitos e deveres, atuante no pensar e propor resoluções dos problemas, e na busca de alternativas em suas comunidades. Embora, os efeitos não sejam instantâneos, são enraizados na ética e no profundo conhecimento sobre a realidade global (REIGOTA, 2009; SATO; CARVALHO, 2009).

Para Reigota (2009), a EA, na qualidade de educação política, deve dar ênfase à ética e estabelecer prioridade ao “por que” fazer, para depois se dedicar ao “como” fazer. Como essa prática, a EA cooperaria para que a conscientização da sociedade humana, que passaria a atuar de forma reflexiva, consciente, empoderada, reivindicando seus direitos por justiça social, cidadania, autogestão e ética nas relações sociais e com o meio ambiente.

Mas essa característica conceitual de ser transformadora e empoderadora não está presente em toda e qualquer manifestação de EA. Como informamos no início dessa discussão teórica, há vários tipos ou tendências ou identidades ou correntes ou estilos ou percepções ou escolas de EA. Não intencionamos um esgotamento do tema, apenas uma exposição da discussão existente para podermos contextualizar nossa opção teórica de análise, que será explicitada mais à frente. A EA que se enquadra na característica transformadora é a chamada Educação Ambiental Crítica, adjetivo herdado da concepção de educação freireana, como já exposto.

Carvalho (2004) mostra algumas formulações da EA crítica, como a promoção da compreensão dos problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões (geográficas, históricas, biológicas, sociais e subjetivas) e as várias interrelações entre elas, mediadas pelos vários saberes.

A autora também reforça que essa prática de EA contribui para mudar os atuais padrões de uso e distribuição dos bens ambientais rumo a formas mais sustentáveis e justas. Enfatiza ainda que o projeto político-pedagógico de uma EA crítica poderia ser definido como a formação de um sujeito capaz de ler seu ambiente e interpretar as relações, os conflitos e os

problemas que existem neles. Um diagnóstico crítico das questões ambientais e a autocompreensão do lugar ocupado pelo sujeito em tais relações são o ponto de partida para o exercício (e conquista) de uma cidadania ambiental.

### **1.1 EA nasce para enfrentar conjuntura ambiental**

Como Garré (2015) ressaltou, a EA, em sua origem, tem um caráter de salvadora do planeta, o que faz nascer com um perfil, predominantemente, conservacionista/preservacionista. Perfil que foi consequência do cenário de problemas ambientais que a fizeram necessária. Ela surgiu como uma ferramenta de solução para uma conjuntura ambiental mundial com recursos hídricos poluídos, florestas em processo acelerado de redução, faunas e floras ameaçadas de extinção, poluição do ar, efeito estufa, derretimento de geleiras, mudanças climáticas, enfim, toda a herança do modo de vida pós Revolução Industrial vindo à tona. De acordo com os registros históricos o termo Educação Ambiental foi usado pela primeira vez, em 1965, na Conferência de Educação da Universidade de Kee Le, na Grã-Bretanha.

A partir desse berço, a EA se constituiu com a função de ser resolutiva, de ajudar a promover um desenvolvimento sustentável, de resgatar a relação saudável do homem com a natureza, de construir uma moral, uma ética na relação do homem com o meio ambiente, de desenvolver um sentimento de pertencimento no próprio homem com a relação ao mundo material em que vive. E essas suas várias funções – citadas anteriormente apenas algumas -, nomeiam as outras vertentes práticas, concepções, correntes de EA.

Com o objetivo de identificar concepções de EA nas atividades desenvolvidas em uma Unidade de Conservação, Mello (2000) as caracterizou em três grupos: Conservador, Ecologia Social e Ecologia Política. Essas categorizações nascem de uma concepção mais ligada aos aspectos naturais até alcançarem uma concepção ligada à visão mais integrada do meio ambiente, que envolve questões culturais, sociais, históricas, políticas, entre outras. Também observamos que a noção de sustentabilidade, que integra, de um lado o desenvolvimento sustentável e, de outro, as sociedades sustentáveis, também caracteriza as diferentes concepções de EA.

Layrargues (2004), ao coordenar um trabalho no Ministério do Meio Ambiente, estabelece identidades para EA, organizando-a em: Crítica, Emancipatória, Transformadora, Ecopedagógica, Educação no Processo de Gestão Ambiental, e Alfabetização Ecológica.

Tozoni-Reis (2007) sintetiza as diferentes abordagens de concepções e práticas de EA em cinco grandes grupos:

“i) “educação ambiental como promotora de mudanças de comportamentos (disciplinatória e moralista); ii) educação ambiental para a sensibilização ambiental (ingênua e imobilista); iii) educação ambiental centrada na ação para a diminuição dos efeitos predatórios dos sujeitos (ativista e imediatista); iv) educação ambiental centrada na transmissão de conhecimentos técnico-científicos (racionalista e instrumental); e, v) educação ambiental como processo político de apropriação crítica e reflexiva de conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos que tem por objetivo a construção de uma sociedade sustentável do ponto de vista ambiental e social, sendo transformadora e emancipatória” (TOZONI-REIS, 2007, p. 179).

Layrargues e Lima (2014), no artigo “As Macrotendências Político-Pedagógicas da Educação Ambiental Brasileira” admitem as várias concepções existentes de EA, mas entendem que todas podem ser resumidas em três macrotendências que são: Conservacionista, Pragmática e Crítica. Segundo eles a EA Conservacionista tem suas origens vinculadas aos primórdios do ambientalismo. Sua pauta prioritária são os princípios ecológicos e tem baixo potencial transformador. Essa macrotendência se expressa pelas correntes Conservacionista, Comportamentalista, da Alfabetização Ecológica, do Autoconhecimento e de atividades de senso-percepção ao ar livre. “É uma tendência histórica, forte e bem consolidada entre seus expoentes, atualizada sob as expressões que vinculam EA à pauta verde, como biodiversidade, Unidades de Conservação, determinados biomas, ecoturismo e experiências agroecológicas” (LAYRARGUES E LIMA, 2014, p. 30).

A macrotendência Pragmática - já mencionada no capítulo anterior, não como macrotendência, mas como concepção mais utilizada, nas pesquisas já existentes, envolvendo EA e Mídia - tem origem urbano-industrial. É alinhada ao modelo de desenvolvimento neoliberal e utiliza uma lógica de compensação para corrigir as imperfeições do sistema, é expressão do ambientalismo de resultados e do pragmatismo contemporâneo. Abrange as correntes da Educação para o Desenvolvimento Sustentável e para o Consumo Sustentável. “Tem suas raízes no estilo de produção e consumo advindos do pós-guerra, e poderia apresentar uma leitura crítica da realidade, se aproveitasse o potencial crítico da articulação das dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas e ecológicas na reflexão sobre o padrão de lixo gerado no atual modelo de produção” (LAYRARGUES E LIMA, 2014, p. 31). Mas não apresenta essa leitura, sua trajetória apontou idelogicamente para o viés que lhe nomeia.

Já a macrotendência Crítica propõe reflexão sobre os modos de produção e os mecanismos de controle social, busca um enfrentamento das desigualdades socioambientais de forma

participativa e emancipatória. Aglutina as correntes da EA Emancipatória, Popular, Transformadora e no Processo de Gestão Ambiental.

“Pode-se dizer que a EA Crítica, no Brasil, foi impulsionada por um contexto histórico politizante e de maior complexidade onde incidiram: a redemocratização após duas décadas de ditadura militar; o surgimento de novos movimentos sociais expressando novos conflitos e demandas entre as quais as ambientais; o ambiente favorável da Conferência do rio em 1992; e o amadurecimento de uma consciência e de uma cultura socioambiental” (LAYRARGUES E LIMA, 2014, p. 33).

No artigo “Uma Cartografia das Correntes em Educação Ambiental” Lucie Sauvé lembra que, mesmo demonstrando preocupação com o meio ambiente e reconhecendo o papel central da educação para melhorar a relação do homem com este, os autores – aí incluindo-se pesquisadores, pedagogos, professores, associações, organizações entre outros - adotam diferentes discursos sobre EA. Ela ressalta, de forma crítica, que cada um predica sua própria visão e “formam-se ‘igrejinhas’ pedagógicas que propõem a maneira ‘correta’ de educar o ‘melhor’ programa, o método adequado” (SAUVÉ, 2005, p. 17).

Com esse posicionamento e tentando apreender as diversas correntes teóricas e práticas de campo, Sauvé (2005) sistematizou 15 correntes de EA, elaborando uma espécie de mapa do território pedagógico da área ambiental. As correntes são divididas em dois grupos: as que têm uma longa tradição, surgidas entre as décadas de 70 e 80; e as mais recentes. No primeiro grupo enquadram-se sete correntes: a) Naturalista, b) Conservacionista/Recursista, c) Resolutiva, d) Sistêmica, e) Científica, f) Humanista, e, g) Mora/Ética. No segundo grupo, com oito correntes, estão: a) Holística, b) Biorregionalista, c) Práxica, d) Crítica, e) Feminista, f) Etonográfica, g) Ecoeducação, e, h) Sustentabilidade. A partir desta divisão, a autora apresenta as correntes levando em conta a concepção de meio ambiente dominante em cada uma, o objetivo da EA, enfoques privilegiados, e as estratégias ou modelos de práticas.

Apesar de não termos dissertado sobre todas as possibilidades de categorizações existentes no âmbito da EA, as já expostas mostram a grande diversidade de tendências que convivem e disputam a hegemonia simbólica e objetiva do campo da EA (LAYRARGUES, 2014). E, diante da necessidade de procedermos análises das matérias jornalísticas buscando vestígios de EA, objetivo do nosso trabalho, enfrentamos a obrigatoriedade de optarmos por uma. Escolhemos a abordagem de Sauvé (2003) por entendê-la uma ferramenta teórica abrangente de análise, que se adequa às percepções que buscamos nas leituras dos textos

jornalísticos. Portanto, descreveremos abaixo cada uma das correntes apresentadas pela autora, considerando: nome da corrente, objetivo e enfoque.

- Naturalista

Esta corrente entende o meio ambiente como a natureza. Seus objetivos são desenvolver estratégias que possibilitem a reconstrução da ligação do homem com a natureza, utilizando como principais enfoques o sensorial, o experiencial, o afetivo, o cognitivo e o criativo estético. Como exemplos de estratégia para a prática dessa EA a Sauvé (2003) cita: a imersão, a interpreta o, jogos sensoriais e atividades de descoberta.

- Conservacionista/Recurista

Esta corrente entende o meio ambiente como um recurso. Busca em sua prática criar no seu público alvo comportamentos de conserva o do meio ambiente e, ao mesmo tempo, desenvolver habilidades relativas   gestão ambiental. Seus enfoques dominantes são o cognitivo e o pragmático. Como exemplos de estratégias de desenvolvimento desta EA, a autora cita a produ o de guia ou código de comportamentos, auditoria ambiental e projeto de gestão/conserva o. Sauvé (2005) ressalta que nos locais onde há escassez de recursos, como em estado de guerra, por exemplo, a educa o para a conserva o sempre foi parte da educa o familiar.

- Resolutiva

Nesta corrente o entendimento do meio ambiente   que ele   um problema ou um conjunto deles. E isso tem a ver com o seu surgimento nos anos 70, quando o mundo experimentava o crescimento, em ritmo acelerado, dos problemas ambientais. Dessa forma, sua prática visa diagnosticar estes problemas e desenvolver habilidades para solucioná-los. Da mesma forma que a corrente Conservacionista/Recurista, a Resolutiva   investida da objetividade de contribuir para modificar comportamentos. Nos Estados Unidos ela chegou a ser institucionalizada como prática nacional. Seus enfoques dominantes têm são o cognitivo e o pragmático. Entre suas estratégias de a o Sauvé (2003) cita: estudos de caso a partir da análise de situa o problema, e experiência de resolu o de problema associada a um projeto.

- Sistêmica

Nesta corrente o meio ambiente é concebido como um sistema. A análise adotada leva sempre em conta todo o conjunto envolvido na questão e por isso “permite conhecer e compreender adequadamente as realidades e as problemáticas ambientais” (SAUVÉ, 2005, p 22), identificando, dessa forma, os diferentes componentes de um sistema ambiental e observando as relações entre eles. Essa corrente visa desenvolver esse pensamento sistêmico no seu público alvo para que ele possa, compreendendo em suas profundidades as realidades ambientais, tomar decisões apropriadas. O enfoque predominante dessa corrente é o cognitivo, e sua estratégia de ação pode ser, por exemplo, estudo de casos com análises de sistemas ambientais.

- Científica

Esta corrente adota todo um protocolo científico para poder imprimir um maior rigor às realidades e problemáticas ambientais, buscando identificar as relações de causa e efeito. “Entre as proposições associadas a este campo, várias provém de autores ou pedagogos que se interessaram pela educação ambiental a partir de preocupações do âmbito da didática das ciências, ou mais ainda do campo de interesse em ciências do meio ambiente” (SAUVÉ, 2005, p. 23). Os objetivos dessa corrente de EA são que seu público alvo adquira conhecimento em ciências ambientais, e desenvolva habilidades relativas à experiência científica. Seus enfoques dominantes são o cognitivo experimental, e entre suas estratégias estão: estudo de fenômenos, observação, demonstração, experimentação, e atividade de pesquisa hopotético-dedutiva.

- Humanista

Esta corrente tem como foco a dimensão humana do meio ambiente, “construído no cruzamento da natureza e da cultura” (SAUVÉ, 2005 p. 25). Os seguidores desta corrente entendem que o ambiente não pode ser compreendido apenas como um conjunto de elementos biofísicos, mas ele precisa ser visto como um meio de vida, envolvendo suas condições históricas, culturais, políticas, econômicas e estéticas. Esta corrente objetiva que seu público alvo possa conhecer o meio ambiente e conhecer-se melhor em relação a ele, e, nesse processo, desenvolver um sentimento de pertencimento ao meio ambiente. As estratégias de práticas citadas por Sauvé (2003) são estudo do meio, itinerário ambiental e leitura de paisagem.

- Moral/Ética

Para esta corrente o meio ambiente é um objeto de valores morais/éticos, e é nesse nível que ela procura intervir para solucionar as problemáticas ambientais. “...diversas proposições de educação ambiental enfatizam o desenvolvimento dos valores ambientais. Alguns convidam para a adoção de uma ‘moral’ ambiental, prescrevendo um código de comportamentos socialmente desejáveis, como os que o ecocivismo propõe” (SAUVÉ, 2005 p.26). Os objetivos desta corrente é dar prova de ecocivismo e desenvolver um sistema ético. Seus enfoques predominantes são o cognitivo, afetivo e moral, e seus exemplos de estratégia, citados por Sauvé (2003) são a análise de valores, defini o de valores e crítica de valores sociais.

- Holística

Esta corrente se estabelece em uma crítica aos enfoques exclusivamente analíticos e racionais das realidades ambientais. Os educadores que a adotam atribuem, inclusive, a esta forma de abordagem analítica e racional muitos problemas ambientais existentes. “  preciso levar em conta não apenas o conjunto das múltiplas dimensões das realidades socioambientais, mas também das diversas dimensões da pessoa que entra em rela o com estas realidades, da globalidade e da complexidade do seu ‘ser-no-mundo’” (SAUVÉ, 2005 p). Algumas proposi es desta corrente têm preocupa es do tipo psicopedagógicas, outras estão fundamentadas em uma visão de mundo em que todos os seres estão relacionados entre si. O que leva a um atuar no meio ambiente e com o meio ambiente. A concep o de meio ambiente desta corrente   de que ele   o todo, incluindo o ser humano. Seus objetivos são desenvolver as múltiplas dimensões do ser humano em intera o com o conjunto de dimensões do meio ambiente, e desenvolver um conhecimento orgânico do mundo e ainda um atuar participativo em e com o meio ambiente (SAUVÉ, 2003). A autora cita como exemplos de estratégia a explora o livre, visualiza o, oficinas de cria o e integra o de estratégias complementares.

- Biorregionalista

O Biorregionalismo nasce com o desiludir, da sociedade, com rela o   industrializa o e   urbaniza o.   nessa quebra de estado de encantamento com esses dois fen menos sociais que a humanidade se volta para ser biorregional.   um movimento socioecológico, que tem interesse particular na dimensão econ mica da gestão do meio ambiente (SAUVÉ, 2005). Essa corrente de EA tem como inspira o uma  tica ecoc trica, desenvolvendo uma rela o especial com o meio local e regional, desenvolvendo sentimento de pertencimento e valoriza o deste meio. Seus objetivos são o desenvolvimento de competências em ecodesenvolvimento

comunitário local ou regional. Seus enfoques predominantes são o cognitivo, o afetivo, o experiencial, o pragmático e o criativo, segundo SAUVÉ, 2003. Ela dá como exemplos de estratégia a exploração do meio, projeto comunitário e a criação de ecoempresas.

- Prática

Na concepção dessa Corrente de EA meio ambiente é um cadinho de ação/reflexão. “O objetivo essencial é de operar uma mudança em um meio (nas pessoas e no meio ambiente) e cuja dinâmica é participativa, envolvendo os diferentes atores de uma situação por transformar” (SAUVÉ, 2005, p.29). Esta EA visa desenvolver competências de reflexão, aprender em, para e pela ação. Seu enfoque predominante é o prático, e seu exemplo de estratégia, sistematizado por Sauvé, 2003,   a pesquisa-a o.

- Crítica

Embora já tenha sido bastante explorada neste conjunto de referencial teórico, acreditamos importante inserir ainda esta corrente sob o enfoque de Sauvé, mesmo que seja para ressaltar o que já foi dito por outros autores. Nessa corrente de EA, Sauvé enfatiza que o meio ambiente   tido como um objeto de transforma o, lugar de emancipa o. Portanto, os objetivos dessa corrente   desconstruir as realidades socioambientais, visando transformar o que causa problema, Sauvé, 2003. Seus enfoques dominantes são o prático, o reflexivo e o dialog stico. A autora cita como estratégia a análise e discurso, estudos de caso, debates e pesquisa-a o. E lembra que as correntes prática e crítica muitas vezes são associadas uma a outra.

- Feminista

A corrente feminista se utiliza da denúncia das rela o es de poder dentro dos grupos sociais, prática também adotada pela corrente crítica. Porém, a ênfase da feminista está nas rela o es de poder que os homens ainda exercem sobre as mulheres. “Uma liga o estreita ficou estabelecida entre as mulheres e a natureza; trabalhar para reestabelecer rela o es harm nicas com a natureza   indissociável de um projeto social que aponta para a harmoniza o das rela o es entre os humanos, mais especificamente entre homens e mulheres” (SAUVÉ, 2005, p.32). Sua concep o de meio ambiente   que este seja um objeto de solicitude. O objetivo dessa corrente   integrar os valores feministas   rela o com o meio ambiente, sendo seus enfoques predominantes o intuitivo, afetivo, simbólico, espiritual e criativo/est tico. Sauvé (2003) cita como exemplos de estratégia os estudos de caso, a imersão, oficina de cria o, atividade de intercâmbio e atividade de comunica o.

- Etnográfica

Para essa corrente o meio ambiente é um território, um lugar de identidade, natureza/cultura, a EA não deve impor uma visão de mundo, mas levar em consideração a cultura de referência das populações ou das comunidades que fizerem parte do processo. A corrente etnográfica tem como proposta não apenas fazer a adaptação da pedagogia às diferentes realidades culturais, mas também se inspirar nas pedagogias de diversas culturas que têm outras propostas de relação com o meio ambiente, SAUVÉ, 2003. Os objetivos de EA passam por reconhecer a relação muito próxima entre natureza e cultura, aclarar sua própria cosmologia, e valorizar a dimensão cultural da sua relação com o meio ambiente. Ela tem como principais enfoques o experiencial, intuitivo, afetivo, simbólico, espiritual e criativo/estratégico, se diferenciado, em termos de enfoques, da corrente feminista apenas pelo enfoque experiencial. Sauvé (2003) destaca entre as estratégias dessa corrente são contos, narrações e lendas, além de estudos de casos imersão e modelização.

- Ecoeducação

O meio ambiente é um polo de interação para a formação pessoal. Um cadinho de identidade. Essa é a concepção de meio ambiente dessa corrente, direcionada pelo entendimento de que não se trata de resolver problemas, mas de aproveitar a relação com o meio ambiente para o desenvolvimento pessoal, no sentido de um atuar significativo e responsável. “O meio ambiente é entendido como uma esfera de interação fundamental para a ecoformação ou para a ecoontogênese” (SAUVÉ, 2005 p.35). A autora define o objetivo dessa corrente de EA como o experimentar o meio ambiente para experimentar-se e formar-se em e pelo meio ambiente, no sentido de construir uma melhor relação com o mundo. Os enfoques dominantes dela são o experiencial, sensorial, intuitivo, afetivo, simbólico e criativo. Seus exemplos de estratégia, citados, envolvem o relato de vida. Imersão, exploração, introspecção, escuta sensível, alternância subjetiva/objetiva e brincadeiras.

- Projeto de Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade

A ideia da possibilidade de o desenvolvimento ocorrer concomitantemente com a preservação do meio ambiente, o que passou a se chamar desenvolvimento sustentável cresceu nos anos 80 e aos poucos chegou ao movimento da EA, tornando-se a tendência mais comum, “se impôs como uma perspectiva dominante” (SAUVÉ, 2005, p.37). A base dessa perspectiva é o uso dos recursos de forma que possam se recompor e não faltar para as futuras gerações.

Para a autora, essa corrente conceitua o meio ambiente como recursos para o desenvolvimento econômico, recursos esses que devem ser compartilhados. Ela enumera como objetivos desta EA a promoção do desenvolvimento econômico respeitoso dos aspectos sociais e do meio ambiente, e ainda a contribuição para esse desenvolvimento (SAUVÉ, 2003). Seus enfoques dominantes são o pragmático e o cognitivo, e suas estratégias de ação envolvem estudo de casos, experiência de resolução de problemas, projetos de desenvolvimento de sustentação e sustentável.

### **1.2 Leis e eventos que culminaram na EA de hoje**

No Brasil a promoção da EA hoje é um dos princípios da Política Nacional de Meio Ambiente (Lei 6.938/81). E conta com lei específica, que é a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei 9.795/1999), na qual é determinada sua obrigatoriedade como processo permanente em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal. O capítulo 1 dessa Lei estabelece que todos têm direito à EA, e no seu inciso III define aos Meios de Comunicação de Massa (MCM) – para os quais nós adotamos, nesse trabalho, a nomenclatura de mídia - a responsabilidade de colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e ainda incorporar a dimensão ambiental em sua programação, nesse caso se referindo a veículos de comunicação como rádio e TV. Essas políticas, teoricamente, materializam a importância que é dada ao meio ambiente na Constituição Brasileira (1988), na qual é assegurado o direito de todos, inclusive, das futuras gerações, ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. Mas essas conquistas, em termos de legislação nacional, não aconteceram da “noite para o dia”. Foi um processo longo de lutas e debates nacionais e internacionais, iniciadas a pelo menos cinco décadas. O **Quadro 4** - transportado em quatro figuras para o nosso trabalho, e que mantém o mesmo número da publicação original-, traz um resgate histórico de vários desses momentos de 1972 a 2012. É uma espécie de “túnel do tempo”, elaborado por Kreuz (2018, p. 29 a 32).

**Quadro 4:** Linha do tempo histórica: das legislações do Meio Ambiente à EA (1972 a 2012)

Ano	Mês	Dia	Fato	Descrição
1972	-	-	Conferência das Nações Unidas	Seu tema foi sobre o Ambiente Humano e ocorreu em Estocolmo
1976	Nov.	17	Lei Estadual no. 1.172	Fez a delimitação das áreas de proteção dos mananciais, dos cursos e reservatórios de água. Impôs normas e restrições ao uso do solo.
1977	Abr.	19	Decreto no. 9.714	Fez a aprovação do Regulamento das Leis no.898 e 1.172, as quais dispuseram sobre o uso do solo na proteção dos mananciais da Região Metropolitana da Grande São Paulo.
1979 -	Dez.	19	Lei no. 6.766	Utilizaram o planejamento territorial como instrumento para a degradação ambiental.
1980	Jul.	2	Lei no. 6.803	
1981	Ago.	31	Lei no. 6.938	Sisnama e o Conama, que "(...) permitem a legitimidade ao Ministério Público para propor ação de responsabilidade civil e criminal por danos causados ao meio ambiente".
1997	Out.	07 -	Área de EA formal abordada como: "EA formal: papel, desafios, metodologias e capacitação" pela "Declaração de Brasília para EA"	Resultado da 1ª. Conferência Nacional de EA, ocorrida de 7 a 10 de outubro de 1997, em Brasília-DF. (BRASIL, 2008). O evento também expôs as diversidades de práticas de EA desenvolvidas no Brasil.
1997	-	-	Marco das Teleconferências de EA	Foram transmitidas por Satélite à TV's a cabo e a TV Escola. Duas das pautas em discussão foram as práticas em meio escolar e o estado da arte da EA do MEC.
1997	-	-	Produção de materiais didáticos e desenvolvimento de parcerias na disseminação da EA, com diferentes setores.	O produtor da produção foi o MEC, desenvolvendo por meio de eventos locais, regionais e nacionais de EA.,
1997	-	-	CEA's proporcionavam o oferecimento e orientação pedagógica.	Neste ano já haviam CEA's estruturadas pelas organizações públicas e privadas, gerando parcerias.
1997	-	-	Foi apresentada a primeira série dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)	A PCN obteve grande repercussão em âmbito escolar em todo o Brasil.
1998	-	-	Apresentou-se a PCN de 5ª. A 8ª. Série.	Com o diferencial de temas transversais aparecendo em todas as disciplinas,

				desenvolvendo a interpretação da realidade por meio da análise crítica.
1999	Abr.	27	Lei 9.795/99	Institucionalização da Política Nacional de EA. O sancionamento da Lei foi festejado entre educadores em todo o Brasil.
1999	Maio	-	Priorização na formação continuada; disseminação de informação sobre EA, no ensino formal; e articulação de parcerias entre Universidades, ONGs e sistemas de ensino.	A nova coordenação do MEC priorizou esses três pontos em uma proposta de incorporação em diferentes níveis de ensino de EA.
2000	Mar.	-	Ocorreu a oficina de trabalho “Panorama da EA no ensino fundamental em Brasília”	A oficina gerou um diagnóstico em relação ao desenvolvimento da EA no ensino formal, e como consequência, meios para levar sua inserção no meio escolar, como política pública.
2001	-	-	Lançamento dos parâmetros em ação – Meio Ambiente na Escola.	Foi lançado em comemoração ao Dia Mundial do Meio Ambiente, trazendo novidades aos formadores do ensino fundamental, como professores levados à reflexão de um fato por meio de diversos prismas.
2001	-	-	Maior parte das Secretarias Estaduais de Educação já estava atuando no departamento ou diretoria de currículo ou de estudos pedagógicos no Ensino Fundamental, responsáveis pela EA.	Fato foi detectado no II Encontro Nacional de Representantes das Secretarias da Educação, a COEA, como levantamento de órgãos públicos de EA.
2003	Nov.	28 a 30	I Conferência Nacional do Meio Ambiente	A mesma ocorreu em Brasília, e teve como um de seus temas o “Vamos Cuidar do Brasil com as Escolas”
2004	-	-	Criação da RevBEA	Criação e meios de publicação da RevBEA
2005	Maio a Ago.	-	Lançamento do Programa Chico Mendes	O Programa fomenta projetos de EA no ensino básico, buscando melhoras na relação escola-comunidade.

2010	-	-	Publicações da RevBEA passam a ser On line.	Início das publicações de forma On Line na RevBEA, que antes eram impressas.
2012	-	-	Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável	A mesma objetivou renovar o acordo político em relação ao desenvolvimento sustentável.

Org. KREUZ, 2018

A Conferência das Nações Unidas, realizada em Estocolmo, em 1972, que teve como tema o Meio Ambiente Humano, é considerada por muitos autores como um marco do início desse processo, embora militantes da causa ambientalista existam desde a década de 50.

Porém, foi a partir da década de 70 que assuntos como o uso dos recursos naturais e desastres ambientais naturais ou não passaram a ser mais pautados pela mídia, e não se pode perder de vista que nesse momento a cobertura jornalística nacional enfrentava forte censura militar (FENAJ, 2012). Nesse contexto, “um dos episódios mais conhecidos no meio jornalístico foi a prisão de Randau Marques, um dos primeiros a divulgar a causa ambiental, penalizado após publicação de reportagens que denunciavam a contaminação por chumbo e a intoxicação de gráficos e sapateiros na cidade paulista de Franca” (CÔGO, 2105, p.45).

Como mostra a sistematização de Kreuz (2018), acima, foi na década de 70 que o Brasil instituiu suas primeiras leis e decretos que visaram delimitar áreas de proteção ambiental. Também foi criada, em 1973, em cumprimento às decisões da Conferência de Estocolmo, a primeira Secretaria de Meio Ambiente (SEMA), que que era ligada à Presidência da República.

Na década de 80, mais, especificamente, em 1981 passamos a ter uma Política Nacional de Meio Ambiente, que entre outros temas, deu grande destaque a EA, adotando-a como princípio. Em 1992, embora não tenha registro na sistematização de Kreuz (2018), a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cnumad), realizada no Rio de Janeiro, foi o primeiro grande encontro do gênero depois de Estocolmo, e deixou claro a forma como a humanidade encara sua relação com o planeta. Para muitos ambientalistas foi nesse evento que ocorreu a consolidação da EA de forma significativa, porque durante o Fórum Global, evento

paralelo à Conferência, organizado por movimentos da sociedade civil, foi criada a Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA), uma grande malha nacional de redes de educadores ambientais. Sua carta de princípios é o Tratado de Educação Ambiental para Sociedade Sustentáveis e Responsabilidade Global.

A característica principal da Rio 92 foi a admissão, pela comunidade política internacional, de que era necessário conciliar desenvolvimento socioeconômico com a utilização racional planejada e com caráter de maior cuidado dos recursos da natureza. Esse evento também ficou conhecido como a Cúpula da Terra, e dele nasceu a Agenda 21, cujo capítulo 36 propõe um esforço global para fortalecer atitudes, valores e ações ambientalmente saudáveis e voltadas para o desenvolvimento sustentável por meio da promoção da educação e do ensino. Este capítulo da Agenda é baseado na Declaração e nas Recomendações da Conferência Intergovernamental de Tbilisi sobre EA, organizada pela UNESCO e o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) e realizada em 1977 (MMA, 2019).

Em 1997, ano que mereceu cinco registros na sistematização de Kreuz, 2018, Brasília sedia a 1ª. Conferência Nacional de EA que traz à tona as diversidades das práticas desse tipo de educação no Brasil. No finalzinho dos anos 90, a EA ganha sua própria lei. Neste mesmo ano, a partir da política de EA institucionalizada, o Ministério da Educação estabelece a obrigação da EA em todos os níveis de ensino, priorizando, entre outros pontos, a elaboração de parcerias entre ONGs, universidade e outros estabelecimentos de ensino, deixando claro o caráter transversal da EA desejada.

Em 2003, ocorreu em Brasília, a 1ª. Conferência Nacional do Meio Ambiente, cujo um dos objetivos foi mobilizar, educar e ampliar a participação popular na formulação de propostas para um Brasil sustentável. O evento contou com 65 mil pessoas de todo o Brasil.

Em 2004 foi criada a Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), “fruto da organização e da capacidade de mobilização da Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA). Tem um formato eclético (acadêmico e não acadêmico), em função do vasto e heterogêneo perfil dos protagonistas em EA do Brasil. Alia-se às inúmeras publicações internacionais e nacionais, oferecendo um outro espaço que possa revelar vivências, experiências, ensaios ou reflexões teóricas sobre a EA” (RevBEA, 2019)

No ano seguinte, 2005, foi lançado o Programa Chico Mendes, que fomenta projetos de EA no ensino básico. O programa é gerenciado pela Coordenação Geral de EA (CGEA) do Ministério da Educação, que “a partir de uma visão sistêmica do

enraizamento da EA no ensino escolar formal, baseia-se em quatro áreas de atuação: a Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente; Formação Continuada de Professores e Estudantes (Vamos Cuidar do Brasil com as Escolas); Inclusão Digital com Ciência de Pés no Chão; e a Educação de Chico Mendes” (MEC, 2019).

Em 2012 ocorreu, no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, marcando 20 anos da Rio 92, por isso chamada de Rio+20. Este evento foi a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável. Foram avaliados os progressos e as lacunas das decisões tomadas no primeiro evento. Foram também tratados os temas ambientais mais novos e urgentes, e resultou no documento O Futuro que Queremos. “O documento final fornece fundação firme para um bem-estar social, econômico e ambiental”, declarou o Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon, no encerramento da Rio+20. No entanto, este documento foi muito criticado na mídia por ecologistas, organizações sociais e até delegações de governos. A maior crítica foi que ele tem poucos avanços, e que apenas reafirma acordos já estabelecidos em eventos anteriores do mesmo tipo, como a Eco 92 e a Rio+ 10, adiando o debate de questões polêmicas.

Com esse resgate de alguns fatos marcantes nesse processo de consolidação da EA não objetivamos esgotar ou mesmo aprofundar o assunto. Muitos fatos aconteceram e não estão no registro de Keuz (2018), e nem nos nossos. A ideia foi apenas ressaltar que a EA se estabeleceu com uma bandeira de luta, e uma luta que, como todo processo educacional, é contínua. “A Educação Ambiental é um processo permanente, ou seja, vivido ao longo de toda a vida, em todos os espaços políticos e sociais dos quais participamos e em todas as nossas relações” (MMA, 2018, p.27).

## **2. Teorias da Comunicação**

Nossa pesquisa tem como desafio esse “meio de campo’ entre EA e Mídia, portanto, não poderíamos deixar de abordar, neste capítulo mais dedicado aos referenciais teóricos, mesmo que de forma breve, as teorias da comunicação. Não existe uma Teoria da Comunicação, mas algumas. A partir do século XX apareceram muitas escolas com o objetivo de tentar explicar as várias formas de comunicação, e, nesse contexto, surgiu também o conceito de *mass media* ou comunicação de massa. Elas nasceram de pesquisas de áreas como psicologia, antropologia, sociologia, linguística e filosofia, entre outras. Porém, para irmos ao encontro do objetivo da nossa pesquisa, que é verificar a atuação ou não da mídia como educadora ambiental, a partir da análise de sua produção, vamos

nos ater, especificamente, à teoria que entendemos melhor fundamentar o poder da mídia sobre os atos da sociedade, ou seja, à que se destina e estudar como a mídia interfere na seleção dos assuntos sobre os quais a sociedade conversa, debate e se envolve, que é a Teoria do Agendamento ou *hipótese da agenda setting*, já mencionada de forma breve no primeiro capítulo.

O conceito de agendamento, que usa a metáfora da agenda, tem origem com o jornalista norte americano, Walter Lippman. Ele tem grande atuação em pesquisas de opinião na primeira metade do século passado, seu trabalho, consultado até hoje, é reconhecido como uma das mais respeitadas obras de estudo de cultura de massa e opinião pública da época. Mas a formulação do conceito *Agenda Setting* surge nos Estados Unidos com Maxwell E. McCombs e Donald Shaw, na década de sessenta.

Nos estudos das Teorias da Comunicação a *Agenda Setting* está incluída nas novas tendências da pesquisa em comunicação, que seriam as tendências capazes de ultrapassar o debate ideológico, nas quais as anteriores estariam emperradas (WOLF, 2002). A *Agenda Setting* não defende a ideia de que a mídia dita, determina o comportamento das pessoas - como algumas outras Teorias da Comunicação o fazem - mas parte do pressuposto que ela fornece, por empréstimo, a compressão que as pessoas têm de grande parte da realidade (SHAW, 1979, p.96). E essa influência da mídia é considerada de longo prazo.

De acordo com a Teoria em questão, é como se o público, inconscientemente, tivesse atribuído à mídia o papel de selecionar o que lhe seria interessante em vários (ou em todos) aspectos da vida. “Em consequência da ação dos jornais, da televisão ou de outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm a tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelo *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas” (SHAW, 1979, p.96).

Estudiosos dessa Teoria ressaltam o aspecto preocupante das consequências das distorções, que podem ocorrer no processo de produção da notícia, sobre o público, considerando seus efeitos de logo prazo.

“Na medida em que o destinatário não é capaz de controlar a precisão da representação da realidade social, tendo por base um

*standard* exterior aos *mass media*, a imagem que, por intermédio dessa representação ele forma, acaba por ser distorcida, estereotipada ou manipulada” (ROBERT, 1972, p.380).

A Agenda Setting, coloca, portanto, o problema de uma continuidade a nível cognitivo, entre as distorções que ocorrem no momento da produção da informação e os critérios de relevância, de organização dos conhecimentos, que o público alvo dessa informação absorve e se apropria (WOLF, 2002).

A Teoria deixa claro que a mídia age no conjunto de conhecimentos sobre a realidade social, formando a cultura da sociedade e agindo sobre ela. Essa ação, segundo a pesquisadora Noelle Neumann, possui três características básicas: acumulação, que é a capacidade da mídia para criar e manter a relevância de um tema; consonância, que é o fato de as semelhanças no processo de produção das notícias serem maiores que as diferenças; e a onipresença, ou seja, a capacidade da mídia estar em todos os lugares e com o consentimento do público (NEUMANN, 1973).

A *Agenda Setting* destaca ainda que há uma diversidade entre a quantidade de informações, conhecimentos e interpretações da realidade, que as pessoas absorvem por meio da mídia, e as experiências pessoais vividas por elas (WOLF, 2002). De acordo com Wolf o postulado principal dessa teoria é o impacto direto, mesmo que não imediato, da notícia sobre o seu consumidor, que para essa teoria se configura em dois níveis: “a) a ordem do dia dos temas, assunto e problemas presentes na agenda dos *mass media*; b) a hierarquia de importância e de prioridade, segundo a qual esses elementos estão dispostos na ordem do dia” (WOLF, 2002, p. 147). Ou seja, a mídia influencia diretamente nos assuntos que as pessoas conversam diariamente e nos fatos que elas consideram importantes e prioritários ou não. É fato estudado e comprovado que a mídia tem esse poder, porém será que ela o usa como meio de cumprir o papel que lhe é delegado, em lei, de promover a educação ambiental?

## **2.1 Função da Mídia**

Se resolvermos fazer uma pesquisa, e perguntarmos para as pessoas qual é a função ou qual é o papel da mídia, da imprensa ou dos meios de comunicação como rádio, TV, jornais e revistas impressas e Internet, provavelmente, a resposta mais comum será: informar. Isso porque informação, esse bem social imprescindível, é o que normalmente as pessoas buscam quando acessam a mídia. “A complexidade das sociedades contemporâneas não permite a cada um observar diretamente todos os fatos concernentes,

nem dá a todos a capacidade de interpretá-los coerentemente, profissionalmente. Esse é o papel da imprensa” (MOTTA, 2002, p.16). Mas não para por aí. O papel da mídia vai um pouco além disso, ou melhor, esse “informar”, que deve ser o resultado do trabalho do jornalista, tem uma função também de formar cidadãos.

Para o jornalista da área ambiental e um dos autores do livro Meio Ambiente no Século XXI, André Trigueiro, o papel do jornalista é fundamental para estimular uma abordagem mais aprofundada, e a partir disso promover valores mais solidários, que tenham como foco o coletivismo e o bem comum (TRIGUEIRO, 2003). No que se refere à questão ambiental, ele defende que ela tem que ser observada, pelos jornalistas, sob uma ótica mais holística porque abre as portas e se conecta com os aspectos: econômico, social e político (TRIGUEIRO, 2003).

A posição desse autor faz eco com a de Wilson da Costa Bueno, jornalista, professor, pesquisador da área de intercessão da comunicação com o meio ambiente, e autor de livros sobre o tema também. Para Bueno, as funções básicas do jornalismo, que se destina à cobertura ambiental, podem ser definidas como três: informativa, pedagógica e política. Ele explica que a primeira função tem o objetivo de:

“preencher a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental, considerando o impacto que determinadas posturas (hábitos de consumo, por exemplo), processos (efeito estufa, poluição do ar e água, contaminação por agrotóxicos, destruição da biodiversidade, e etc) e modelos (como o que privilegia o desenvolvimento a qualquer custo) tem sobre o meio ambiente, e por extensão, sobre sua qualidade de vida” (BUENO, 2007 p. 35).

A função pedagógica – já mencionada, de forma breve, no capítulo anterior - se refere a deixar claro as causas e possíveis soluções para os problemas ambientais, que incluem, necessariamente, segundo o autor, a participação dos cidadãos. E, a terceira função, a política, entendida aí no seu sentido mais amplo, está relacionada “à mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental” (BUENO, 2007, p. 35). O autor acrescenta à função política do jornalista uma:

“Vigilância permanente com relação à ação dos governantes, que por omissão ou comprometimento com os interesses empresariais ou de grupos privilegiados da sociedade, não elaboram e não põem

em prática políticas públicas que contribuam, efetivamente, para reduzir a degradação ambiental” BUENO, 2007, p.36).

Bueno (2007) destaca a importância dos jornalistas não se limitarem às fontes oficiais, e valorizarem os saberes das comunidades tradicionais, utilizando-os também como fontes de informação. E essa sua percepção da necessidade de a mídia dar atenção a diversos saberes, além dos oriundos da academia, é compartilhada por outros autores da área ambiental. “O saber ambiental integra o conhecimento racional e o conhecimento sensível (...) vincula os potenciais ecológicos e a produtividade nequentróica do planeta com a criatividade cultural dos povos que o habitam” (LEFF, 2009, p. 18).

É como se o traduzir para os cidadãos o saber ambiental desse ao jornalista uma responsabilidade extra. Para Bueno o jornalismo ambiental deve construir o seu próprio ethos, “ainda que compartilhe parcela significativa de seu DNA com todos os jornalisismos (especializados ou não) que se praticam por aí. Simplesmente porque comprometido com a qualidade de vida e com o efetivo exercício da cidadania, ele não pode reduzir-se à sedução do progresso tecnológico, do esforço quase que socialmente injusto pelo aumento do PIB e da produção de grãos ou espelhar-se no egoísmo desmobilizado da intelectualidade brasileira” (BUENO, 2007, p.36).

Mas será que em meio a rotina diária das redações, que trabalha com o fator tempo, e sob as pressões editoriais dos veículos de comunicação - que são empresas privadas com fins comerciais que gerem lucro - o jornalista da pauta ambiental consegue “dar conta” dessa responsabilidade que, teoricamente, lhes é atribuída?

O próprio Bueno (2007) aponta “síndromes” que têm impedido o jornalista ambiental de cumprir suas funções. De acordo com o autor esse profissional da mídia sofre de cinco síndromes: do Zoom ou do Olhar Vesgo; do Muro Alto; da Lateralização das Fontes; das Indulgências Verdes; e da Baleia Encalhada. A primeira tem a ver com a redução do foco de cobertura, “ a fragmentação que retira das notícias e reportagens ambientais a sua perspectiva inter e multidisciplinar” (BUENO, 2007, p.37). Essa síndrome teria sido intensificada pela segmentação jornalística, ou seja, a divisão em editorias.

Quando o autor fala em Síndrome do Muro Alto, se refere à tentativa de tornar o debate ambiental despolitizado, ou seja, desvincular a vertente técnica das vertentes política, econômica e da sócio-cultural.

“Na prática, ela (a síndrome) situa a vertente técnica como a prioritária e busca desqualificar todos aqueles que veem a questão ambiental a partir de um cenário mais abrangente. Ela respalda o discurso da elite e busca excluir o cidadão comum e mesmo determinados segmentos da sociedade civil do processo de tomada de decisões, defendendo a competência técnica como critério exclusivo de autoridade” (BUENO, 2007, p. 37).

A Síndrome da Lattelização das Fontes descende da síndrome Muro Alto, e ela trata da priorização, dada pelos jornalistas, a fontes de informação quem têm currículo lattes, daí o nome. Essa síndrome leva o profissional da imprensa a desprezar outros saberes, e só se interessar em entrevistar, para a produção de suas matérias, quem tem conhecimento especializado. Fontes de informação que “muitas vezes tem, por viés do olhar, ou muitos casos por má índole, se tornado cúmplices de corporações multinacionais que pregam o monopólio das sementes ou fazem a apologia dos insumos químicos ou agrotóxicos”. (BUENO, 2007, p.37).

A Síndrome das Indulgências verdes está relacionada com o marketing verde. Isto é, com a postura de determinadas empresas que apenas buscam uma mudança aparente, que Bueno chama de “limpeza de imagem”, porque muitas dessas empresas são, na realidade, segundo ele, predadoras do meio ambiente. Ou seja, elas não têm compromisso de fato com a questão ambiental, apenas a necessidade de “parecer” que têm. O autor adjetiva essa atitude de “hipócrita ou cínica”. Ele esclarece que a expressão “indulgências verdes” não é de sua autoria, mas sim do jornalista Marcelo Leite.

A quinta e última síndrome é da Baleia Encalhada. Está ligada ao estardalhaço, ao sensacionalismo utilizado em muitas matérias sobre meio ambiente.

“A baleia encalhada é certamente um flagrante trágico da degradação ambiental, mas os veículos veem nela apenas uma forma plástica de ilustrar as suas páginas e telas, sem investigar o fenômeno que a originou. O debate e a conscientização ambiental não podem limitar-se a uma foto parada, ainda que colorida e de grande impacto porque dependem de uma cobertura mais investigativa, que busque enxergar além das imagens” (BUENO, 2017, p. 38).

Nossa pesquisa não se debruçou, especificamente, sobre essas síndromes por termos nosso objetivo bem atrelado a busca de EA nas matérias publicadas na mídia. Mas, ao analisar o conteúdo dessas matérias, percebemos que elas - as síndromes - podem ser

a causa de vários textos jornalísticos dos 417 que analisamos, terem resultado no que resultaram, e que será abordado no Capítulo 3.

### 3. Objeto Empírico

Em função da impossibilidade de estudarmos toda a mídia para o desenvolvimento da nossa pesquisa, decidimos optar por um veículo de comunicação que somasse as características de ser regional, e, ao mesmo tempo, nacional, e até com abordagens de temas que extrapolam as fronteiras brasileiras, tendo em vista que a temática ambiental, na maior parte das vezes, possui essa característica. Dentro desse contexto, escolhemos o Jornal O Globo como nosso objeto empírico, nosso objeto de estudo de caso, como já explicitado na Metodologia. A história dessa empresa de comunicação, que integra um grupo bem maior, as organizações Globo, revela ser ela um projeto de mídia consolidado com abrangência regional (Sudeste), nacional e internacional.

O Jornal O Globo iniciou sua história no dia 29 de julho de 1925. Inicialmente vespertino, mais tarde, em 1962, matutino, foi criado pelo empresário Irineu Marinho, tendo sua primeira sede na rua Bettencourt da Silva, no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro, como mostra **Figura 05**, abaixo.

Figura 05: Foto da primeira sede do Jornal O Globo



Fonte: Site do Jornal O Globo

“Nos três primeiros anos de existência, O Globo era rodado numa máquina alugada por dez contos mensais. Dessa época até a inauguração do Parque Gráfico, em 1999, o jornal adotou outras rotativas, sempre buscando, naquilo que de mais moderno a tecnologia de cada época oferecia, melhorar sua qualidade e ganhar mais agilidade na produção e impressão de suas páginas” (Site O Globo, 2009).

Em outubro de 1954, o jornal transferiu-se para a rua Irineu Marinho, onde permanece até hoje. O parque gráfico de O Globo, desde sua inauguração, foi considerado o maior da América Latina, com capacidade de imprimir 800 mil exemplares nos dias úteis e dois milhões aos domingos. Um investimento na ordem de US\$ 180 milhões.

Da sua inauguração aos dias atuais o Jornal passou por algumas mudanças visuais ou reforma gráficas. As duas mais impactantes foram a de 5 de dezembro de 1995 e a de 29 de julho de 2012. Ambas buscaram torná-lo mais moderno, e deixar claro o quanto sua direção acredita no veículo de comunicação jornal impresso, mesmo com a chegada das novas tecnologias, como a Internet. No suplemento dedicado a explicar as mudanças visuais, da segunda reforma gráfica, o vice-presidente das Organizações Globo, João Roberto Marinho, reafirmou essa convicção: “O papel ainda é a melhor mídia, a melhor plataforma de suporte para você ter um conjunto de informação organizada e estruturada” (O Globo, 2009).

Em 1996 O Globo passou a ter sua página na Internet, o Globo ON. O objetivo foi ter identidade própria, mostrando maior agilidade no jornalismo e intensificando a prestação de serviços. E em 2006 foi lançada a versão digitalizada do jornal impresso, que foi nossa fonte de pesquisa.

Com relação a sua linha editorial, desde o início a direção do jornal o declarou independente, “na medida em que não desejava a intervenção de nenhuma força externa a seus próprios quadros: isento de afinidade com governos, livre de interesses conjugados com os de qualquer empresa, o jornal tampouco se ligaria ‘a grupos capitalistas ou a plutocratas isolados” (LEAL e MONTALVÃO, s/d, s/p).

Figura 06: Foto da redação do Jornal O Globo



Fonte: Site do Jornal O Globo

Nas primeiras edições as pautas foram para questões populares, como o aumento nos vencimentos do funcionalismo público, combate aos altos preços da cesta básica, crítica ao abandono das ruas da cidade do Rio de Janeiro, acompanhamento das ações do Banco Central do Brasil e da Light, companhia de energia elétrica local, à época. O jornal se posicionava como um fiscal das entidades que exploravam o serviço público. No dia do lançamento já circulou com 33.435 exemplares. O periódico contava com uma experiente equipe de jornalistas e tinha como um dos seus princípios editoriais “buscar a notícia em todos os setores da cidade, marca que permaneceu ao longo de sua história” (Site O Globo, 2009).

Mas ao mesmo tempo que se colocava como guardião do serviço público, o Jornal editorialmente estava à frente de campanha em favor de Henry Ford, industrial bilionário norte-americano, que veio ao Brasil, declarando querer reestabelecer a produção de borracha na Amazônia. Outra defesa que o jornal fazia, abertamente em suas matérias, era a da importação de carros. Por essas linhas editoriais, observa-se que o posicionamento de defesa da entrada do capital estrangeiro no Brasil já se tornava uma característica desse veículo de comunicação.

Embora existisse o discurso da imparcialidade editorial, O Globo sempre deixou claro seus posicionamentos nas coberturas jornalísticas, principalmente, nas de política e

economia. No registro de sua história nos acervos digitais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) constam, por exemplo, que:

“Durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, em 1987, *O Globo* criticou a ‘prodigalidade nociva’ dos capítulos referentes aos direitos sociais. Procurou demonstrar o quanto esses benefícios poderiam implicar a elevação dos custos da produção industrial, na medida em que ‘a Constituinte preocupa-se mais com benesses e favores trabalhistas excessivos e menos com medidas que impulsionem nossa economia’. Também acusou os parlamentares de colocarem o Brasil na ‘contramão da história’, ao dificultar a entrada do capital estrangeiro” (LEAL e MONTALVÃO, s/d, s/p).

Outros pontos de atritos que o Jornal assumiu abertamente com a Constituinte foram a questão tecnológica e a reserva de mercado para a informática, os monopólios das empresas estatais, o tabelamento dos juros em 12% ao ano e a proposta parlamentarista, que o Globo considerou, em seu editorial, um grande golpe.

Mas não para por aí. A história dessa empresa de comunicação registra vários momentos, nesses 94 anos de existência, em que a imparcialidade, colocada nos bancos das escolas de comunicação como atributo inerente ao jornalismo, foi esquecida. Na eleição do presidente Fernando Collor de Melo, por exemplo, o apoio foi explícito durante toda a campanha eleitoral e, quando o candidato se tornou presidente,

“*O Globo* posicionou-se ao seu lado, ressaltando os aspectos positivos de sua personalidade, tais como patriotismo e espírito de liderança. Defendeu suas ideias principais, resumidas no interesse pela abertura comercial e na redução do tamanho do Estado, em detrimento das propostas acolhidas pelo Partido dos Trabalhadores (PT), consideradas simplificadoras e retrógradas” (LEAL e MONTALVÃO s/d, s/p).

No que se refere à questão técnica jornalística, o Jornal foi vencedor de muitos prêmios. Em 2004, por exemplo, ganhou o prêmio Esso de Jornalismo pela série de reportagens “Bastidores do Poder - Os Homens de Bens da Alerj (Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro)”, de autoria dos repórteres Angelina Nunes, Alan Gripp, Carla Rocha, Dimmi Amora, Flávio Pessoa, Luiz Ernesto Magalhães e Maia Menezes. Em julho de 2005, comemorou seus 80 anos com uma exposição das suas primeiras páginas no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro.

O Globo é um dos jornais de maior tiragem do País, circula em todo o território nacional, e faz parte do grupo dos principais jornais de referência do Brasil. Atualmente suas editorias estão organizadas em: Primeiro Caderno, onde constam as editorias de Opinião, País, Rio, Dos Leitores, Economia, Sociedade e Esportes; Caderno de Esportes, somente às segundas; Segundo Caderno; Jornais de Bairros, com circulação apenas no Rio de Janeiro; Boa Viagem, apenas às quintas; Rio Show, somente às sextas; os cadernos Morar Bem, Boa Chance e Revista Ela, que circulam somente nas edições de domingo; Carro e etc, somente às quartas; Carro e etc Premium, somente aos sábados; Casa, apenas aos sábados; e Leilões e Negócios, também somente aos sábados.

Esse curto levantamento histórico visou apresentar algumas características do nosso objeto empírico, cujas matérias jornalísticas sobre questões ambientais, das edições do período estudado, conforme exposto na Metodologia, serão analisadas no capítulo seguinte.

### **Capítulo 3**

#### **Análise de Conteúdo**

##### **1. Panorama Geral**

Fazendo uma analogia com o trabalho de um garimpo, onde mãos, ávidas para encontrar ouro, trabalham determinadamente por horas, dias e meses, buscamos nas leituras das matérias jornalísticas de edições da última década do Jornal O Globo, representada pelos anos pares 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018 - dentro dos critérios já especificados na Metodologia - encontrar o “nosso ouro”. Nossa “garimpagem” no primeiro momento foi em busca das matérias que abordassem assuntos relacionados ao meio ambiente, e, em um segundo, as que contivessem vestígios de EA. Nosso “garimpo” inicial foi feito em 264 edições, como mostra **Quadro 5**, na qual também está especificado o quantitativo de edições por ano.

O que buscamos na leitura, página por página, de cada uma das edições, foram matérias sobre assuntos como recursos hídricos (nascentes, rios, lagos, riachos, cachoeiras, mares, oceanos...), poluição (atmosférica, sonora, visual), mudanças climáticas, desastres ambientais, desastres naturais (chuvas, ventos, ciclones, furacões, terremotos...), eventos ambientais (seminários, simpósios, congressos, cursos, debates...), biodiversidade, fauna, flora, Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e outros biomas,

legislação ambiental (Código Florestal e outras leis), lixo (resíduos sólidos, coleta, lixões, reciclagem), enfim, um amplo conjunto de assuntos que envolvem o meio ambiente.

A busca foi realizada a partir das chamadas da primeira página (quando existiam), do título das matérias nas editoriais e da leitura dos primeiros parágrafos. Nos casos de inexistência de chamadas na primeira página, partimos direto para a busca dentro da edição. Para a consideramos enquadrada na temática ambiental a matéria não precisava conter a nomenclatura “ambiental”, mas sim tratar de assunto deste universo, por isso a necessidade da leitura de pelo menos parte do texto.

Quadro 5: Edições do Jornal O Globo dos anos 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018, versões impressas digitalizadas, selecionadas para a pesquisa e edições, destes anos, com matérias sobre Meio Ambiente.

Anos	2010	2012	2014	2016	2018	Total
<b>Edições pesquisadas</b>	52	53	53	52	54	<b>264</b>
<b>Edições com matérias sobre MA</b>	46	41	41	37	28	<b>193</b>
<b>Edições sem matérias sobre MA</b>	06	12	12	15	26	<b>71</b>
<b>Total de matérias sobre MA</b>	133	85	94	62	43	<b>417</b>

Fonte: Autoria própria (2019)

Dentro do conjunto de edições pesquisadas, 193 continham matérias com temática ambiental, o que significam 73,6%. E 69 edições, portanto, 26,3%, não continham matérias sobre assuntos ambientais. Analisando esses dados, podemos afirmar que a temática ambiental está presente na maior parte das edições da década. O ano que mais

resultou registro foi 2010, no qual de 52 edições pesquisadas, 46 a continham, ou seja, 88,4%. Ele foi seguido de 2012 e 2014, ambos com 53 edições pesquisadas e com 41 com a temática ambiental, em termos percentuais, 77,3%. Os anos de 2016 e 2018 foram os que tiveram os menores números de edições abordando este tema. Em 2016, quando foram pesquisadas 52 edições, 37, que representam 71,1%, continham matérias do interesse da pesquisa. Em 2018 apenas 28, isto é, 56%, embora tenha sido o ano com mais edições pesquisadas, ao todo 54. A variação em número de edições pesquisadas por ano exposta nesta análise, e também explícita no **Quadro 5**, se justifica pelo critério usado explicado na Metodologia.

Nas 193 edições encontradas com a temática ambiental identificamos 417 matérias com a abordagem do tema. O que nos mostra algo em torno de um pouco mais de duas matérias sobre meio ambiente por edição. O ano de 2010 foi o ano com o maior número de matérias da temática ambiental, 133 ao todo. Como o tema foi encontrado em 46 edições, pode-se afirmar que cada uma tem de duas a três matérias da temática pesquisada.

Nossa análise sobre 2010 revelou que o fato de ele ter apresentado o maior número de matérias com a temática alvo do nosso estudo pode se justificar por ter sido considerado o ano em que “a terra teria resolvido se vingar da humanidade”, expressão usada pela própria mídia à época. Foram “Doze meses de fúria da terra”, essa afirmação é título de um boxe (matéria de apoio à matéria principal), publicada na edição do dia 21 de dezembro de 2010, e faz uma retrospectiva do ano, em matéria intitulada “2010: o ano selvagem”, como mostra **Figura 7** abaixo, na qual é informada que os desastres naturais, neste ano, mataram 260 mil pessoas.

O ano de 2010 começou com um terremoto matando mais de 220 mil pessoas no Haiti. Ao mesmo tempo que fortes nevascas paralisaram os Estados Unidos e causaram recordes de neves na Rússia e na China. No mês seguinte outro terremoto atingiu o Chile, matando próximo de mil pessoas. Houve também a erupção de um vulcão sobre uma geleira na Islândia, fato que deixou parado por muitos dias o tráfego aéreo na Europa. Em abril, foram mais de 660 milhões de litros de petróleo jorrados no mar – três mil a cada hora – com a explosão da plataforma de exploração Deep Horizon, no Golfo do México. Este acidente, de responsabilidade empresa da British Petroleum, entrou para a história como um dos piores desastres ambientais dos Estados Unidos. No final do primeiro

semestre, chuvas torrenciais causaram inundações devastadoras no Paquistão. Foram mais de 1,5 mil mortos e outras cinco milhões de pessoas sem abrigo naquele País.

No segundo semestre, em outubro, a Indonésia foi atingida por três desastres: um terremoto de magnitude 7.7 na escala Richter; um tsunami que matou mais de 500 pessoas; e a erupção de um vulcão que provocou a fuga de outras 300 mil. Neste ano ocorreu também vazamento de óleo no Golfo do México.

No Brasil, chuvas torrenciais e acima da média no Rio de Janeiro, provocaram alagações e deslizamentos de terra. O Rio Grande do Sul sofreu com altas temperaturas e a Amazônia com uma grande seca. O Código Florestal Brasileiro sofreu mudanças, que na avaliação da maioria dos ambientalistas, não foram positivas para o meio ambiente. Foi um ano também marcado, no Brasil, pelo aparecimento da dengue 4. E ainda um ano de eleições presidenciais, que levaram à Presidência da República, Dilma Rouseff.

Figura 07 Capa do caderno de Ciências do Jornal O Globo da edição de 21 de dezembro de 2018.



**Fonte:** Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

Não é nosso objetivo fazer uma retrospectiva passo a passo do ano em questão, apenas buscamos fatos que pudessem justificá-lo dentro da década como o ano de maior registro midiático da temática ambiental. E, nesse rápido levantamento, percebemos que, entre desastres naturais e desastres ambientais não naturais, o ano de 2010 foi farto de notícias desta área, e na grande maioria notícias negativas para o meio ambiente e para a humanidade.

O segundo ano com mais matérias sobre meio ambiente foi 2014. Foram encontradas 94 matérias. A relação de matéria por edição é igual a de 2010, um pouco mais de duas por edição. Em terceiro lugar vem 2012, no qual localizamos 85 matérias, mantendo a relação de matéria por edição dos dois anos anteriores. Porém, nos anos de 2016 e 2018 essa relação caiu para um pouco mais de uma matéria sobre meio ambiente por edição. Em 2016 foram registradas somente 62 matérias, e, em 2018 apenas 43.

Chamou nossa atenção o fato de 2018 ter sido o ano da década com o número menor de matérias sobre a temática ambiental. Buscando justificativas observamos a retrospectiva deste ano e verificamos que fatos para serem noticiados não faltaram. Não temos como afirmar, mas nos parece ter faltado mesmo é o interesse midiático na pauta ambiental. Em 2018 o Brasil hospedou, na capital federal, o Fórum Mundial da Água, que apontou, entre seus resultados, que a segurança hídrica requer investimentos anuais na ordem de US\$ 650 bilhões. Nossa pesquisa não capturou nenhuma notícia sobre este tema.

Neste ano também ocorreu a divulgação de novos indicadores de gases do efeito estufa e de desmatamento, e estiveram na pauta ambientalista internacional os poluentes plásticos. Ocorreu ainda a instituição do Dia Nacional da Agroecologia pelo Governo Federal, e a divulgação pelo setor de agronegócios do crescimento do número de empresas investindo em sustentabilidade.

Em outubro de 2018 o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) lançou, na Coreia do Sul, o documento mais aguardado do ano na ciência do clima: seu relatório especial sobre o aquecimento global de 1,5 graus °C, conhecido pela sigla SR15. O relatório foi encomendado ao IPCC pela Convenção do Clima da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, na conferência de Paris. “Ele seria necessário para dar base científica ao objetivo do Acordo de Paris de ‘envidar esforços’ para limitar o aquecimento global a 1,5°C neste século. Na época ninguém sabia se ainda era possível” (OBSERVATÓRIO DO CLIMA, s/d, s/p).

O ano de 2018 chegou aos seus meses finais com a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência do Brasil, anunciando como uma de suas primeiras medidas a extinção do Ministério do Meio Ambiente, entre outros posicionamentos que deixaram a comunidade ambientalista muito preocupada. “O desmatamento subiu quase 50% nos meses de

campanha, possivelmente em antecipação à nova realidade da gestão ambiental federal”, OBSERVATÓRIO DO CLIMA, s/d, s/p).

### **1.1 Temas ambientais: os mais e os menos pautados**

Para analisarmos o comportamento temático das publicações alvo da nossa pesquisa, organizamos os temas nas categorias: Desastres Ambientais Naturais, Desastres Ambientais Não Naturais, Biodiversidade, Recursos Naturais/Tecnologias, Saúde, Legislação, Eventos, Meio Ambiente Urbano e Mudanças Climáticas, como mostra **Quadro 06**. Devido à importância desse item, que é a temática ambiental específica, resolvemos analisar a frequência dos temas até a quinta colocação.

Os temas que mais resultaram registros foram os ligados ao meio ambiente urbano, que na categorização que elaboramos envolve: poluição sonora, poluição visual, poluição hídrica, poluição do ar, lixo, resíduos sólidos, reciclagem, esgoto, patrimônio histórico, entre outros temas ambientais do cotidiano das cidades. Portanto, a primeira colocação tem 131 matérias, o que representa 31,4% do total de 417.

Na segunda colocação estão as matérias que abordam desastres naturais, categoria da qual fazem parte as chuvas e suas consequências, mas também as secas, nevascas tsunamis, terremotos, vulcões, entre outros. Estes temas resultaram em 64 registros, que significam 15,3%. Estes assuntos vêm seguidos dos temas que categorizamos como desastres ambientais não naturais, isto é, que resultam da intervenção direta do homem, como desastres consequentes da exploração de minérios, do uso de agrotóxico, vazamentos de óleo, de petróleo, desmatamento, entre outros. Nessa categoria encontramos 47 matérias, ou sejam 11,2%.

Em quarto lugar encontramos o tema Mudanças Climáticas, que absorve as matérias sobre clima, altas temperaturas, frentes frias, degelo, aquecimento global, entre outros. Ao todo, foram 41 ocorrências, isto é, 9,9%. E, em quinto lugar, os temas que integrados à categoria Eventos sobre meio ambiente, como congressos, seminários, cursos, workshops, simpósios, debates, manifestações e todas as atividades que traz à pauta a temática ambiental. Nesta categoria localizamos 40 matérias, representando 9,6 do total de matérias.

Quadro 06; Temas ambientais mais frequentes nas edições pesquisadas dos anos 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018 do jornal O Globo, versão impressa digitalizada.

TEMAS	2010	2012	2014	2016	2018	TOTAL
<b>Desastres Ambientais Naturais (chuvas, enchentes, alagamentos, secas, tsunamis, vulcão, terremoto ...)</b>	21	13	16	5	9	64
<b>Desastres Ambientais não naturais (consequência do turismo, desmatamento, mineração, exploração, crimes, interferências humanas, petróleo)</b>	17	7	7	7	9	47
<b>Biodiversidade (fauna, flora, Amazônia, Cerrado e outros biomas)</b>	3	6	9	3	2	23
<b>Recursos Naturais/Tecnologias (construções sustentáveis e não sustentáveis, energia eólica, energia solar, fontes de energias renováveis, hidrelétricas, produção agrícola, irrigação)</b>	17	6	4	5	4	36
<b>Saúde (dengue, chikungunha, zika, malária ...)</b>	3	1	2	19	3	28
<b>Legislação (Código Florestal e outras Leis)</b>	2	4	1	-	-	7
<b>Eventos sobre o Meio Ambiente (congressos, simpósios, debates, cursos, ações de conscientização ambiental, prêmios desta área, convenção da ONU, Rio+20, projetos socioambientais)</b>	11	15	8	4	2	40
<b>Meio Ambiente Urbano (poluições sonora, visual, atmosférica, hídrica, resíduos sólidos, reciclagem, lixo, esgoto, patrimônio histórico ...)</b>	48	24	34	17	8	131
<b>Mudanças Climáticas (temperaturas, clima, frentes frias, degelo, aquecimento global...)</b>	14	11	8	3	5	41

Fonte: Autoria própria (2019)

Por outro lado, os assuntos com menor número de ocorrências, também mostrados na **Quadro 6**, foram os enquadrados na categoria Legislação, na qual foram incluídas matérias sobre o Código Florestal e todas as Leis referentes à meio ambiente. É importante lembrar que na década em estudo, no ano de 2012, houve alteração no Código Florestal. A Lei em vigor é a 12.651/12, que ainda está em processo de implementação e conta cerca de 20 projetos de alteração tramitando no Congresso Nacional. Mas mesmo assim só localizamos sete registros de matérias sobre o assunto na década toda, representando apenas 1,6% do total de matérias. O ano de 2012, provavelmente por ser o ano da última alteração, teve o número maior de registros, que foram somente quatro matérias. Duas matérias foram localizadas em 2010 e uma em 2014. Os anos de 2016 e

2018 não tiveram matérias sobre o tema. Concluímos desses dados, que o tema legislação ambiental, que é o ordenamento jurídico de toda a engrenagem ambiental do País, o que dá a base legal para todas as atividades ambientais acontecerem, é assunto de pouco interesse midiático.

Na segunda colocação dos assuntos de menos interesse, nossa pesquisa apontou os temas inseridos na categoria Biodiversidade, que envolve matérias sobre a Amazônia, o Cerrado, a Mata Atlântica, enfim, sobre todos os biomas, sobre a fauna e a flora. Em nossa pesquisa só foram localizadas 23 matérias sobre este tema, representando 5,5%. Causa perplexidade perceber que este tema é tão pouco pautado pela mídia, tendo em vista que o Brasil é conhecido mundialmente pela sua biodiversidade, 23% dos peixes de água doce do mundo se encontram em rios nacionais, 16% das aves de todo o planeta também estão no Brasil, além de 12% dos mamíferos e 15% de todas as espécies de animais e plantas (COSTA, 2018).

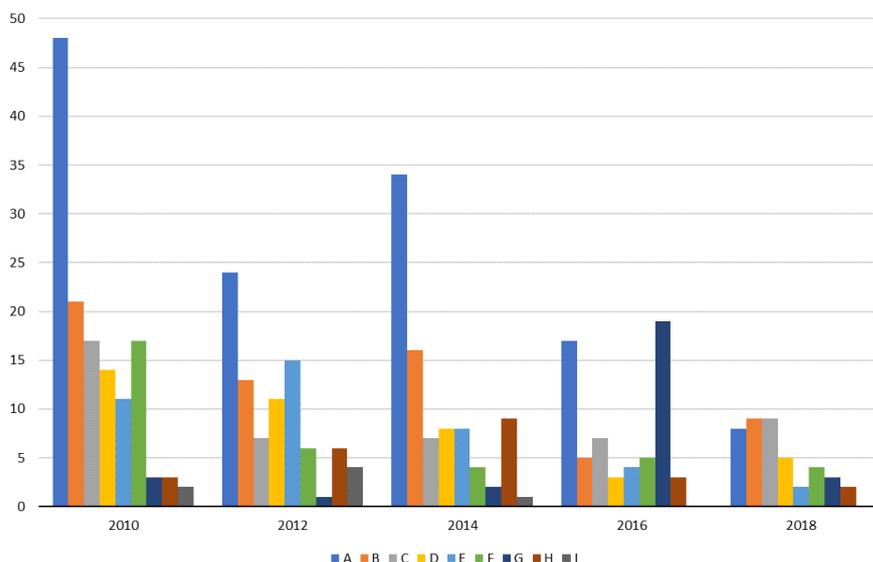
Na terceira colocação dos assuntos com menor número de registro estão os que fazem a ligação das áreas de saúde e meio ambiente. Foram localizadas 28 matérias nesta categoria, 6,7%. A maioria sobre as epidemias de doenças causadas pelo *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da dengue, chicungunha e zika. Essas doenças assolaram o Brasil nesta década. Em todos os anos em estudo houve surto de pelo menos uma delas.

A categoria que, praticamente, intercepta os temas com mais registros e os com menos, que é Recursos Naturais/Tecnologia, engloba as matérias sobre construções sustentáveis e não sustentáveis, energia eólica, energia solar, e outras fontes de energias renováveis, hidrelétricas, produção agrícola, projetos de irrigação, entre outros temas. Nesta categoria, que é bem ampla, encontramos 36 matérias, portanto, 8,6% do total de matérias. Ela ocupa a quarta colocação nas categorias com menos registros e a sexta com mais.

Partindo para uma avaliação dos temas por ano, percebemos que os temas da categoria Meio Ambiente Urbano, que no compito geral ocupa a primeira colocação, foram também os mais frequentes nos anos de 2010, 2012 e 2014. Porém, nos anos de 2016 e 2018 o quadro mudou. Em 2016, os assuntos que mais geraram matéria foram da categoria Saúde, com 19 registros, e, em 2018 empataram, ambas com nove registros, os temas das categorias Desastres Ambientais Naturais e Desastres Ambientais Não

Naturais, como está explícito na **Figura 08**, que é um gráfico mostrando o desempenho de cada uma das categorias por ano.

Figura 08: Gráfico mostrando o comportamento das categorias de matérias sobre meio ambiente do jornal O Globo, por ano, nos anos 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018.



**Fonte: Autoria própria (2019)**

Categorias: A - Meio Ambiente Urbano; B - Desastres Ambientais Naturais; C- Desastres Ambientais Não Naturais; D - Mudanças Climáticas; E - Eventos sobre Meio Ambiente; F -Recursos Naturais/Tecnologia; G - Saúde; H - Biodiversidade; I – Legislação

Ao verificarmos a motivação em 2106 de o maior número de matérias ter sido sobre saúde, observamos, nas próprias matérias analisadas, que o ano começou com aumento nos casos de dengue e, com uma decisão do governo federal de adiar em um mês a meta de visitar todos os domicílios do Brasil para combater focos do *Aedes aegypti*. Nos primeiros dois meses do ano a Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, registrou 10.311 casos de dengue, um crescimento de 146,5% em relação a 2015. Depois o ano seguiu com ameaça de epidemia de Zika. Porém, as matérias, de um modo geral não fazem, em suas abordagens, a ligação das doenças com as questões ambientais, como desmatamento, ocupações irregulares, falta de saneamento básico, entre outras situações que contribuem para esse quadro.

Outra motivação para o quano revelado em 2016 é que, neste ano, o Rio de Janeiro hospedou os jogos olímpicos mundiais e houve uma grande preocupação dos atletas que viriam ao evento esportivo com relação aos surtos de dengue e zika, que estavam ocorrendo no Brasil, como também demonstração de interesse do governo norte

americano de investir no combate ao mosquito causador dessas doenças. Essa preocupação e esse interesse foram manchete da editoria País, na edição do dia 9 de fevereiro, dentro da série de reportagens “Guerra ao Mosquito”, como mostra **Figura 09**.

Figura 09. Manchete da ditoria País da edição do Jornal O Globo do dia 9/2/2018.



Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

Em 2018, quando prevaleceram as matérias do conjunto de temas das categorias Desastres Ambientais Naturais e Desastres Ambientais Não Naturais, verificamos nas matérias selecionadas que o ano começou com forte nevasca na Costa Leste dos Estados Unidos, e com a chuva forte no Rio de Janeiro causando deslizamentos de terra no Morro do Bumba. Em março, uma tempestade, considerada muito intensa, deixou dois milhões de residências sem energia elétrica também nos Estados Unidos. A seca no Nordeste foi intensa e levou o nível dos reservatórios a um estado preocupante. Neste ano também dados da Fiocruz e do Ministério da Saúde revelaram que em uma década o número de mortes e intoxicação por agrotóxicos dobrou no Brasil. E ainda relatório divulgado pela Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Estudos Ecosistêmicos (IPBES, na sigla em inglês), órgão ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), revelou que 75% da superfície da terra já foi afetada negativamente pela atividade humana, segundo matéria publicada na editoria Sociedade, na edição do dia 28 de março de 2018, como mostra **Figura 10**.

Figura 10: Matéria publicada na edição de 28/02/2018, editoria Sociedade, no Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.



Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

## 1.2 O Globo: em que editoria se encontra a temática ambiental?

Com relação à localização das matérias sobre meio ambiente dentro do Jornal O Globo, percebemos que este veículo de comunicação não tem uma editoria única, específica para abordar este tema. O Globo possui, nas edições cotidianas, as editorias: O Rio, País, Economia, Ciência, Mundo, Sociedade, Opinião, Segunda Página, Esporte, O Globo por dentro e História. Nas edições especiais os números e as designações das editorias mudam, conforme o objetivo da edição especial.

Em nossa pesquisa observamos que a temática ambiental se espalha por várias editorias. O que, de certa forma, vai ao encontro da característica de transversalidade dos temas ambientais. A orientação da Federação Nacional do Jornalismo é que a prática jornalista deve levar em conta o conceito de sustentabilidade, que associa preservação do meio ambiente (com utilização responsável dos recursos naturais) e desenvolvimento social (com diminuição das desigualdades e garantia de trabalho digno). O órgão máximo desses profissionais da mídia descreve que:

“Os aspectos ambientais e sociais devem estar presentes, transversalmente, nas coberturas jornalísticas de economia, política, urbanismo e de todo e qualquer tema que tenha, direta ou indiretamente, ligação com a utilização de recursos naturais ou com possíveis impactos ambientais e/ou sociais” (FENAJ, 2012, p.11).

Porém, apesar desse se espalhar por toda a edição, as matérias com a temática ambiental aparecem com predominância na editoria Rio, na qual constam 45,8% das matérias sobre meio ambiente localizadas na década. Foram publicadas nesta editoria 191 matérias do conjunto de 417, como mostra **Quadro 7**. A segunda editoria que mais absorve a publicação do nosso tem alvo é a País. Ao todo, foram publicados nela 56 matérias, o que significam 13,4%. Ela vem seguida da editoria de Economia, com 53 matérias, 12,7%, e da editoria Ciência com 51 publicações, representando 12,2%, ambas representações muito próximas e bem menos predominantes que a editoria Rio. O ano em que mais constaram matérias nesta editoria foi 2010, quando aconteceram 63 registros.

O maior registro de matérias na editoria Rio vai ao encontro da informação de que a categoria de maior registro de matérias é a categoria Meio Ambiente Urbano. Essa conclusão resulta da nossa observação de que a editoria Rio - em muitos veículos de comunicação impresso chamada de Cidades - tem como característica principal absorver as matérias sobre as ocorrências do cotidiano da cidade.

A editoria País, segunda colocada, abrange as pautas nacionais, e a temática ambiental é sempre uma temática nacional, mesmo que a ocorrência seja localizada. Já a editoria Ciência justifica-se pelas matérias ambientais envolvendo pesquisas e estudos científicos, característica muito frequente na abordagem deste tipo de tema, mesmo assim em 2016 e 2018 não houve registro desse tema nessa editoria, como também mostra a Tabela 3. As editorias com menor registro da temática em estudo foram: O Globo por dentro, com apenas uma ocorrência, em 2014; História, com o mesmo número que a anterior, porém, em 2012; e Esporte, com duas ocorrências, uma em 2010 e outra em 2018. Embora a temática ambiental seja ampla e “converse” com quase todas as áreas, não podemos afirmar, mas esse fato pode se justificar por essas três editorias tratarem de temas muito específicos.

Quadro 7: Editorias do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada, nas quais as matérias sobre meio ambiente foram publicadas nos anos 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018.

Editoria/Ano	2010	2012	2014	2016	2018	Total
<b>RIO</b>	63	41	35	35	17	191
<b>PAÍS</b>	18	07	22	06	03	56
<b>ECONOMIA</b>	13	16	10	10	04	53
<b>CIÊNCIA</b>	25	18	08	-	-	51
<b>MUNDO</b>	11	01	03	02	05	22
<b>SOCIEDADE</b>	-	-	03	03	12	18
<b>OPINIÃO</b>	-	-	13	03	-	16
<b>SEGUNDA PÁGINA</b>	02	01	-	02	01	06
<b>ESPORTE</b>	01	-	-	-	01	02
<b>GLOBO POR DENTRO</b>	-	-	01	-	-	01
<b>HISTÓRIA</b>	-	01	-	-	-	01

Fonte: Autoria própria (2019).

### 1.3 Espaço dedicado à temática ambiental

No que se refere ao espaço ocupado pela temática ambiental, procedemos a análise por quantidade de parágrafos, estabelecendo que um texto com mais de dez parágrafos pode ser considerado ocupador de um espaço significativo na página em que foi publicado. Adotamos esse critério por ter sido inviável medir os textos em centímetros, pelo fato de termos acessado as versões digitais, e não as impressas. Nos cinco anos pesquisados, que renderam 417 matérias, 24 têm menos de dez parágrafos, como mostra **Quadro 8**, portanto, os textos menores representam 59,7% do total. Não podemos afirmar que nesta quantidade de parágrafos é impossível desenvolver um tema, mas pela leitura que fizemos, de cada matéria, observamos que este espaço inviabiliza o desenvolvimento do tema com profundidade.

O ano com maior número de matérias como menos de dez parágrafos foi 2010, com 88 registros, portanto, 66,1%, já que neste ano foram encontradas 133 matérias sobre meio ambiente. Ele foi seguido de 2014, ano em que das 95 matérias localizadas, 59 têm menos de dez parágrafos, ou seja, 62,1%, e 2012, quando 47 das 85 matérias encontradas, o que representa 55,2 %, têm este tamanho.

No conjunto dos cinco anos somente 168 matérias têm mais de dez parágrafos, o que significa 40,2%. O ano de 2010 também lidera este ranking, com 45 matérias, significando 33,8%. Mas em segundo lugar vem 2012 com 37, representando 45,12%, e, em terceiro 2014, com 36, o que significa 37,8%. Os anos de 2016 e 2018 tiveram, respectivamente, 27 e 23 matérias com mais de dez parágrafos, representando 43,5% e 53,4%. Revela-se pelos dados expostos que, nesta característica, 2010 só lidera o ranking na comparação ano a ano em números absolutos, quando se compara em termos percentuais essa posição é de 2018, seguido de 2012, 2016, 2014 e só então se posiciona 2010.

Podemos concluir dessas comparações que, embora 2018 tenha sido o ano de menor registro de matérias sobre meio ambiente - apenas 43 -, essas matérias ocuparam significativo espaço nas páginas das suas edições. Por outro lado, em 2010 ocorreram mais publicações sobre meio ambiente – 133 ao todo - porém com matérias mais superficiais, mais curtas, ocupando menor espaço nas edições, pois a grande maioria - 88 - tinha menos de dez parágrafos.

Quadro 8: Tratamento jornalístico dado pelo Jornal O Globo à temática ambiental nos anos 2010,2012, 2014, 2016 e 2018

Anos	2010	2012	2014	2016	2018	Total
Matérias com + de 10 parágrafos	45	37	36	27	23	168
Matérias com - de 10 parágrafos	88	47	59	35	20	249
Matérias ilustradas	91	75	69	45	35	315
Matérias com chamada na 1ª página	27	30	31	11	08	107

Fonte: Autoria própria (2019)

#### 1.4 Matérias sobre meio ambiente e os recursos de destaque

A ilustração dá destaque à matéria jornalística e contribui para a elaboração do teor noticioso da informação. “A ilustração fotográfica é firmada em cima de um valor estético e simbólico que às vezes até se sobrepõe ao conteúdo informativo” (SANTOS, p. 3, 2006), por isso resolvemos fazer o levantamento sobre essa característica das matérias encontradas. A intenção é saber se elas recebem ou não esse tratamento de destaque. Como mostra o **Quadro 8**, 315 das 417 matérias que pesquisamos são ilustradas. Elas representam a grande maioria, 75,5%. Podemos afirmar desse dado que as matérias sobre meio ambiente, publicadas na década em estudo no Jornal O Globo, foram tratadas com destaque, no que se refere ao recurso ilustrativo.

O ano de 2010 manteve-se, como em outras características estudadas, como o ano à frente dos outros, pelo menos no que se refere aos números absolutos. Das suas 133 matérias, 91 contém ilustração, o que representa 68,4%. O segundo ano com mais

matérias ilustradas foi 2012, 75 ao todo, portanto, 88,2%. E o terceiro foi 2014, com 69, significando 72,6%. Os números mostram que 2010 só se mantém na primeira colocação em termos de números absolutos, em termos percentuais 2012 ocupa esta posição, seguida de 2014, e 2010 fica em terceiro colocado. Dessa forma, se repete os resultados da análise da característica das matérias com mais de dez parágrafos.

Outro critério que dá destaque as matérias é a chamada na primeira página, a capa do jornal. Esse espaço pode informar sobre os objetivos do Jornal e a forma como ele se posiciona política, cultural e socialmente. Revela as escolhas feitas pelos editores com relação às informações que consideram mais importantes no dia. Sua importância tem sido estudada em termos de influência política (ESHBAUGH-SOHA, PEAKE, 2008, PEAKE, 2007).

Nosso estudo revelou que das matérias com a temática ambiental encontradas, somente 107 possuem chamadas na primeira página, como mostra o **Quadro 8**, o que representa 25,6%. Ou seja, 310 matérias, que significam 74,4%, a grande maioria, não têm esse critério de destaque.

Quando partimos para uma análise por ano, observamos que o ano em que mais matérias sobre meio ambiente contaram com chamada na primeira página foi 2014. Ao todo 31, representando, 32,9% do total de matérias sobre meio ambiente deste ano. Numa segunda colocação, em termos de números absolutos, está 2012, com 30 matérias, o equivalente a 35,2%. Comparando os dois anos percentualmente, verificamos que 2012 está à frente. O terceiro ano que mais contou com esse recurso, tanto em termos percentuais como em números absolutos, foi 2010, com 20,3% das suas matérias com chamada na capa, ao todo 27. Os anos de 2016 e 2018 ficaram no final da fila neste quesito. O primeiro com apenas 11 matérias, significando 17,7% do seu total, e, o segundo, com apenas oito matérias, o que equivale a 1,9%.

Em uma análise específica do ano que mais contou com matérias, 2010, percebemos que com relação aos dois critérios de destaques e ao tamanho das matérias, que também pode ser entendido como dar ou não relevância ao tema, ele se comportou da seguinte forma: matérias mais curtas (menos de dez parágrafos), a maior parte ilustradas, porém sem chamada na primeira página. Já na mesma análise para o ano de menor número de matérias, 2018, o comportamento foi o seguinte: um número maior de

matérias ocupando espaço maior nas páginas (tamanho superior a dez parágrafos), a grande maioria ilustrada e poucas com chamada na primeira página.

Essa primeira análise, que encerramos aqui, visa a revelação do panorama geral encontrado na abordagem da temática ambiental. Nas linhas seguintes o componente analítico se deslocará para a busca da existência ou não de vestígios de Educação Ambiental (EA) nas abordagens dessas matérias.

## 2. Análise Quantitativa Descritiva

Vamos começar essa parte da análise de conteúdo, que consideramos o cerne da nossa pesquisa, com a análise quantitativa descritiva (não estatística). Das 417 matérias sobre meio ambiente que encontramos ao pesquisar 262 edições, de cinco anos de produção jornalística do jornal impresso O Globo, não encontramos matéria alguma voltada, objetivamente em todo o seu conteúdo, para educar ambientalmente seus leitores. Mas encontramos vestígios das correntes de EA, sistematizadas por Sauvé, 2003, em 234 delas. E não encontramos, nem mesmo vestígios, em 183, como mostra **Quadro 9** abaixo. Em termos percentuais 56,1% das matérias pesquisadas têm vestígios de prática de EA, e 43,8% não têm. Esses números nos d o condi es de afirmar que, na prática, há vestígios de EA na produ o jornalística das matérias que abordam a temática ambiental.

Quadro 9: Incidência de EA (s) e corrente de EA predominante nas matérias das edi es do Jornal O Globo dos anos 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018.

Anos	2010	2012	2014	2016	2018	Total
Matérias com EA	70	50	49	41	24	234
Matérias sem EA	63	34	45	21	18	181
Matérias com 2 ou + Correntes de EA	37	32	30	25	19	143
Corrente de EA predominante	Crítica (20)	Conservacionista /Recurista (23)	Conservac./Recurista (26)	Conservac./Recurista (14)	Conservac./Recurista (14)	-

Fonte: Autoria própria (2019)

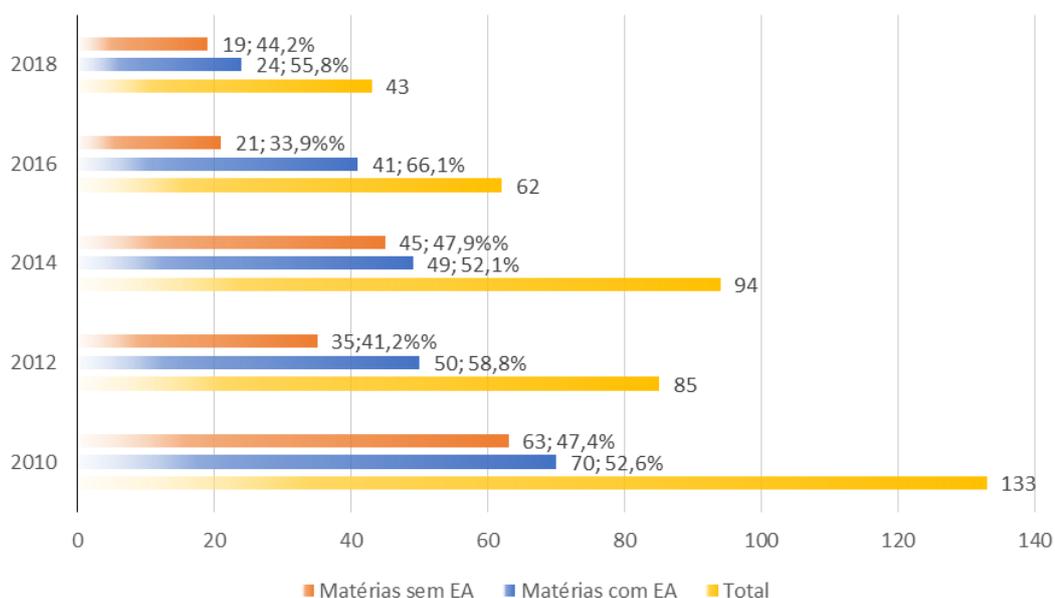
Dos anos pesquisados, 2010 foi o que mais teve matérias com incidência de EA, se considerarmos os números absolutos. Das suas 133 matérias sobre meio ambiente, 70

apresentaram vestígios de EA, representando 52,6%, e 63 não apresentaram, o que equivale a 47,3%. Mas em termos percentuais, 2016 - que é o quarto em números absolutos - se posiciona à frente, pois das suas 62 matérias com temática ambiental, encontramos vestígios de EA em 66,2%, isto é, em 41 delas. As outras 21, que representam 33,8%, não continham nenhum indicativo de EA.

O ano de 2012 está na segunda colocação em termos percentuais e é o segundo em números absolutos. Encontramos vestígios de EA em 58,8% das suas 85 matérias com temática ambiental, portanto, em 50 delas. Nas outras 35, que significam 41,2%, não foram localizados vestígios do tipo de educação alvo do nosso estudo.

O terceiro ano com mais achados de vestígios de EA, em se tratando de números absolutos, foi 2014. De 94 matérias publicadas neste ano sobre meio ambiente, 49 exibiam alguma característica de correntes de EA, uma representação de 52,1%, e 45, que representam 47,9% não apresentaram vestígios de nenhuma corrente. Dessa forma, este ano ocupa, em termos percentuais, a quinta e última colocação. O ano de 2018 foi último colocado em números absolutos e o quarto em termos percentuais. Das suas 43 matérias sobre meio ambiente, 55,8% eram portadoras de vestígios de correntes de EA, ou seja, 24. O restante, 44,2%, ao todo 19 matérias não possuíam vestígios de EA. A **Figura 11** abaixo é um Gráfico que mostra explicitamente EA as representações em percentuais.

Figura 11: Gráfico das ocorrências percentuais das matérias com



**Fonte:** Autoria própria (2019)

## 2.1 Característica evidente

Como já foi explicitado no referencial teórico, optamos por analisar as matérias de temática ambiental encontradas à luz das 15 correntes de EA sistematizadas por Sauvé (2003). Buscamos em cada leitura vestígios das características das correntes, organizadas pela autora por seus aspectos de concep o de meio ambiente, objetivos, enfoques dominantes e exemplos de estratégia.

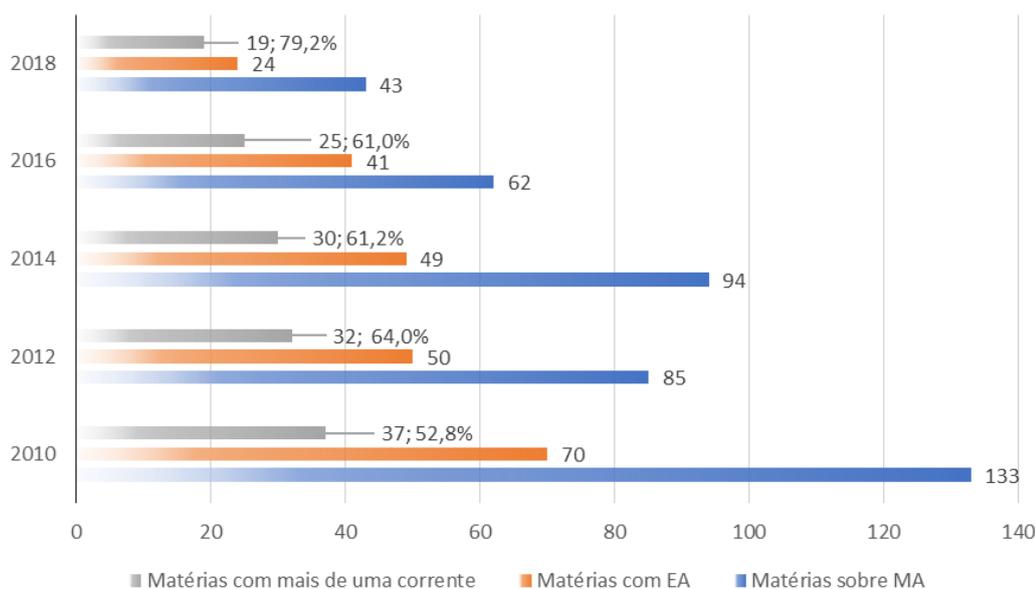
Ao lermos algumas vezes cada uma das 417 matérias fomos percebendo os traços de EA e uma característica foi se evidenciando: a grande maioria das matérias não possui vestígios de apenas uma corrente de EA, mas de algumas como mostra **Quadro 09** acima. Do total de 234 matérias com EA, 143 se encontra nessa condi o, em percentuais, 61,1%. Contatamos o que Sauvé (2005) ressalta quando diz que:

“Cada corrente se distingue, por certo, por características particulares, mas podem se observar zonas de convergência. Por outro lado, a análise de proposi es específicas (programas, modelos, atividades, etc.) ou de relatos de interven o nos levam amiúde a constatar que eles integram características de duas ou três correntes”. (SAUVÉ, 2005, p. 39).

Analisando o comportamento ano a ano do período em estudo, observamos que em números absolutos o ano 2010 foi no qual mais ocorreu essa conjun o de vestígios de correntes nas matérias. Mas, em termos percentuais, foi 2018. Em 2010, das 70 matérias com EA, 37, que representam 52,8%, se enquadram nesta situa o. Em 2018, das 19 matérias, ou seja, 79,2%, apresentaram essa característica. O segundo ano com mais textos apresentando mais de uma corrente, em termos percentuais, foi 2012. Das 50 matérias com vestígios de EA, 64%, ou seja, 32, se enquadram nesta situa o.

Em 2014, das 49 matérias com EA 61,2% continham vestígios de mais de uma corrente, isto, 30 matérias. E em 2016, das 41, 61 %, um total de 25 matérias, também tinham essa característica. Os dados desse levantamento que compara o comportamento dos cinco anos, em termos quantitativos, de matérias com temática ambiental, dentro dessas as que têm vestígios de EA, e dentro dessas as que apresentam vestígios de mais de uma corrente está bem explicitado no **Figura 12**, abaixo.

**Figura 12:** Gráfico que mostra a relação percentual, por ano, dos anos de 2010, 2012, 2014 e 2018, entre o total de matérias, produzidas pelo Jornal O Globo, sobre MA, o total com EA e o total com vestígios de mais de uma corrente de EA.



**Fonte:** Autoria própria (2019)

## 2.2 Corrente Predominante

A corrente com mais frequência de vestígios encontrados foi a Conservacionista/Recursista. No total de 234 matérias, ela predominou em 77, o que representa 32,9%. Foram 26 registros em 2014, 53%; 23 em 2012, 46%; e 14 em 2016 e 2018, representando 34,2% e 79,2%, respectivamente. Percebemos aí que o ano em que a maior parte das matérias com EA exibiam vestígios dessa corrente foi 2018.

O único ano em que a corrente Conservacionista/Recursista não predominou foi 2010, como mostra a **Quadro 9** acima. Neste ano a corrente Crítica foi a que mais resultou registros de vestígios nas matérias. Das suas 70 matérias com EA, 20 apresentaram vestígios dessa corrente, o que significa 28,5%. A Feminista foi a única corrente que não identificamos vestígios dela em nenhuma matéria do período estudado. Essas duas características, que consideramos diferenciadas, serão aprofundadas na análise qualitativa.

## 2.3 Comportamento das correntes ano a ano

Estabeleceremos, nessa análise, a frequências das correntes ano a ano até a quinta colocação. Porém, todos os registros que ocorreram constam na **Quadro 10**. Em 2010,

depois da corrente Crítica, a que mais apareceu foi a corrente que ficou à frente em todos os outros anos, a Conservacionista/Recursista, com 17 registros. Depois dela, veio a Resolutiva, com 16 ocorrências, seguida da corrente Projeto de Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade, com 14 matérias com seus vestígios. E, numa quinta colocação, empataram as correntes Biorregionalista e Ecoeducação, ambas com dez registros.

Quadro 10: Ocorrência das correntes de EA nas matérias das edições do Jornal O Globo dos anos de 2010, 2012, 2014 e 2016

Correntes de EA	2010	2012	2014	2016	2018
Naturalista	7	8	8	11	5
Conservacionista/ Recursista	17	23	26	14	14
Resolutiva	16	5	6	9	5
Sistêmica	6	9	6	8	10
Científica	8	12	5	11	9
Humanista	1	2	2	2	2
Moral/Ética	5	1	6	9	6
Holística	1	1	0	0	0
Biorregionalista	10	4	10	3	1
Prática	8	4	6	3	2
Crítica	22	7	10	8	8
Feminista	0	0	0	0	0
Etnográfica	2	1	0	0	0
Ecoeducação	10	0	2	2	1
Desenvolvimento Sustentável	14	15	14	5	4

Fonte: Autoria própria (2019)

No ano de 2012 depois da “campeã” de registros, a que mais apareceu foi a corrente Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade, com 15 ocorrências. A

Científica apareceu no terceiro lugar, com 12 registros. Em quarto lugar a corrente Sistêmica, com nove, e em quinto, a Crítica com sete.

Em 2014, depois da corrente Conservacionista/Recursista, se posicionou a Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade, com vestígios em 14 matérias. As correntes Biorregionalista e a Crítica empataram na terceira colocação, ambas com dez registros. E, em quarto lugar ficaram as correntes Resolutiva, Sistêmica, Moral/Ética e Práxica, todas com vestígios seus em seis textos. Na quinta colocação ficou a corrente Científica, com cinco ocorrências.

Em 2016, depois da corrente mais frequente, veio a Científica, com 11 registros, seguida da Resolutiva, com nove. Na quarta posição, apareceu as correntes Sistêmica e Crítica, ambas com oito ocorrências. E a quinta corrente que mais apresentou vestígios nas matérias, neste ano, foi a Projeto de Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade, com oito registros.

No ano de 2018 a corrente Sistêmica foi a que ocupou a segunda colocação em frequência, com dez matérias, seguida da Científica, com nove, da Crítica, com oito, e da corrente Moral/Ética com seis.

### **3. Análise Qualitativa**

Na análise qualitativa manteremos o padrão de categoria anual, destacando: exemplos da corrente de EA predominante a cada ano; sua relação com as características do ano; sua relação com a segunda corrente de maior incidência e com as outras correntes cujos vestígios foram detectados conjuntamente; comportamentos diferenciados das outras correntes, caso existam; e ainda exemplos de matérias sem vestígios de EA. Também ressaltaremos aspectos técnicos jornalísticos da valorização ou não da notícia ambiental.

#### **▪ 2010**

Conforme mostra Quadro 10, que integra a Análise Quantitativa Descritiva, e como já mencionado nessa análise, em 2010 a corrente predominante foi a Crítica, com 22 registros, e esse foi o único ano em que a corrente Conservacionista/Recursista não foi a campeã de ocorrências. A corrente Crítica se origina da própria Teoria Crítica, que tem seu “berço” nas ciências sociais, migrando depois para a área educacional, e só depois para a EA propriamente dita (Sauvé, 2005). Observando este ano e sua característica de ter sido considerado o “Ano Selvagem”, - como mostramos na matéria com este título no

Panorama Geral dessa análise - no qual os problemas ambientais tomaram conta dos noticiários, tanto que foi o da década com maior registro de matérias sobre meio ambiente, muitas delas reportando desastres naturais como furacões, nevascas, tsunamis e enchentes, fomos em busca de sua relação com a corrente Crítica.

Segundo Sauvé, a EA Crítica “insiste, essencialmente, na análise das dinâmicas sociais que se encontram na base das realidades e problemáticas ambientais” (SAUVÉ, 2005, p. 30). Entre outras coisas, essa corrente questiona como a rela o com o ambiente se submete aos jogos dos valores dominantes, e também se há ruptura entre a palavra e a a o. E   no objetivo dessa corrente e nesses seus questionamentos que detectamos uma possível rela o com 2010, ano em que o considerável número de registros de desastres ambientais “naturais” foram atribuídos, na sua maioria, às mudanças climáticas. Mudanças essas que sabemos - via relatório do IPCC, já citado na introdu o desse trabalho – são resultantes da a o do homem.

Essa década que está em curso, iniciada em 2010, foi marcada por recusas, de grandes potências econ micas, de adotarem as medidas necessárias para suas redu o de emissões de gás carbônico, maior contribuinte para o aumento da temperatura do planeta. Trouxemos a memória desse comportamento de quem representa os valores (econ micos) dominantes só para “ensaiar” uma resposta ao questionamento levantando pela corrente Crítica, e respaldar o *link* que percebemos. Como exemplo de vestígios dessa corrente, isoladamente, podemos citar as matérias publicadas na página 23, da edi o do dia 20/08, na editoria Rio, intituladas “Proposta na contramão da cidade limpa” e “Logotipo na praia”, como mostram as **Figura 13**.

Figura 13: Página 23 da edi o do dia 20/08 do Jornal O Globo. Versão impressa digitalizada



Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

As duas matérias, que se completam, tratam de um projeto assinado por 21 vereadores da Câmara Legislativa do Rio de Janeiro, que libera de uma forma geral a publicidade e a propaganda nos prédios e lugares públicos da cidade. As fontes ouvidas criticam, inclusive, o fato de o projeto se apresentar com o nome de Cidade Limpa, e propor a liberação total da poluição visual na cidade. Os textos, a partir desse tema, expõem informações gerais, de forma aprofundada, sobre a legislação local que trata do assunto e o estado “físico” da cidade com relação à poluição visual. As fontes são variadas, desde gestores públicos, especialistas e a comunidade em geral. Identificamos nesta característica de diversidade de fontes, que dá voz a todos os interessados, vestígios de EA Crítica. Esses vestígios foram percebidos, principalmente, nos trechos das matérias que seguem:

“A presidente da Associação de moradores de Botafogo, Regina Chiaradia, classificou o projeto como ‘palhaçada’...’No país todo se discute limpar as cidades de publicidade, logo no Rio se debate justamente o contrário’...Um artigo da proposta dificulta até o encaminhamento de queixas de moradores que se sintam prejudicados com a existência de painéis luminosos” (Proposta na Contramão da Cidade limpa)

“Áreas de proteção ambiental: o projeto permite publicidade institucional referente a patrocínio, sem fazer referência ao tamanho máximo do material”. (Logotipo na Praia).

As duas matérias juntas ocupam mais da metade da página. A intitulada “Proposta na contramão da cidade limpa” é manchete da página, e tem 14 parágrafos e dois intertítulos. A “Logotipo na Praia” é um box (informação de apoio à matéria principal) da manchete, funcionando como sub manchete, e tem dois parágrafos. Apesar de não contarem com chamada na primeira página, ambas são ilustradas com fotos, e, jornalisticamente, estão editadas de forma a dar destaque ao assunto.

Das 22 ocorrências da corrente Crítica, somente em nove os vestígios de EA eram exclusivamente dela. Nos outros 13, essa corrente esteve acompanhada de outras manifestando a “característica evidente”, mencionada no item 2.1 desta Dissertação. As correntes que mais a acompanharam, e às vezes juntas, foram a Biorregionalista, quatro vezes, e a Ecoeducação, com o mesmo número de casos.

A corrente Biorregionalista tem em comum com a Crítica o olhar o meio ambiente sob a ótica social. O biorregionalismo trata-se de um movimento socioecológico, que

surge no “movimento de retorno à terra, depois das desilusões com a industrialização e a urbanização massivas” (SAUVÉ, 2005, p. 28). Já a corrente Ecoeducação se encontra com a Crítica na sua percepção do meio ambiente como uma esfera de interação, na qual há aprendizado para o desenvolvimento pessoal de cada um. Entre os exemplos, que unem vestígios das três correntes, podemos citar a matéria publicada na edição do dia 14/09, na página 20, editoria Rio, intitulada “Mutirão para limpar as comunidades do Leme”, como mostra **Figura 14**.

Figura 14: Página 20 da edição do dia 14/09/2010, do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada



**Fonte:** Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria trata do mutirão da cidadania chamado “Limpa Alto Leme”, que visa promover a conscientização ambiental nas duas comunidades: Chapéu Mangueira e os Morros da Babilônia, no Rio de Janeiro. A ação relatada na matéria já é de educação ambiental, e o texto detalha seus objetivos, etapas, públicos envolvidos, a importância de iniciativas como essas, entre outras informações. As fontes de informações são, na maioria, líderes comunitários envolvidos na ação, que transmitem em suas “falas” interesse e empenho em desenvolver competências em codesenvolvimento comunitário. O descrito revela os vestígios das correntes Crítica, Biorregionalista e Ecoeducação, como por exemplo, nos trechos seguintes: “ Estão previstas atividades como coleta de lixo, distribuição de material de esclarecimento sobre dengue e roedores e ação de conscientização quanto à coleta de lixo eletrônico...Vamos trabalhar educação ambiental e queremos mostrar como a pessoa pode melhorar o local onde mora a partir da cidadania”.



muitas informações de todo o universo que contorna o assunto, como as cidades com probabilidades de serem atingidas, por exemplo. Tem uma certa “dose” de sensacionalismo, mas é também preventivo. São relatadas as providências que estão sendo tomadas para reduzir esse risco. Embora não tenha chamada na primeira página, contou com o recurso de destaque da ilustração. É ilustrado com mapas e desenhos da orla do Rio, que ajudam o leitor a prospectar o que aconteceria. Editorialmente é bem posicionado, ocupando metade da página, possuindo treze parágrafos e dois intertítulos. Além de vestígios da corrente Conservacionista/Recurista de EA, percebemos vestígios de EA Prática, que absorve as características da *práxis* (daí seu nome), “que consiste essencialmente em integrar a reflexão e a ação, que assim se alimentam mutuamente” (Sauvé, 2005, p. 29). Esses vestígios são perceptíveis, em especial, nesses trechos da matéria:

“Se um vazamento como o que ocorre a quase um mês no Golfo do México acontecesse na Baía de Campos, litoral do Rio de Janeiro, o óleo poderia chegar as praias de arraial do Cabo, Búzios e Cabo Frio entre dois e três dias... Além das probabilidades numéricas, há uma biodiversidade que sofreria na pele o ônus da catástrofe. O Estado concentra três baías e cerca de cem lagoas que se comunicam com o mar...Esse acidente é uma oportunidade de repensarmos nossos métodos...”

Outro exemplo de matéria de conteúdo negativo, no sentido de não trazer boas notícias, é a publicada na edição do dia 17/6, página 28, na editoria de Ciência, intitulada “Desmatamento provoca alta nos casos de malária”, como mostra **Figura 16** abaixo.

Figura 16: Página 28 da edição do dia 17/6/2010 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada



Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.

O texto jornalístico versa sobre a relação do desmatamento da floresta amazônica e o aumento dos casos de malária. A matéria foi produzida por jornalistas correspondentes de Washington (EUA) de O Globo, informa sobre as consequências diretas e indiretas do desmatamento no aumento da doença, revelando estudos e pesquisas científicas a respeito do assunto, e ainda os resultados dessa prática para os aumentos de gás carbônico na atmosfera e do aquecimento do planeta, entre outros dados. Embora utilize apenas fontes científicas, consegue contribuir para a formação ambiental do leitor.

Porém, em termos de edição, o texto não está valorizado. Não conta com chamada na primeira página. No que se refere à diagramação, está “imprensado” em uma coluna de cinco parágrafos, passando até despercebido para um leitor menos atento, e não possui ilustração. Além da EA Conservacionista/Recursista, observamos vestígios de EA Científica, cuja uma das características é abordar com rigor as problemáticas ambientais, mais especificamente as relações de causa e efeito (Sauvé, 2005). Os trechos seguintes da matéria exemplificam esses vestígios: “O desmatamento da floresta Amazônica favorece a reprodução de mosquitos e leva a uma forte alta nos casos de malária no Brasil, afirmam pesquisadores americanos... Políticas de preservação e de saúde pública são a mesma coisa, diz o professor Jhonatan Patz”.

Ainda dentro da exemplificação dos textos “negativos”, que caracterizaram 2010 como acima mencionado, temos a matéria publicada no dia 05/01, na página 26, editoria Mundo, intitulada “Maior nevasca das últimas seis décadas leva caos a Pequim e Seul”, como mostra **Figura 17**.

Figura 17: Página 26 da edição do dia 05/01/2010, do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.

## Maior nevasca das últimas seis décadas leva caos a Pequim e Seul

Nos EUA, tempestade despeja camada recorde de neve, de 84cm, sobre Vermont

• PEQUIM e SEUL. A maior nevasca das últimas seis décadas levou o aeroporto de Pequim e deixou milhares de passageiros ilhados na capital chinesa. Mais de 20 estradas foram fechadas no norte do país, assim como 2.500 escolas, deixando 2,2 milhões de estudantes sem aulas. Na Coreia do Sul, é a pior tempestade de neve nos últimos 70 anos. Uma camada de gelo de 26 centímetros cobriu Seul de branco, o que levou ao cancelamento de voos e caos no trânsito da capital. Pelo menos três pessoas morreram. Na Índia, a onda de frio já matou cerca de 60 pessoas.

Uma inspeção foi montada para manter a ordem na Coreia do Sul. Cerca de 3.600 trabalhadores foram deslocados para retirar a neve das estradas e das ruas. Além disso, cinco mil soldados foram enviados à capital e à província de Gyeonggi, segundo o Ministério da Defesa. O Aeroporto Internacional de Gimpo, a oeste de Seul, interrompeu temporariamente seus serviços. 224 voos foram cancelados antes que se retomassem as operações, à tarde, quando parou de nevar.

Em Pequim, a tempestade de neve que começou no fim de semana continuou provocando estragos ontem. Centenas de voos foram cancelados, e mais

de 300 mil pessoas foram incumbidas de retirar o gelo das ruas. A onda de frio no país deve continuar até meados da semana, e, no extremo norte, a temperatura pode cair até a 32 graus Celsius negativos. Sapporo, na ilha japonesa de Hokkaido, também ficou coberta de branco.

**Onda severa de frio chega ao sul dos Estados Unidos**

Nos EUA, as nevascas e as baixas temperaturas que causaram problemas no leste do país no fim de semana chegaram ontem ao sul. A onda de

frio estendeu-se até mesmo à normalmente ensolarada Flórida, que viu as temperaturas caírem drasticamente ontem.

Uma tempestade despejou históricos 84 centímetros de neve em Burlington, a maior cidade de Vermont. A quantidade superou o recorde de 76 centímetros registrado em 1969. Estudantes de Ohio se viram obrigados a estender as férias de fim de ano devido às tempestades, que cobriram o estado com 30cm de neve no fim de semana e anuviaram despejando outros 30cm nos próximos dias. ■



PASSAGEIROS são resgatados em trem coberto pelo gelo na China

O texto, produzido por correspondentes de O Globo de Pequim e Seul, trata do evento da nevasca nas cidades de Pequim e Seul, na China, fazendo comparações das consequências do fenômeno nos países atingidos, e relatando as medidas que estão sendo tomadas para reduzir os danos. Dos recursos de destaque conta apenas com ilustração, pois possui fotos mostrando a operação de resgate dos passageiros de um trem atolado na neve. Mas não tem chamada na primeira página, e foi desenvolvido apenas em cinco parágrafos e um intertítulo. Não tem diversificação de fontes de informações, se restringindo às fontes oficiais. Revela vestígios de EA Resolutiva, que tem, em se tratando de concepção, o meio ambiente como problema (Sauvé, 2003). Esses vestígios podem ser percebidos no trecho seguinte: “Uma megaoperação foi montada para manter a ordem na Coréia do Sul. Cerca de 3.600 trabalhadores foram deslocados para retirar a neve das estradas e das ruas”.

Mas não só de calamidades se constituiu 2010. Dentre as matérias com vestígios de EA, contamos com algumas positivas, portadoras e boas notícias para o meio ambiente, e que revelaram vestígios de outras correntes de EA. A matéria publicada no dia 28/03, na página 23, editoria Rio, intitulada “Apagão do bem atinge monumentos e pontos turísticos do Rio e do mundo”, é uma delas, como mostra **Figura 18**:

Figura 18: Página 23, da edição do dia 28/03/2010, do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.

## ‘Apagão do bem’ atinge monumentos e pontos turísticos do Rio e do mundo

Após desligar interruptor simbólico, prefeito anuncia fim de aterro sanitário

**Sérgio Ramalho**

• Um “apagão do bem” deixou ontem às escuras o Aterro do Flamengo e a orla de Copacabana ao Arpoador, atingindo ainda o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, a igreja da Penha, o Monumento aos Pracinhas, o Jockey Club Brasileiro e 812 pontos turísticos em 4 mil cidades, de 120 países, que participaram do evento A Hora do Planeta. A ação, que durou uma hora, entre 20h30m e 21h30m, é um alerta idealizado pela organização WWF sobre o aquecimento global. No Rio, base da iniciativa no país, o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, e o prefeito Eduardo Paes desligaram um interruptor simbólico das luzes do Rio.

— Esse é um apagão do bem, que vai iluminar a consciência em relação à importância do cuidado com o meio ambiente. Um gesto que pode parecer pequeno, mas que, repetido mundo afora, tem um efeito muito bom para a população — disse Minc no Centro de Visitantes do Jardim Botânico, onde participou do ato com o prefeito.

Um grande telão instalado no local mostrava imagens de cidades que aderiram à iniciativa, como Paris e Lisboa. Os cariocas abraçaram a ideia e promoveram uma vigília com velas na Lagoa. Em todo o Brasil, 72 cidades de 20 estados apoiaram a causa.

Assim como Minc, Paes destacou que a adesão demonstra uma preocupação da sociedade com a questão ambiental. E



Domingo Pinto

CRIANÇAS COM uma vela durante a vigília na Lagoa: um grande alerta sobre o aquecimento global

... qual dar uma prova disso: durante um discurso, ele anunciou que fechará, até o fim do ano, o aterro sanitário de Gramacho, já saturado. Paes ainda antecipou uma solução ecologicamente correta: um centro de tratamento de resíduos.

— Quero antecipar que, no fim do ano, eu e Minc fecharemos o aterro sanitário de Gramacho. Vamos colocar um cadeado em sua entrada para acabar com aquilo que é um crime ambiental, que se repete há muitos anos. As licitações que possibilitarão a criação de um centro para tratar o lixo do Rio já foram concluídas — disse o prefeito. ■

A matéria, assinada pelo jornalista Sérgio Ramalho, trata da adesão do Rio de Janeiro ao evento a Hora do Planeta, que mantém durante uma hora várias cidades, no mundo inteiro, com as luzes apagadas, numa manifestação de alerta para a reflexão sobre o aquecimento global. O texto relata como se deu o “apagão do bem” no Rio, a finalidade do evento em termos mundiais e a importância da adesão do Brasil. A matéria é assinada pelo jornalista Sérgio Ramalho. Embora só tenha cinco parágrafos, é a manchete (matéria principal) da página. Não tem chamada na primeira página, mas é ilustrada com fotos. Percebemos nela vestígios de EA da corrente Holística, que tem, entre seus objetivos, o atuar participativo do cidadão em e com o meio ambiente (Sauvé, 2003), e da corrente Crítica, que visa, entre outras coisas, desenvolver competências de reflexão (Sauvé, 2003). O trecho seguinte exemplifica os vestígios de EA:

“Esse é um apagão que vai iluminar a consciência em relação à importância do cuidado com o meio ambiente. Um gesto que pode parecer pequeno, mas que repetido mundo afora, em um efeito muito bom para a população, disse Minc” (ministro do meio ambiente à época).

Em 2010 ocorreu também um considerável número de matérias que não possuíam vestígios de EA. Como mostra o Quadro 9 acima, foram 63, só três a menos que as 70 com EA. Dessa forma, entendemos importante, registrarmos textualmente, nessa análise, exemplo dessa situação. A primeira matéria que analisamos deste ano, cujo título é “Turistas ilhados pela chuva no Rio Grande do Sul”, publicada no dia 05/01, na editoria O País, como mostra **Figura 19** abaixo, exemplifica um texto sem EA.

Figura 19: Página 09 da edição de 05/01/2010, do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

## Turistas ilhados pela chuva no RS

Quatro rodovias do estado são interditadas; rapaz morre atingido por raio

• PORTO ALEGRE. A chuva que cai sobre o Rio Grande do Sul desde domingo deixou cerca de 150 turistas ilhados nos balneários Ouro Verde e Zimmermann, na localidade de Três Barras, em Santa Maria. As pessoas foram surpreendidas ontem pela cheia do Rio Soturno, que transbordou durante a madrugada. Já em Sobradinho, pelo menos 100 famílias ficaram desabrigadas. Elas tiveram de ser removidas para alojamentos improvisados pela prefeitura e ginásios.

Em Caxias do Sul, no começo da noite de domingo, um rapaz de 17 anos e o cavalo que ele montava morreram ao serem atingidos por um ralo na

zona rural do município.

Pelo menos quatro rodovias gaúchas — uma federal e três estaduais — foram interditadas por causa da chuva. De acordo com a Polícia Rodoviária Federal de Lajeado, um desmoronamento de terra, por volta das 11 horas de ontem, obstruiu totalmente o quilômetro 310 da BR-386, em Marques de Souza.

### Chuva registrada é mais da metade da média de janeiro

Nos balneários, os bombeiros usaram barcos para o resgate. A passagem de veículos está interrompida pela cheia a uma distância de quatro quilômetros de Ouro Verde e Zimmermann.

O setor de meteorologia da Base Aérea de Santa Maria informou que choveu 67,6 milímetros em Arroio Grande até ontem à tarde. A quantidade de chuva é equivalente a mais da metade da média histórica de janeiro.

No Vale do Rio Pardo, a chuva que começou na noite de domingo deixou localidades ilhadas em diversos municípios. Em Segredo, choveu cerca de 200 milímetros desde a domingo.

Segundo a Defesa Civil do município, três pontes de acesso à cidade foram cobertas pelo Arroio Cariljinho, que subiu cerca de quatro metros. Em alguns locais a água cobriu totalmente as casas. ■

A Matéria apenas relata estragos “causados” pela chuva, com foco nas consequências para os turistas. As fontes de informações são somente os profissionais da meteorologia e da Defesa Civil. A comunidade não é ouvida. Não há nenhuma orientação de como as pessoas devem proceder em caso de novas chuvas ou alguma referência à motivação das chuvas causarem, com frequência, caos à região, abordagens que poderiam trazer a notícia para a área ambiental e suscitar algum vestígio de EA. A matéria informa, mas não forma o cidadão. O trecho a seguir da matéria exemplifica essa ausência de EA que predominou em todo o texto: “A chuva que cai sobre o Rio Grande do Sul desde domingo deixou cerca de 150 turistas ilhados nos balneários Ouro Verde e Zimmerman, na localidade de Três Barras, em Santa Maria”.

#### ▪ 2012

Este foi um ano significativo para o meio ambiente, mas não por ter sido farto em desastres ambientais “naturais” como 2010 - embora tenham ocorrido alguns -, e sim pelo Brasil ter sediado a Conferência sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio+20. O evento ocorreu no Rio de Janeiro, entre os dias 13 e 22 de junho, e suscitou opiniões bem divergentes, amplamente divulgadas pela mídia. A conferência foi considerada pelo secretário geral da ONU, Ban Ki-Moon, um “sucesso”, segundo informações publicadas no site da organização. Mas foi muito criticada pelas Organizações Não Governamentais (ONGs) da área ambiental, e até por representantes de governos. Segundo os críticos o documento final do evento - *O Futuro que Queremos* - trouxe apenas mudanças de formatação, não de conteúdo.

O objetivo principal da Rio+20 era a formulação de um plano que abordasse um desenvolvimento garantidor de vida digna a todas as pessoas, com administração dos recursos naturais de forma a garanti-los para as gerações futuras. Havia também a expectativa de que fossem determinadas metas de desenvolvimento sustentável em várias áreas. Mas isso não ocorreu. O documento final apenas cita que elas deveriam ser criadas, e adia suas possíveis adoções para a partir de 2015. Trouxemos a memória desse evento porque ele está diretamente ligado às características das correntes EA, cujos vestígios mais incidiram neste ano: a Conservacionista/Recurista, com 23 ocorrências, e Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade, com 15, conforme Quadro 10, publicado na Análise Quantitativa Demonstrativa. Entre os exemplos da incidência dessas duas correntes juntas, tratando do evento mencionado podemos citar a matéria, intitulada



destaque como a chamada na primeira página - “Mais uma reunião fracassa na proteção do mar” -, e ilustração que revela a rota dos mamíferos marinhos no Estado.

No ano de 2012 predominou a “característica evidente” como em 2010. Das 23 matérias com a corrente predominante, em treze matérias existiam vestígios de outras correntes, sendo que em duas a “outra” corrente era a Desenvolvimento Sustentável. E onze ocorrências envolveram várias outras correntes, sendo a Naturalista a de um número maior de casos, sete ao todo. Essas duas correntes têm características muito parecidas. Entre os objetivos da Naturalista, por exemplo, está a reconstrução de uma ligação do homem com a natureza (SAUVÉ, 2005), e entre os da corrente Conservacionista/Recursista está a adoção de comportamentos de conservação (SAUVÉ, 2005). Observando os dois objetivos, inferimos que não tem como reconstruir uma ligação com a natureza sem que isso passe por adotar comportamentos de conservação, e cuidado no uso, é claro. Como exemplo da incidência de vestígios dessas duas correntes podemos citar a matéria publicada na edição do dia 09/02, página 38, editoria Ciência, intitulada “O Herói da floresta é brasileiro”, conforme mostra **Figura 21** abaixo.

Figura 21: Página 38 da edição do dia 09/02/2012 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada



Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria trata do título concedido ao ambientalista Paulo Adário, da ONG Greenpeace, eleito pela ONU herói da floresta da América Latina e Caribe. A entrega do prêmio encerra o Ano Internacional das Florestas (2011). A matéria não se limitou a divulgação do prêmio e da história do seu ganhador, mas disponibilizou um acervo de informações sobre a Amazônia e sua vulnerabilidade ambiental, com números de desmatamento, de áreas preservadas, dos movimentos preservacionistas, antagonistas, a legislação e os interesses envolvidos nesse processo. Percebemos vestígios das correntes de EA Naturalista e Conservacionista/Recurista, nestes trechos, por exemplo:

“Ameaças e assassinatos são vilões não raros nas lutas ambientais. O caso mais emblemático envolveu o líder seringueiro Chico Mendes, morto em Xapuri, em 1988. Paulo Adário não ficou livre do problema. Em 2000, apenas dois anos depois de ir morar em Manaus, recebeu ameaças por telefone. Sua atuação na defesa da floresta...contrariou interesses de madeireiras”.

A matéria, em análise, é assinada pelo jornalista Cláudio Motta, e é a sub manchete da página. Não tem chamada na primeira página e tem menos e dez parágrafos (nove), mas é ilustrada com foto do ambientalista premiado.

Este ano teve uma característica única descoberta na leitura de todos os textos dos cinco anos. Nele detectamos a matéria que, sob a nossa análise, melhor representa um texto com viés de EA, no qual, efetivamente, o leitor no adquire recursos informativos que o empoderam como cidadão, lhe permitindo condições de opinar e tomar decisões sobre a temática ambiental em questão. Essa matéria está publicada na edição do dia 26/06, na editoria Rio, página 14, se intitula “A água suja de cada dia”, e é assinada pelos jornalistas Rafael Galdo e Rogério Daflon. Integra a série de reportagens que O Globo fez sobre a Rio+20, conforme mostra a **Figura 22**.

Figura 22: Página 14 da edição 26/06/2012 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada



Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria é resultado de um acompanhamento de todo o percurso do Rio Paraíba do Sul. É farta em informações sobre a história do rio, seu papel em cada cidade por onde passa, a forma como a população, poder público e as indústrias o tratam em cada parte do seu percurso, seu nível de poluição, a inexistência de ações minimizadoras dessa poluição, entre outras informações. Tem fontes variadas, como gestores públicos, empresários da indústria, ambientalistas, pescadores e pessoas que moram as margens do rio. O texto tem edição bem destacada, ocupando página inteira. É ilustrado com várias fotos, que mostram, mais que palavras, o nível de agressividade com que este recurso hídrico é tratado, recebendo na cidade de Volta Redonda, por exemplo, 42 toneladas diárias de efluentes industriais. Além de vestígios da corrente predominante deste ano, o texto tem viés das correntes: Crítica, Humanista e Naturalista. Entre outros, o trecho seguinte exemplifica esses vestígios:

“Mas essa riqueza (da região por onde o rio passa) não significa cuidados a altura dos serviços prestados pelo rio. Segundo dados recentes da Agência Nacional de Águas (ANA), apenas 21% do esgoto da bacia do Paraíba são tratados. Um índice abaixo da média nacional, que é de 30,5%. Sem falar no desmatamento das matas, no despejo de efluentes industriais e em agressões como a retirada de areia”

Das 84 matérias sobre meio ambiente detectadas em 2012, 34 não tinham vestígios de EA, como mostra **Quadro 09**, que integra a Análise Quantitativa Demonstrativa. O que significa uma representação de 40, 4%, como revela o Gráfico 3, ou seja, um percentual considerável. Dentre estes textos, a matéria publicada na página 30 da edição do dia 19/04, na editoria de Economia, cujo título é “Rio+20: Sociedade pede seriedade a Governo”, conforme mostra **Figura 23**.

Figura 23: Página 30 da edição 19/04/2012 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

30 • ECONOMIA O GLOBO 2ª Edição Quinta-feira, 19 de abril de 2012

## Rio+20: sociedade pede seriedade a governo

Documento assinado por representantes de vários segmentos quer que conferência debata mais questão climática

**RIO +20**

**Roberta Schwann**  
rio@o.globo.com

— Querio deixar claro que este documento não é oposição ao governo. É somente uma posição. O material é para colaborar com o debate Rio+20 — disse o secretário ordena na apresentação do documento a jornalista na Faculdade Armando Álvares Penteado (FAPESP).

A pesquisadora e ambientalista Maria Sílvia é uma das personalidades que assinou o documento. Para ela, herdada crítica do documento como a conferência está sendo elaborada, o desafio que se faz é “seria preciso que a Rio+20 seja irreversível e não magro para retrocesso”.

— Precisamos de uma avaliação honesta do que precisamos alcançar aqui. A conferência deverá ser mais, mas não se tornará — comenta Maria.

O texto da pesquisadora foi publicado por todos os outros presentes na apresentação do documento. O professor da Universidade de São Paulo (USP)

los Carvalho, ex-ministro do Meio Ambiente e ex-secretário do estado de Minas Gerais. — Isso me preocupa porque não há ninguém a quem eu possa recorrer e executar um conceito já surgiu outro — disse ele, acrescentando que se há debates reativos e consultas e pouca efetividade nas ações pensadas ao meio ambiente. — Até agora, há reuniões de dez em dez anos para relatar compromissos e promessas.

Até a indústria, um dos segmentos mais poluentes, aderiu ao Rio+20 na semana 2012. Rodrigo Loures, presidente do Conselho de Inovação da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), disse que “este é o documento mais justo porque vai no sentido do que”.

Outros nomes como Sônia Goldim, secretária do Meio Ambiente de São Paulo, ex-ocorridora Elena Landau e Sandra Polkova Ross, e o ex-ministro Sérgio Marchi, assinaram o documento. ■

**MAIS RIO + 20 HOJE NA INTERNET:**  
globo.com.br/tema/rio20

**VIDEO:** Jeffrey Sachs fala sobre desenvolvimento sustentável e Rio + 20

**LINHA DO TEMPO:** Confira os marcos da discussão sobre sustentabilidade

**AMPLIANDO O DEBATE:** Secretário-geral da Rio+20 marca discussão conjunta entre setores. No Blog do Razião Social

**RIJENE RECUPERO** encicaja focamente mitigue ao governo

Jose Goldemberg, que também já esteve em mais de um governo entre os que gestores da política ambiental do país, classificou o atual modelo econômico brasileiro e mundial de “predatório”.

A tentativa crucial de alinhar o conceito de “desenvolvimento sustentável” para outro chamado de “economia verde”, e que deve ser fortemente debatida na Rio+20, é o tópico que mais preocupa José Car-

Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria, assinada pela jornalista Roberta Scrivano, trata de um documento assinado, segundo o texto, por vários ex-ministros, ex-embaixadores, políticos, economistas, entre outras pessoas, enviado para a organização da Conferência Rio+20 com críticas ao evento, que nem mesmo tinha ocorrido. Mas não divulga, efetivamente, o conteúdo deste documento, o que, exatamente, critica e propõe. Portanto, o texto tem conotação política, mas não ambiental, embora aborde o evento mais importante do ano dentro dessa temática. Não percebemos vestígio algum das correntes de EA.

#### ▪ 2014

No ano de 2014 o Brasil sediou a Copa do Mundo de Futebol. Isso a princípio não teria nada a ver com o meio ambiente, mas teve. O Brasil se mostrou muito empenhado em “parecer” um bom cuidador do seu meio ambiente. Este fato para uns ambientalistas foi tido como negativo, pois muitos alegaram que os governos estariam apenas “maquiando”, ambientalmente, espaços que iriam receber turistas em função do campeonato de futebol, além de apontarem obras, relacionadas à Copa, que não teriam obedecido aos critérios do licenciamento ambiental, entre outras questões. Para outros, no entanto, o fato foi positivo porque levou o governo federal e os governos estaduais a, efetivamente, concederem maior atenção ao cenário ambiental. Essa característica do ano, de buscar formas de cuidado e conservação de seus recursos ambientais, vai ao encontro da EA predominante, que foi também a Conservacionista/Recurista. A matéria publicada na página 14 da edição de 11 de janeiro, na editoria Rio, intitulada “Trabalho desperdiçado: 194 milhões em esgoto”, conforme mostra **Figura 24**, exemplifica essas observações.

Figura 24: Página 14 da edição 11/01/2014 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada



Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria trata do “mar de lixo” existente nos canais do Fundão e do Cunha, na cidade do Rio de Janeiro, mesmo depois de terem sido alvo de serviço de dragagem que custou R\$ 194 milhões, e que visava a melhora da situação ambiental dos canais localizados na principal porta de entrada do turismo internacional da cidade. O texto é amplo, resgata toda a forma como foram arquitetadas as parcerias para a dragagem, que órgãos participaram, quais dejetos são lançados e com que frequência nesses canais, e o que o acúmulo de lixo causa, entre outros dados. Enfim, um volume de informações que torna o leitor bem a par do assunto, e em condições de formular opinião e debatê-lo. Além da corrente Conservacionista/Recursista, percebemos vestígios das correntes Crítica, Biorregionalista, e Moral Ética. O trecho seguinte da matéria exemplifica alguns desses vestígios:

“Em um sobrevoo de helicóptero... o biólogo Mário Moscatelli pôde comprovar que o cenário ali ainda é de muita degradação. Próximo à Península do Cajú, ele flagrou uma mancha esbranquiçada que, pela coloração, acredita-se tratar-se de despejo de produto químico...Durante os sobrevoos o biólogo já observou de tudo boiando nos canais daquele trecho: sofás, pneus, tv, camas, lixo doméstico e hospitalar, brinquedos de crianças, animais mortos, máquinas de lavar e até corpos...Segundo Mocatelli, que há 17 anos faz o monitoramento da bacia hidrográfica da baía de Guanabara, por meio do projeto Olho Verde, o fato é uma das muitas evidências de que há morosidade nas solução dos problemas de poluição no Rio”.

A matéria em questão é assinada pela jornalista Simone Cândida. É a manchete da página, ocupando-a por inteiro, com 16 parágrafos, um intertítulo, e um box de cinco parágrafos intitulado: “MP pede fim de despejos de resíduos no litoral”. Conta com os recursos de destaques como chamada na primeira página e duas fotos, dando-nos condições de afirmar que, embora a notícia seja negativa – no sentido de dar más notícias sobre o meio ambiente - a temática ambiental está, jornalisticamente, valorizada nela.

A mídia divulgou amplamente a “preparação ambiental” das cidades brasileiras para a Copa do Mundo, tanto que este ano foi o segundo, do período estudado, com maior número de registros de matérias sobre meio ambiente, e o terceiro em que estes textos apresentaram vestígios de EA, conforme quadros da análise quantitativa descritiva. Outra matéria que exemplifica este cenário é a publicada na edição do dia 22/05, na página 11,

editoria Rio, cujo título é: “CONTAGEM REGRESSIVA: Um novo Jardim Botânico”, conforme mostra **Figura 25**.

Figura 25: Página 11 da edição 22/05/2014 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada



**Fonte:** Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria trata da reinauguração do Jardim Botânico, do Rio de Janeiro, que passou por reformas e ainda vivia, à época, à espera da retirada de mais de 500 famílias que moravam dentro do parque há muitas décadas. O texto cita todos os ganhos que o espaço ecológico obteve com a reforma, realizada em função da Copa do Mundo, mas ressalta, principalmente, as conquistas ambientais e os projetos futuros nessa área. Verificamos nele vestígios de EA nas correntes Científica e Naturalista, que empatou com a Biorregionalista em ocorrências conjuntas com a corrente predominante. Ambas tiveram cinco registros. Os trechos a seguir da matéria podem servir de exemplos da nossa percepção dos vestígios de EA

“Nas palavras da presidente do Jardim Botânico, Samyra Crespo, esse é o pontapé inicial de um ambicioso projeto da instituição para se transformar no maior e mais influente parque botânico, centro de pós-graduação em ecologia e botânica tropical e laboratório de genética de plantas do País...a longo prazo e com oferta de água, no local será construído um jardim projetado pelo escritório de Burle Marx, harmonizando lagos e plantas e recuperando um terreno hoje degradado pelo lixo e pela falta de cuidado com a natureza”.

A matéria, em análise, é assinada pelo jornalista Gilberto Scofield Júnior. É manchete da página, ocupando-a completamente com onze parágrafos, dois intertítulos e dois boxes, um de sete parágrafos intitulado: “Novidades Previstas”, e outro de três parágrafos, intitulado: “Briga judicial por posse de terras se arrasta há três décadas”. Conta com chamada na primeira página e com fotos ilustrativas. No conjunto da edição é perceptível que, jornalisticamente, a temática ambiental foi valorizada.

Um diferencial da corrente predominante em 2014 foi a ênfase com que correu. Foram 26 registros da Conservacionista/Recursista. O ano de 2010 teve 17 registros dessa corrente, e 22 da sua predominante, que foi a Crítica. Em 2014, no qual ela também predominou, foram 23. Os outros dois anos, que serão tratados mais à frente, tiveram registro menores dela.

Do total de ocorrências no ano, em 15 a EA Conservacionista/Recursista apareceu acompanhada de outras correntes. As mais incidentes foram as correntes Naturalista, que já mencionamos, e a Biorregionalista, ambas com cinco incidências. Como já fizemos nossas considerações sobre os pontos comuns dessa corrente predominante com a Naturalista no ano de 2012, vamos, nessa análise de 2014, abordar o que a aproxima da corrente Biorregionalista. Ambas as correntes têm entre seus enfoques dominantes o cognitivo e o pragmático, e seus exemplos de estratégias envolvem projetos comunitários de gestão/conservação (Sauvé, 2003).

A matéria publicada na edição do dia 24/06, na página 25, editoria Sociedade, intitulada “Pantanal pode receber até 154 barragens”, conforme mostra **Figura 26**, é um bom exemplo do encontrar a convivência dos vestígios das correntes Biorregionalista, Conservacionista/Recursista, Naturalista, além da Crítica, que também “marcou presença” neste texto.

Figura 26: Página 25 da edição 24/06/2014 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.



Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria trata das diversas obras de hidrelétricas planejadas e/ou em execução no Pantanal, e ressalta os prejuízos ambientais que elas podem trazer, até porque a maioria não tem Estudo de Impacto Ambiental sobre os rios próximos. Essa ausência de estudo já foi motivo de liminar, do Ministério Público Federal, suspendendo obras e projetos. Mas o Tribunal Regional Federal, da 3ª Região, autorizou a retomada das obras, fato que alarmou e preocupou ambientalistas e comunidade local. O texto traz essas e outras informações que deixam o leitor a par de muitos detalhes do assunto. Em se tratando de edição jornalística a matéria está bem posicionada. Conta com 17 parágrafos e dois intertítulos, chamada na primeira página e recursos de ilustração.

Os trechos seguintes exemplificam nossa percepção dos vestígios de EA.

“As usinas hidrelétricas pretendidas na região são de potências variadas, de menos de mil a mais de 200 kw, e se concentram na Bacia do Alto Paraguai. Até hoje a decisão final em primeira instância não foi proferida, o que provoca críticas de ambientalistas e outros especialistas preocupados com o futuro de um refúgio onde se abrigam milhares de espécies de plantas, aves, peixes, répteis, anfíbios e mamíferos”.

Nosso estudo registrou no ano em análise 47,9% das suas matérias sobre meio ambiente sem nenhum vestígio de EA, percentual que consideramos significativo. Esse universo de textos pode ser exemplificado pela matéria primeira matéria do ano que analisamos, publicada na edição do dia 03/01, página 11, editoria Rio, intitulada “Água turva e mau cheiro afastam banhistas”, conforme mostra **Figura 27**.

Figura 27: Página 11 da edição 03/01/2014 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada.

**Água turva e mau cheiro afastam banhistas**

**Aspecto ruim tomou praias de Ipanema e Copacabana em dia de sol forte**

RENATA LEITE  
renata.leite@oglobo.com.br

Um cheiro forte e desagradável e a água escura pegaram de surpresa quem aproveitou a quinzena de sol para ir à Praia de Ipanema. O péssimo aspecto se refletiu no início da oira de Copacabana, na altura do Posto 6, onde, além das algas vistas na praia vizinha, havia lixo flutuante.

No Arpoador, o mar calmo, como um piscina, era convidativo apenas até o banhista se aproximar da água. A presença de algas e o mau cheiro afastaram o casal de mineiros Leonardo Coelho, de 25 anos, e Patrícia Diniz, de 28. Quinze minutos após chegarem até a areia, eles decidiram subir para o calçadão e caminhar em direção a Copacabana atrás de uma praia mais limpa.

Como Minas não tem mar, viemos também para aproveitar a praia. Mas o cheiro da água está muito ruim. E mineiro vai à praia só uma vez por ano. Essa é a nossa chance — lamentou Leonardo.

É a cabeleleira Rosilene Pereira da Silva, de 41 anos, resolveu mergulhar para aliviar o calor, apesar da condição desfavorável no Arpoador.

Está um cheiro forte de alga, de matisco. Não parece esgoto. Mas preocupa, preocupa. Perto dali, em Copacabana, a publicitária Amanda Moura prefere usar óculos de proteção na areia para se refrescar, em vez de mergulhar no mar.

Além de a água estar marrom, há muito lixo flutuante. Os turistas devem estar com uma péssima impressão.

O Inea coletou amostras de água nas praias da Zona Sul, mas informou que o resultado da análise só ficará pronto hoje. Na quarta-feira, as águas do Leme já haviam apresentado coloração marrom. Outra mancha surgiu em 28 de dezembro. Naquela dia, segundo o Inea, ela foi resultado da floração de uma alga, que teria crescido por conta do excesso de material orgânico lançado no mar. Ainda de acordo com o Instituto, o vegetal não era tóxico.

**REPERCUSSÃO INTERNACIONAL**  
A poluição do mar no Rio tem gerado matérias em veículos no exterior. Após a disputa da tradicional prova de natação Rei e Rainha do Mar, a Associated Press destacou a poluição presente nas águas de Copacabana e na Baía de Guanabara, onde acontecerão as provas de vela nas Olimpíadas.

“A água poluída se tornou uma questão quente, com 70% do esgoto de uma cidade de seis milhões sendo lançados sem tratamento nos canais de água, a apenas dois anos e meio do início dos Jogos”, diz a matéria.

Em novembro, o jornal americano “The Washington Post” já havia publicado reportagem temendo pela saúde de atletas e turistas por conta dos altos índices de coliformes fecais. ■

**Mar calmo.** Apesar do calor e da cor escura, crianças brincam no Arpoador



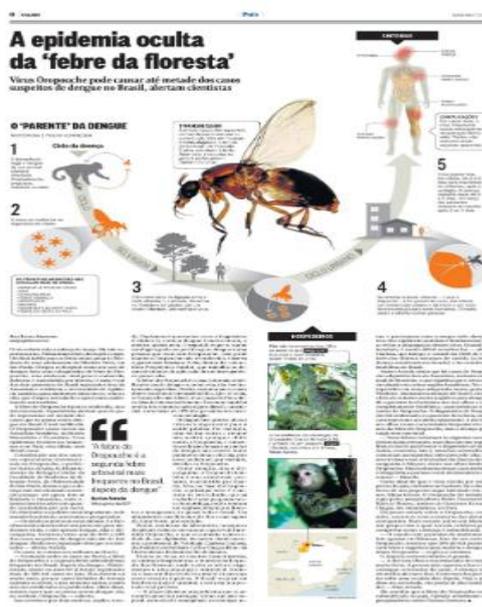
Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria, que é assinada pela jornalista Renata Leite, apenas relata o fato de as águas das praias do Rio estarem com cheiro forte e lixo flutuante, mas para por aí. Causas, consequências e providências que estão ou deveriam estar sendo tomadas para resolver o problema não são mencionadas. A grande preocupação demonstrada no texto é que esse fato ocorre há dois anos de o Rio hospedar as Olimpíadas, e no ano da Copa do Mundo. Não conseguimos perceber nela vestígio algum de EA.

## ▪ 2016

O ano de 2016 também trouxe ao Brasil um evento esportivo, da mesma forma que 2014, este foi totalmente sediado no Rio de Janeiro, sede do jornal objeto do nosso estudo, que foram as Olimpíadas. Esse evento suscitou muitas preocupações na área ambiental, devido ao grande número de casos de doenças, provocadas pelo mosquito *aedes aegypti*, como zika, dengue e chicungunha, que proliferaram no País a ponto de ameaçar a vinda de atletas para o evento esportivo. Neste ano também a ONU divulgou, em 15 de março, relatório revelador de que as más condições ambientais são responsáveis por 12,6 milhões de mortes por ano no planeta, o que representa 23% das mortes anuais no mundo. As doenças, portanto, foram tema predominante nas matérias sobre meio ambiente, como revela o primeiro texto que analisamos, intitulado “ A epidemia oculta da febre da floresta”, publicado na edição do dia 07/01, página 8, editoria País, como mostra **Figura 28**.

Figura 28: Página 08 da edição 07/01/2016 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada



Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria, assinada pelo jornalista Ana Lúcia Azevedo, trata da febre do Oropouche. Tem apresentação visual ímpar, que valoriza o tema. Embora não possua chamada na primeira página, conta com muitos desenhos e fotos ilustrativas, ocupando a página inteira, sendo assim, é óbvio, a manchete da página. Em termos de conteúdo, destaca a febre Oropouche é pouco conhecida, mas não é incomum, e sim, mal notificada, sendo confundida com a dengue. Segundo o texto, a febre causa surtos na Amazônia, principalmente nos estados Tocantins e Maranhão. É deixado claro também que, embora não seja uma doença fatal, 10% dos casos podem virar meningite. Percebemos no texto grande quantidade de dados de pesquisas de especialistas que estudam o tema, o que nos levou a identificar vestígios de EA Científica. O trecho abaixo exemplifica essa nossa observação.

“Especialistas alertam que ela (febre oropouche) pode representar até metade dos casos que se pensa serem dengue no Brasil... Temos os vírus, os insetos transmissores, os animais hospedeiros, o manejo inadequado das florestas onde estão os micro-organismos e uma população vulnerável. Some-se a isso um fluxo cada vez maior de pessoas entre Estados e Países. O Brasil tropical da biodiversidade é também a terra da tempestade viral perfeita”.

Observamos que, provavelmente, em função desse cenário do aparecimento de doenças, a segunda corrente com mais registros de vestígios nas matérias, em análise, tenha sido a Científica, com onze registros, um deles exemplificado acima. Outros exemplos, tanto do domínio da temática “doenças”, como do encontrar vestígios dessa corrente, são as matérias intituladas: “Pesquisadora apresentará dados com pernilongo sobre zika à OMS”, publicada na página 11, edição de 04/03, na editoria Rio; e “Contra Vírus, alta tecnologia em meio à selva tropical”, publicada na página 12 da mesma edição e editoria, como mostram as Figuras 29 e 30 abaixo. O interessante destes dois textos é que, embora a temática seja doença, ambos têm enfoque positivo, ou seja, sinalizam busca de soluções a partir da pesquisa e da tecnologia.

Figura 29: Página 11 da edição 04/03/2016 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

# Pesquisadora apresentará dados sobre pernilongos com zika à OMS

**Estudo para determinar se 'Culex' pode transmitir o vírus a humanos está em andamento em Recife**

MARIA ELISA ALVES  
elisa@oglobo.com.br

A pesquisadora Constância Ayres, da Fiocruz de Pernambuco, que está à frente do estudo que mostrou que o mosquito *Culex quinquefasciatus*, o pernilongo, pode ser um dos vetores do vírus zika, irá apresentar os dados preliminares de sua descoberta à Organização Mundial de Saúde

(OMS). Constância, que revelou os resultados dos testes feitos em laboratório durante um seminário sobre a doença anteontem em Recife, embarca amanhã para Genebra, onde fará uma palestra.

Após introduzir, em laboratório, o zika em 200 mosquitos *Culex*, a pesquisadora constatou a presença do vírus na glândula salivar do inseto. Constância disse durante o seminário que ainda não se sabe se o *Culex* pode transmitir zika a humanos, a exemplo do que já acontece com o *Aedes aegypti*. Para determinar

se a contaminação é possível e se existe *Culex* na natureza com o vírus zika, a bióloga começou uma pesquisa de campo, cujos resultados devem sair daqui a oito meses.

**OUTRA ESPÉCIE SERÁ ESTUDADA**  
Os pesquisadores da Fiocruz já estão coletando mosquitos em lugares de Pernambuco, onde há muitos registros da doença. A ideia é que, ao longo do projeto, seja incluída outra espécie na pesquisa, o *Aedes albopictus*, que ocorre em vários países de clima temperado.

De acordo com a Fiocruz, a pesquisadora resolveu estudar o pernilongo após observar que a primeira área urbana que teve surto da doença, na Micronésia, é uma região no Pacífico onde o *Aedes aegypti*, tido até agora como o único vetor do vírus zika, é raro. Outros *Aedes* presentes no local foram negativos para o vírus. O *Culex*, segundo a fundação, é a espécie de mosquito mais abundante no ambiente urbano das áreas tropicais e subtropicais e costuma ter densidade 20 vezes maior do que o *Aedes*.

A descoberta do vírus zika na glândula salivar do *Culex* co-

meçou a alterar pesquisas de outras instituições. Na UFPA, o professor Davis Ferreira, do Laboratório de Interação Vírus-Célula, resolveu retestar todas as amostras de *Culex* que estão armazenadas. O pesquisador procura na natureza mosquitos infectados, mas não encontrou nenhum com zika desde que começou o trabalho, há cerca de cinco meses.

— Já analisamos cerca de 600 *Culex*, mas vamos voltar a eles e tentar um protocolo diferente. A partir da semana que vem, começaremos novos testes. Vamos rever alguns insetos

já examinados e analisar os congelados. Nossa resposta a essa pesquisa será imediata — diz Davis, que acredita ser capaz de examinar cerca de 200 insetos por semana.

Em meio à corrida para conter o avanço da doença, a Secretaria estadual de Saúde teve que descartar 380 mil frascos de larvicidas para o combate ao *Aedes*, há cerca de cinco meses. — Já analisamos cerca de 600 *Culex*, mas vamos voltar a eles e tentar um protocolo diferente. A partir da semana que vem, começaremos novos testes. Vamos rever alguns insetos

Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

Figura 30: Página 12 da edição 04/06/2016 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

12 | **ciência** | **Site** | **sexta-feira, 4 de junho de 2016**

## COMBATE AO MOSQUITO

### Contra vírus, alta tecnologia em meio à selva tropical

Localizado entre a floresta Amazônica e a capital do Pará, Instituto Evandro Chagas realiza avanços em pesquisas genômicas



**Contra vírus, alta tecnologia em meio à selva tropical**

Localizado entre a floresta Amazônica e a capital do Pará, Instituto Evandro Chagas realiza avanços em pesquisas genômicas

**Avanços em pesquisas genômicas**

A pesquisa genômica do Instituto Evandro Chagas, em Belém, Pará, está avançando rapidamente. O instituto, que atua na área de doenças infecciosas e parasitárias, está realizando estudos de alto nível tecnológico para entender melhor o genoma de mosquitos, como o pernilongo (*Culex quinquefasciatus*), que é um dos principais vetores de doenças tropicais.

Os pesquisadores estão utilizando técnicas de sequenciamento de alto rendimento para identificar genes e variantes genéticas que podem estar relacionados à resistência a inseticidas e à transmissão de vírus. Esses dados são essenciais para desenvolver estratégias mais eficazes de controle e prevenção de doenças.

**Atividades em laboratório**

Em um laboratório bem equipado, pesquisadores utilizam equipamentos de ponta para realizar análises genômicas. O ambiente é controlado para evitar contaminações e garantir a precisão dos resultados.

**Importância da pesquisa**

Essas pesquisas são fundamentais para o combate a doenças como a dengue, a zika e a chikungunya. Ao entender melhor a biologia dos vetores, os cientistas podem desenvolver vacinas e tratamentos mais eficazes, além de estratégias de controle baseadas em evidências científicas.

**Integração com outras instituições**

O Instituto Evandro Chagas mantém uma estreita colaboração com outras instituições de pesquisa e de saúde pública, compartilhando conhecimentos e recursos para enfrentar os desafios das doenças tropicais.

**Impacto social**

Os avanços em pesquisa gerada no instituto têm um impacto direto na saúde pública, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população em regiões tropicais e subtropicais.

Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A primeira matéria citada trata da pesquisa da pesquisadora Constância Ayres, da Fiocruz de Pernambuco, à frente do estudo que mostra que o mosquito *Culex quinquefasciatus*, o pernilongo, pode ser um dos vetores do vírus da zika. O texto ressalta que ela foi apresentar seus dados preliminares na Organização Mundial de Saúde (OMS). A matéria enfatiza também que outros mosquitos serão estudados, já que na primeira área urbana onde a doença apareceu o *aedes aegypti*, tido até agora como único vetor, é raro. Os vestígios de EA Científica foram percebidos, por exemplo, no seguinte texto da matéria.

“Após introduzir em laboratório o zika em 200 mosquitos culex, a pesquisadora constatou o vírus na glândula salivar do inseto. Constância (pesquisadora) disse... que ainda não se sabe se o culex pode transmitir zika a humanos, a exemplo do que já acontece com o aedes aegypti... Os pesquisadores da Fiocruz já estão coletando mosquitos em outros lugares de Pernambuco, onde há muito registro da doença”.

A segunda matéria citada trata do Instituto Evandro Chagas, localizado na cidade de Ananindeua, no Pará, que é o prolongamento da cidade de Belém. Este texto ocupa página inteira, contando com 14 parágrafos e três intertítulos. É, portanto, a manchete da página. Mesmo não tendo chamada na capa do jornal ou primeira página, internamente a matéria é ilustrada com foto em tamanho grande do complexo de laboratórios do Instituto e foto menor de uma pesquisadora em ação. Dessa forma, podemos afirmar que foi editada de maneira a valorizar a notícia.

Em termos de conteúdo, o texto explica a função do Instituto, que é voltado para o estudo de vírus e outros micro-organismos perigosos, sendo o maior e mais moderno complexo de laboratórios do Brasil. Destaca que a função da instituição é investigar e manter sob controle agentes causadores de doenças, do ebola ao zika, em pesquisas importantes para a saúde pública. Percebemos vestígios de EA Científica neste trecho, entre outros:

“Nas bordas da Amazônia, de onde se originam muitas dessas doenças misteriosas, o Instituto estuda febres hemorrágicas e outros vírus de nomes exóticos, como bussuquara e murucutu. Por lá passaram os casos suspeitos de ebola no País, devidamente descartados. É desse complexo prometem também emergir pistas para combater a zika”.

A corrente predominante deste ano foi a mesma que dois anteriores, Conservacionista/Recursista, com 14 ocorrências. Porém, não houve registro de concomitantemente com a Científica. A Conservacionista/Recursista apareceu sozinha três vezes, e nos demais registros esteve acompanhada de outras correntes, sendo as mais incidentes a Naturalista - da mesma forma que nos anos 2012 e 2014 - e a corrente Moral/Ética, aí sim um quadro diferenciado, que merece nossas considerações no sentido

de buscarmos o que elas têm em comum, e trazermos exemplos de matérias na qual elas foram detectadas.

As duas correntes têm entre seus enfoques dominantes o cognitivo. No que se refere às estratégias de ação a Conservacionista/Recurista inclui “um guia ou código de comportamentos” e a Moral/Ética a “definição de valores” (Sauvé, 2005). Ou seja, as duas trabalham no sentido de mudar comportamentos, partindo da definição do que seja o comportamento novo ou melhor. A matéria intitulada “Lixão do Cabo é interdito”, publicada na página 20, da edição do dia 29/03, na editoria Rio, como mostra a **Figura 31**, exemplifica o encontro dessas duas correntes.

Figura 31: Página 20 da edição 29/03/2016 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

## Lixão em Arraial do Cabo é interdito

**Funcionários da prefeitura da cidade faziam despejo de detritos no local**

**ANTÔNIO WERNECK**  
www.oglobo.com.br

Uma equipe da Coordenadoria Integrada de Combate a Crimes Ambientais (Cicca) da Secretaria do Ambiente (SEA) interdita, ontem de manhã, o lixão de Arraial do Cabo, na Região dos Lagos. Segundo o Inea, o motivo é o despejo irregular de lixo em área de proteção ambiental.

Como O GLOBO revelou no domingo, o depósito clandestino, com 40 mil metros quadrados, fica na Área de Proteção Ambiental (APA) de Massambaba, no Parque Estadual Costa do Sol. Funcionários da prefeitura de Arraial do Cabo foram flagrados fazendo o despejo irregular de detritos. Procurada, a prefeitura não respondeu.

O depósito clandestino é uma ameaça à Reserva Extrativista Marinha (ResEx) de Arraial do Cabo, criada por decreto presidencial em janeiro de 1997 e que cobre 56,799 hectares do litoral da cidade. Uma das 16 unidades de conservação federal no Estado do Rio, a reserva é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Além da APA de Massambaba, o lixão também coloca em risco um sítio arqueológico reconhecido pelo Iphan.

O promotor Rodrigo Gólfico Pereira, coordenador do Ministério Público Federal de Arraial do Cabo, responsável por toda a Região dos Lagos, informou que a procuradoria analisa o caso.

— Vamos esperar uma manifestação da coordenação regional da Reserva Extrativista Marinha, de Arraial do Cabo, para decidir qual será nossa atuação. Eles vão analisar se o lixão tem impacto sobre a reserva.

O despejo em lixões foi proibido em 2010 pela Lei Federal 12.305, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Os municípios tinham até 2014 para transferir o material para aterros sanitários. Na Região dos Lagos, só há o aterro privado Dois Arcos, em São Pedro da Aldeia. ■



**Figurante.** Funcionário da Prefeitura de Arraial do Cabo (de laranja) esvazia caminhão de detritos em área protegida

**Opinião**

**MONUMENTO**

O DEPOSITO clandestino de lixo mostrado pelo GLOBO de domingo em Arraial do Cabo tem cenários clássicos: lixões espalhados por um país em que saneamento básico costuma ficar em segundo plano na lista de prioridades dos governantes.

MAS NESTE há uma peculiaridade: Arraial do Cabo é um dos municípios cuja arrecadação cresceu bastante com o recebimento de royalties do petróleo produzido na costa fluminense.

ESTE LIXÃO, portanto, é um monumento à inércia de prefeitos.

Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria em questão é assinada pelo jornalista Antônio Werneck, e trata da interdição do lixão de Arraial do Cabo, na região dos Lagos, no Rio de Janeiro. O texto ocupa a parte inferior da página, em meio a anúncios. É desenvolvido em seis parágrafos mais um boxe de três parágrafos, intitulado “Opinião Monumento”. Não têm chamada na primeira página, e é ilustrado com uma foto. Seu conteúdo revela que o depósito clandestino de 40 mil metros, se localizava na Área de Proteção Ambiental (APA) de Massambaba, dentro do parque estadual Costa do Sol. Apesar do pouco espaço, há um esforço no texto de resgatar a legislação sobre o assunto. Além das EAs já citadas, percebemos vestígios de EA Naturalista. O trecho a seguir exemplifica os vestígios dessas correntes:

“Segundo o INEA o motivo (do fechamento) é o despejo irregular de lixo em área de proteção ambiental... Funcionários da prefeitura de Arraial do Cabo foram flagrados fazendo o despejo irregular de detritos. O depósito clandestino é uma ameaça à Reserva Extrativista Marinha (Res EX) de Arraial do Cabo”.

O ano de 2016 também teve sua cota de registros de matérias sobre meio ambiente sem vestígios algum de EA. Se encontraram nesta situação 33,9% do seu total de matérias ambientais. Observamos que muitas dessas matérias abordavam justamente o tema que predominou no ano - as doenças causadas pelo Aedes Aegypti- assunto sobre o qual, entendemos que a EA é fundamental já que ele trata, diretamente, de vidas humanas. A matéria publicada na edição do dia 25/02, página 10, editoria Rio, intitulada “OMS: a zika vai piorar antes de melhorar”, pode servir de exemplo desta situação.

Figura 32: Página 10 da edição 25/02/2016 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada



Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria, assinada pelas jornalistas Marcela Vieira e Vera Araújo, relata as ações de combate ao mosquito Aedes Aegypti, ressalta que o Brasil está recebendo apoio internacional, citando que a diretora da Organização Mundial da Saúde (OMS), Margareth Chan, “vestiu a camisa” do combate, e publica a íntegra da declaração da diretora afirmando que os atletas podem vir, sem medo, para as Olimpíadas. Porém, embora seja a manchete da página, tenha sete parágrafos e um intertítulo, o texto não faz

ligação alguma da doença com a proliferação do mosquito, com a questão ambiental e também não cita nenhuma forma de ação que a população poderia ter para se prevenir e/ou evitar a proliferação da doença. Não há vestígios de EA.

Existem ainda, em 2016, várias matérias produzidas dentro da série de reportagens “Guerra ao Mosquito”, que, teoricamente, deveriam contribuir com informações para que essa “guerra” fosse vencida, mas que não o fazem. Elas seguem na mesma linha da matéria mencionada cima, ou seja, sem informação que contribua para informar e formar ambientalmente o leitor. Como exemplos podemos citar: o texto publicado na edição do dia 23/01, na editoria O País, página 07, cujo o título é: ”Zika: o Governo atrasa visitas para o combate ao Aedes Aegypti”; e as publicadas na edição do dia 09.02, editoria O País, uma na página 04, cujo título é “GUERRA AO MOSQUITO - EUA: Atletas poderão decidir se vêm a Rio-2016 (já citada no Panorama Geral dessa análise); e outra na página 05 intitulada ”GUERRA AO MOSQUITO – Plano de Saúde não cobre exame para detecção do vírus Zika”.

#### ▪ 2018

Em 2018 a pauta ambiental foi a mais tímida do período estudado. Apenas 43 textos abordaram essa temática. Se compararmos com a produção de 2010, ano inicial do período em estudo, houve uma redução significativa de 90 matérias. Com relação ao ano anterior do estudo, 2016, também houve queda, 19 textos a menos. “Estamos virando o ano em mais um período sem soluções plausíveis para os problemas que enfrentaremos cada vez mais, causados pelo excesso de combustíveis fósseis que está mudando o clima, aquecendo a Terra”, publicou a jornalista Amélia Gonzalez, no dia 31/12/2018, no Portal de Notícias G1, em sua retrospectiva ambiental.

Tentando entender essa queda no interesse da mídia pela temática ambiental, revelada nos números, trazemos a reflexão se os problemas ambientais não estariam sendo banalizados a ponto de não serem mais notícia, não causarem mais interesse na mídia. E buscamos essa reflexão porque, como nos anos anteriores, 2018 contou com muitos eventos na área ambiental, e as problemáticas, resultantes das mudanças climáticas, não só permaneceram, como evoluíram. Tanto que a ONU Meio Ambiente publicou em seu site, no início de 2018, seis questões ambientais para se ficar de olho neste ano. Foram elas: recifes de coral; poluição por plástico; esportes mais verdes; meio ambiente e migração; cidades e mudanças climáticas; e grandes

felinos, que estão desaparecendo. Mas na nossa pesquisa não observamos essas temáticas sendo abordadas.

Porém, em termos percentuais, 2018 traz um dado positivo. Os textos produzidos neste ano foram o segundo em conteúdo de EA, só perderam para 2010. Do total de matérias sobre meio ambiente, 55,8% exibiram vestígio de alguma corrente de EA. A corrente predominante se manteve a Conservacionista/Recursista, com 14 registros, mesmo número de 2016. A segunda “colocada” foi a corrente Sistêmica, que até então não tinha aparecido com algum destaque nos anos anteriores.

A Sistêmica é uma corrente voltada para a compreensão adequada das realidades e das problemáticas ambientais porque sua análise permite identificar diferentes componentes de um sistema ambiental, e salientar suas inter-relações com as relações entre os elementos biofísicos e os sociais de uma situação ambiental (Sauvé, 2005). A matéria publicada na página 14, da edição do dia 14/01, editoria Rio, intitulada “Carioca será o primeiro rio tombado do estado”, conforme Figura 33, exemplifica essa corrente.

Figura 33: Página 14 da edição 14/01/2018 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada



**Fonte:** Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria, assinada pela jornalista Selma Schmidt, trata do rio Carioca que nasce dentro do Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro. O fato que dá origem à matéria é o tombamento, como patrimônio histórico do Estado, desse recurso hídrico. O texto é uma aula de história, relatando a importância desse rio para os cariocas, que receberam



governo federal na área ambiental (à época, Governo Temer), que seriam complacentes com o desmatamento. Segundo a matéria, o artigo deixa claro que em troca de apoio político o governo teria incentivado o desflorestamento. O artigo foi publicado na revista *Nature Climate Change*. Além da corrente Conservacionista/Recurista, percebemos vestígios de EA nas correntes Científica, Sistêmica e Crítica. O trecho seguinte da matéria que exemplifica alguns desses vestígios:

“O Brasil tem uma meta de redução de gases-estufa, ressalta André Lucena, professor do Programa de Planejamento Energético da Coppe/UFRJ e coautor do artigo. - Se o desmatamento aumentar, outros setores da economia terão que compensar com esforços de redução maiores e mais custosos. O País, sétimo maior emissor de gases do efeito estufa – conseguiu cortar as emissões em 54% entre 2005 e 2012, sobretudo pela redução em 78% do desmatamento”.

O texto, em questão, é assinado pelo jornalista Sérgio Matsuura. É um texto curto com oito parágrafos, e um intertítulo. Não tem chamada na primeira página, mas é a manchete da página, e está ilustrado com uma foto, que mostra o cultivo de soja avançando contra a floresta Amazônica, no Mato Grosso. A edição nos permite afirmar que a matéria teve algum destaque.

A corrente predominante também esteve presente na matéria publicada no mês de outubro, edição do dia 15/10, página 17, editoria, intitulada “Energia Verde”, conforme **Figura 35**. A matéria trata de estudo inédito do Instituto de Energia e Meio Ambiente (IEMA), ONG que pesquisa emissões de poluentes, revelador de que é possível o Brasil traçar um plano para avançar, simultaneamente, em duas metas, estabelecidas no Acordo de Paris, em 2016. De acordo com o texto, as metas são plantar florestas e aumentar a participação de energia renovável nas suas fontes de energia.

Figura 35: Página 17 da edição 15/10/2018 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada



Fonte: Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

A matéria, em análise, é assinada pelo jornalista Rafael Ciscati. Ressalta que, segundo estudo, o Brasil tem potencial para gerar 11,6 GW de energia renovável por ano, o equivalente a geração de energia de mais de duas hidrelétricas, como a de Belo Monte. O texto aprofunda o assunto, tanto de geração renovável, como também dá um panorama de como o Brasil está hoje em termos de produção de energia e o que precisa fazer para avançar. Não conta com recurso de destaque como ilustração, não tem chamada na primeira página, mas é a manchete da página em que está publicado, ocupando a metade dela, com 12 parágrafos e um intertítulo. Além da EA Conservacionista/Recursista, percebemos vestígios de EA nas correntes Científica, Sistêmica e Projeto de Desenvolvimento Sustentável. Os trechos a seguir revelam alguns desses vestígios:

“Nossa intenção foi mostrar que temos alternativas às termelétricas alimentadas por combustíveis fósseis, muito poluente, diz pesquisador Munir Soares, um dos responsáveis pelo estudo. ... André Ferreira, professor da USP e presidente do IEAM afirma que o objetivo do estudo é ... demonstrar que existem caminhos para a produção de energia mais sustentável”.

Entre as matérias que abordaram a temática ambiental este ano, mas não revelaram vestígios de EA, podemos citar a publicada na edição do dia 13/11, página 21, editoria Mundo, intitulada, “Fogo Inclemente”, conforme mostra **Figura 36** abaixo. Este texto trata das queimadas na Califórnia, Estados Unidos. Tem viés sensacionalista, pois relata com riqueza de detalhes as mortes e perdas de casas queimadas e objetos pessoais, e ainda deixa claro que tudo pode piorar. Jornalisticamente está bem editado, conta com chamada na primeira página, é ilustrado com fotos, e é manchete da página. Mas não contém orientações sobre como os moradores locais podem proceder, e/ou o que está sendo feito para minimizar a situação, muito menos dados sobre as causas da tragédia.

Figura 36: Página 21 da edição 13/11/2018 do Jornal O Globo, versão impressa digitalizada



**Fonte:** Jornal O Globo, versão impressa digitalizada

Os textos, cujas observações foram compartilhadas nessa análise que aqui se encerra, exemplificam as situações mais destacadas no conjunto total das matérias encontradas com a temática ambiental. Porém, cinco quadros, sistematizados por ano, com o *link* de todas as 417 matérias, identificando as correntes que apresentaram vestígios e com exemplos dos trechos nos quais esses vestígios foram observados farão parte do apêndice dessa Dissertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como nossa Dissertação se desenvolveu em três momentos, organizados em capítulos: o que levantamos o “estado da arte” do campo temático em estudo; a discussão teórica conceitual de EA e Mídia; e a pesquisa propriamente dita no universo da produção jornalística do nosso objeto de estudo, optamos, nessas considerações finais, por organizar nossos resultados da mesma forma, em função de primarmos pela clareza do que queremos compartilhar. É importante ressaltar que durante as análises nos reportamos sempre a desempenhos anuais, porém agora, já finalizando este trabalho, vamos nos referir ao período estudado como um todo.

Nosso primeiro levantamento demonstrou que ainda é incipiente a produção da pesquisa no campo temático EA e Mídia, bem como os entraves que a mídia tem para aprofundar suas abordagens, seja por questões ideológicas, políticas ou de mercado. Também foi possível evidenciar que a maioria dos trabalhos pesquisados no “estado da arte” se voltam para pesquisas sobre o uso das mídias como instrumento de educação nos estabelecimentos de ensino (Educomunicação). E que um número reduzido aborda, efetivamente, a forma como a mídia trata as questões ambientais, se cumpre ou não o papel de educadora ambiental na sua produção diária de notícias.

Esse “sondar o terreno” do campo de pesquisa EA e Mídia deu-nos firmeza no propósito do nosso objeto de estudo, porque revelou que este é ainda um campo fértil para pesquisas, o que mostra que esta área de conhecimento tem um horizonte amplo a ser descortinado.

Nossa discussão teórica deixou claro que a EA é ainda um campo conceitual e de definição de suas práticas aberto, em processo de construção. Por isso mesmo,

“efervescente”. Talvez por ser novo, mas talvez também por ser essa uma característica que vá se imprimir à EA, como a da multidisciplinaridade.

No que se refere à pesquisa propriamente dita, os números levantados mostram que das 264 edições pesquisadas, 193 tinham matérias sobre meio ambiente e 71 não. Nessas edições encontramos 417 matérias sobre meio ambiente, o que revela mais de uma matéria por edição. Desse levantamento, concluímos que a temática ambiental não está presente todos os dias na pauta da mídia estudada, mas está presente na maior parte deles, exatamente, 73,6%.

Com relação à temas dentro da pauta ambiental, os mais pautados, no período pesquisado, foram os relacionados ao meio ambiente urbano, como poluição de todos os tipos, lixo, resíduos sólidos, esgoto, patrimônio histórico, entre outros. Numa segunda “colocação” os temas que direta ou indiretamente tratam dos desastres naturais, como chuvas/temporais, alagações, desabamentos, secas, terremotos, vulcões, entre outros. Os assuntos menos pautados pela mídia são os que envolvem a legislação ambiental, seguido dos que tratam da biodiversidade, como Cerrado, Mata Atlântica, entre outros biomas.

Quando buscamos saber em qual Editoria se insere a temática ambiental, dentro do Jornal estudado, verificamos que não há uma única editoria na qual as matérias sobre meio ambiente são publicadas. Mas a maioria delas se insere na editoria Rio. Fato que vai ao encontro do nosso resultado sobre os temas mais pautados – os ligados a meio ambiente urbano -, porque a editoria Rio – que em muitos jornais é chamada de “Cidades” - absorve, exatamente, os assuntos do dia a dia da cidade do Rio de Janeiro.

Em termos de espaço ocupado pelos temas ambientais – um dos objetivos específicos desse trabalho - a maioria é desenvolvido em menos de dez parágrafos, ou seja, os espaços destinados a esta temática são pequenos. E isso, muitas vezes, inviabiliza o aprofundamento do tema. Nesta constatação da superficialidade das matérias nossos resultados vão ao encontro dos resultados das pesquisas já realizadas anteriormente, estudadas no “estado da arte”, Capítulo 1. Mas, mesmo ocupando pouco espaço, os textos sobre meio ambiente contam, na sua maioria, com recursos de destaque como chamada na primeira página e ilustração com fotos, gráficos entre outros recursos de imagem.

Com relação específica a ter ou não EA no conteúdo das matérias analisadas – objetivo principal da nossa pesquisa - podemos afirmar que, no período e no conjunto de textos estudados, não encontramos nenhuma matéria com todo o seu conteúdo voltado,

objetivamente, para educar ambientalmente o leitor. O que encontramos foram vestígios de algumas das 15 correntes de EA - organizadas por Sauvé (2003), no seu quadro “Uma diversidade de Correntes em Educa o Ambiental” -, em 234 dessas matérias. E, em 183, não encontramos nem mesmo vestígio. Esses números nos permitem concluir que há cont do de EA na maior parte, exatamente 56,1%, da produ o jornalística analisada.

As matérias com EA apresentam, também na maioria, a característica, que denominamos de “evidente”, de contar com vestígios de mais de uma das 15 correntes. Embora isso ocorra, existe a predominância de uma corrente no período, que   a Conservacionista/Recursista. Dessa predominância inferimos que a concep o ambiental divulgada pela m dia – objetivo geral da nossa pesquisa –   do meio ambiente como recurso, que   a concep o da corrente predominante.

A corrente Feminista foi a única que não encontramos vestígios em todo o período. Inferimos que isso pode ser atribuído a uma dissocia o, por parte da média, entre as questões ambiental e de g nero, já que essa corrente tem ênfase nas rela es de poder que os homens ainda exercem sobre as mulheres (Sauvé, 2005).

Dos anos pesquisados, 2010 foi o que mais apresentou matérias sobre meio ambiente, e 2018 o que menos apresentou. Nosso estudo revelou, na análise quantitativa descritiva (não estatística), uma queda na produ o de matérias com a temática ambiental   medida que a década se aproxima do final. Começamos o período com 133 ocorrências, e terminamos com 43. A queda começou a ser sinalizada já entre 2010 e 2012. Em 2014 houve uma leve recupera o, mas nos anos seguintes, 2016 e 2018 a queda se acentuou.

Como não faltaram eventos ambientais, nem desastres “naturais” ou não “naturais”, como ocorreram assinaturas de Acordos Internacionais, como o de Paris, que objetivou fortalecer a resposta global   ameaça das mudanças climáticas, e que foi ratificado pelo Brasil em 12 de setembro de 2016, inferimos que pode ter ocorrido desinteresse da média pela temática ambiental, cuja causa pode ser a banaliza o dos problemas ambientais. Sabemos que a m dia   mobilizada por “furos” de reportagem, fatos inéditos, e a constância pode ter tornado os problemas dessa área rotina no entendimento da média, e assim “desinteressantes”. Fato que seria muito preocupante.

Também não podemos deixar de mencionar as mudanças políticas que ocorreram nessa quase década no Brasil, que podem ter influenciado de alguma forma o fato da temática ambiental ter estado muito menos em pauta em 2018 que em 2010. Este

ano inicial do nosso período de estudo foi o último em que o Brasil foi presidido por Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), considerado politicamente de centro-esquerda. A gestão Lula contou com dois ministros na área ambiental, Marina Silva e Carlos Minc, que, na avaliação de ambientalistas, deixaram contribuições positivas para o País, como a queda recorde de desmatamento (Marina), e a inclusão na Lei de Crimes Ambientais de punições para produtores rurais sem reserva legal (Minc), por exemplo.

Em outubro de 2010 foi eleita presidente Dilma Rousseff, do mesmo partido que Lula, e prometendo governar “Para o Brasil continuar mudando” (slogan de campanha). Um dos seus primeiros desafios na área ambiental, que tinha à frente a ministra Isabella Teixeira, foi a reforma do Código Florestal, cujo resultado deixou ambientalistas mais decepcionados que felizes. Entre as críticas feitas estava a de que o Código não trouxe medidas práticas para assegurar uma agricultura sustentável no país.

Em 2016, quando ocorreu o impeachment de Dilma Rousseff, eleita para o segundo mandato, o novo governante, Michel Temer, cometeu vários retrocessos na área ambiental, segundo documento assinado conjuntamente pelas ONGs ambientalistas SOS Mata Atlântica, Greenpeace e WWF. O documento relata que em curto tempo ocorreu: anistia aos grileiros, flexibilização de registros de agrotóxicos, tentativa de maior flexibilização do Código florestal, aumento de 58% no desmatamento, tentativa de retirada do controle do licenciamento ambiental, redução de áreas protegidas, ameaça a terras indígenas já demarcadas, e venda de terras públicas para estrangeiros.

Em 2018 foi eleito para presidente do Brasil Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), considerado politicamente de extrema direita, que antes mesmo de tomar posse anunciou, entre suas primeiras medidas de governo, a extinção do Ministério do Meio Ambiente (MA), e a mudança da política de terras indígenas, entre outras medidas que deixaram os ambientalistas muito preocupados. Mas que também os levou, junto com parte da sociedade, a uma grande mobilização, incluindo vários ex-ministros do meio ambiente, cujo resultado garantiu, pelo menos, a permanência do MA.

Esse rápido resgate histórico objetiva que nos lembremos que alguns órgãos da Mídia – ao contrário do que deveriam - costumam acompanhar o direcionamento político do poder estabelecido. E esse “acompanhar” pode estar influenciando na frequência das pautas ambientais.

Mas nossa investigação trouxe um fato animador. A inferência que nos anima é que, embora esteja ocorrendo uma redução vertiginosa na produção de matérias sobre meio ambiente, o conteúdo de EA nos textos não acompanha essa queda, mantém-se estável. E a prova é que o ano de 2018 – que registrou o menor número de matérias sobre EA – foi o segundo, percentualmente analisando, com conteúdo de EA.

Existe previsão legal para a mídia desempenhar seu papel de educadora ambiental. Na definição conceitual do papel da mídia, em especial a voltada para a cobertura ambiental, são especificadas com clareza as funções informativa, pedagógica e política. Porém, com o resultado da nossa pesquisa, percebemos que algo precisa ser feito para que a mídia, dentre ela um jornal do porte do Globo, por exemplo, retome o crescimento da inclusão dos temas sobre meio ambiente na sua pauta.

Talvez esse “algo” passe por uma formação de educador ambiental voltada, especificamente, para os produtores de conteúdo jornalístico: os jornalistas. De forma que faça-os lembrar que, embora eles recebam seus salários dos donos dos jornais, eles têm compromisso social com os seus leitores. Como ressalta Bueno (2007), ao exercer sua função política, o jornalista ambiental tem que contribuir para a mobilização dos cidadãos, no sentido de fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental. Quando o jornalismo ambiental exerce as suas três funções jornalísticas: Informativa, pedagógica e política (Wilson Bueno, 2017) exerce, ao mesmo tempo também, a prática da EA.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARIEIRA, Angélica Aparecida Silva. **Representações Sociais de Educação Ambiental para estudantes: jornalismo como estratégia pedagógica**. 2103. 85 f. Dissertação (Curso de Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente) – Fundação Oswaldo Aranha Centro Universitário de Volta Redonda. Volta Redonda, RJ: UniFOA, 2013.

BACIC, Marcia Cristina. **Análise de mídias audiovisuais sob a perspectiva da educação ambiental crítica e dos professores da educação básica**. 2017. 268 f. Dissertação (Mestrado

em Ensino de Ciências) – Instituto de Física, Instituto de Química, Instituto de Biociências, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BARBIERI, José Carlos. **Gestão Ambiental empresarial: conceitos, modelos e instrumentos**. São Paulo: Saraiva, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. **Programa Nacional de Educação Ambiental. Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação**. Organização: Francisco de Assis Moraes da Costa. Brasília: MMA, 2008. 50 f.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Programa de Educomunicação Socioambiental**. Série Documentos Técnicos 2. Brasília: Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, 2005. Disponível em: [http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/\\_arquivos/dt\\_02.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/dt_02.pdf).

BORBA, Marcelo de Carvalho; PENTEADO, Miriam Godoy. **Informática e Educação Matemática**. 2ª Ed. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2001.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

BUENO Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, p. 33 a 44, jan/junho, 2007. Editora UFPR.

CHAGAS, Moisés Farias das. **Mídia em educação Ambiental: o uso do recurso tecnológico audiovisual no cotidiano escolar**. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente) – Centro Universitário Plínio Leite, Niterói, Rio de Janeiro, 2013.

CHIARA, Ivone Di; KAIMEN, Maria Júlia; CARELLI, Ana Esmeralda. **Normas de documentação aplicadas à área de Saúde**. Rio de Janeiro: Ed. E-papers, 2008.

COGO, Maria de Fátima. **O Telejornalismo local e seus modos de produzir sentidos em Educação Ambiental**. 2015. 201 f. Tese na área de Educação (Programa de Pós-Graduação em Educação) Centro em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo, 2015.

COSTA, Camilla. **Importância do Brasil na biodiversidade mundial é maior do que se pensava, dizem cientistas**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45203830>>.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Cap. IV art. 225, 1988.

CRESPO, S. **Educar para a sustentabilidade: a educação ambiental no Programa da Agenda 21**. In: NOAL, F.O. REIGOTA M & BARCELOS, V.H.L. Tendências da Educação Ambiental Brasileira. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, pgs 211-115, 1998.

CRISPIM, Renata Borges. **Estratégias singulares de agendamento: o caso do Greenpeace**. Comun. Inf., v. 6, n. 2, pgs. 75 e 76, jul/dez. 2003.

DEROSA, Cristian Madalena. **O Discurso do Tema das Mudanças Climáticas e Aquecimento Global no Jornal Diário Catarinense**. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. 2013.

ESHBAUGH-SOHA, Matthew; PEAKE, Jeffrey S. **The Presidency and local media: local newspaper coverage of President George W. Bush**. Presidential Studies Quarterly, College Station, v.38, n.4, p.609-630. 2008.

FENAJ. **Resoluções do 35º. Congresso Nacional dos Jornalistas**. 10/12/2102. Disponível em: <[http://www.fenaj.org.br/federacao/congressos/XXXV\\_resolucoes.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/congressos/XXXV_resolucoes.pdf)>. Acesso em 23/10/2019.

FERREIRA, Norma S.A. **As Pesquisas denominadas o “Estado da Arte”**. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 79, Agosto/2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FRANCO, José Luiz de Andrade; SILVA, Sandro Dutra; DRUMMOND, José Augusto; TAVARES, Giovana Galvão. **História Ambiental: territórios, fronteiras e biodiversidade**. Vol. 02, 1a. ed., Rio de Janeiro, editora Terra Mater, 432 p., 2016.

GADOTTI, Moacir. **Ecopedagogia e educação para a sustentabilidade**, p. 1-18, disponível em <[http://www.biologia.ufrj.br/ereb-se/artigos/ecopedagogia\\_e\\_educacao.pdf](http://www.biologia.ufrj.br/ereb-se/artigos/ecopedagogia_e_educacao.pdf)>. Visitado em 08/04/2019.

GARRÉ, Bárbara Hees. **O Dispositivo da Educação Ambiental: Modos de Constituir-se Sujeito na Revista Veja** / Bárbara Hees Garré. – 2015. f. 39.

GUERRA, Rafael Angel Torquemada; ABÍLIO, Francisco José Pegado; ARRUDA, F. N. F. **Meio ambiente e educação ambiental: formação continuada de professores de escolas públicas de nível fundamental no Município de Cabedelo, Paraíba**. Disponível em <<http://www.pmf.sc.gov.br/educa/dmc/ppp.pdf>>. Acesso em: 17 mai.2007.

KREUZ, Angela Maria. **Estado da Arte das Produções na Revista Brasileira de Educação Ambiental de 2010 a 2016**. 2018.165 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Paraná. 2018.

LEAL, Carlos Eduardo, MONTALVÃO, Sérgio. CPDOC | FGV • Centro de Pesquisa e **Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Praia de Botafogo, 190, Rio de Janeiro – RJ. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o>>. Acesso em: 29 de out.2019.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

LEFF, Enrique. **Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo dos Saberes, Educação & Realidade**, 2009.

\_\_\_\_\_. Lei n.º 9.795 de 27 de abril de 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF: 28 de abril de 1999.

LIMA, Venício Arthur. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2006.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental e Teorias Críticas**. In:

GUIMARÃES, M (Org.). **Caminhos da Educação Ambiental: da forma à ação**. Campinas: Papirus, 2006, Cap. 4. Página de 51 a 86.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, Miriam da Conceição. **Educação ambiental: um estudo de caso na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jorge Bif**. Siderópolis, SC. Criciúma : Ed. do Autor, 2009. 90 f.

MEZZARI, Susana. **A revista Nova Escola e as tendências em educação ambiental**. 118 f. 2012. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma: Ed. do Autor, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Educação de Chico Mendes. Programa de fomentos a projetos de educação ambiental no ensino básico**. Brasília, 2005. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/chico\\_mendes.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/chico_mendes.pdf)>.

MORALES, Angélica Góis. **A formação do profissional educador ambiental: reflexões, possibilidades e constatações**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2012.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª edição revisada. São Paulo: Cortez, 2011. 102 p. ISBN 978-85-249-1754-7.

MOTTA, Luiz Gonzaga. (org). **Imprensa e poder**. Brasília: EDUnB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **Return to the Concept of Powerful Mass Media**, comunicação apresentada no Xxth. International Congress of Psychology, em Tóquio. Agosto de 1972. Publicado posteriormente em *Studies of Broadcasting*, 9 (1973).

PEREIRA, Cristiane Leite. **Telejornalismo e Educação Ambiental: formação do sujeito consumidor?**. Brasília 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. 2010.

PITANGA, Ângelo Francklin. **O enfrentamento da crise socioambiental: Um diálogo em Enrique Leff sobre a racionalidade e o saber ambiental**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <file:///C:/Users/BetiR/Downloads/4997-14929-1-PB.pdf>, visitado em 09/04/2019.

PORTO, Rosana Gomes da Costa. **O Uso da Mídias na Educação Ambiental**. 2015. 39 f. Trabalho final do Curso Especialização em Mídias para a Educação. Centro Interdisciplinar de Novas tecnologias na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

PRATA, Carmem Lúcia. **Gestão Escolar e as Tecnologias**. In: ALONSO Myrtes; ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de; MASETTO, Marcos Tarsciso.

**Programa de Educomunicação Socioambiental, Série Documentos Técnicos – 2, - 4ª versão**. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental – Brasília 2005 (Série publicada pelo Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental).

REIGOTA, Marcos, et al. **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. 2.ed Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 148 p. (Coleção o sentido da escola).

**REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL** (RevBEA). São Paulo: UNIFESP, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/about>>. Acesso em: 23 out.2019.

SAITO, Carlos Hiroo. **Educação Ambiental no Brasil e a crisesocioambiental mundial**. [Environmental Education in Brazil and the global environmental crisis]. Espaço em Revista, v. 11(2), p. 1-14,2009.

SAITO, Carlos Hiroo; RUSCHEINSKY, Aloísio; BASTOS, Fábio da Purificação; NUNES, Jacy Bandeira Almeida; SILVA, Luciano Fernandes; CARVALHO, Luiz Marcelo. **Conflitos Socioambientais, Educação Ambiental e Participação Social na Gestão Ambiental**. [Socio-environmental conflicts, Environmental Education and Social Participation in Environmental Management]. Sustentabilidade em Debate, v. 2(1), p. 121-138, 2011.

SANTOS, Fábio Freitas dos. **Comunicação e educação ambiental: uma análise de conteúdo da revista XXI Ciência para a Vida da Embrapa**. Tupã, 2017. 234 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento da Faculdade de Ciências e Engenharia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). 2017.

SANTOS, Ana Carolina Lima. **Características, Usos e Funções das Foto-ilustrações no Discurso Jornalístico**. Universidade Federal de Sergipe, Página 3. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0722-1.pdf>>.

SARTORI, Ademilde Silveira. SOARES, Maria Salete Prado. **Concepção dialógica e as NTICs: A Educomunicação e os ecossistemas comunicativos**. V Colóquio Internacional Paulo Freire - Recife, 2005.

SATO, Michele. CARVALHO Isabel. **Educação Ambiental Pesquisa e Desafios**. Porto Alegre, ARTMED S.A, 2005.

SAUVÉ, Lucie. **Educação Ambiental: possibilidades e limitações**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n. 2, p. 317-322, maio/agosto, 2005.

SILVA, Dora Alice Belavenutti Martins da. **A mídia a serviço da educação: a revista Nova Escola**. Marília: UNIMAR, 2009. 116f.

SILVA, Rosana Louro Ferreira. **O meio ambiente por trás da tela - estudo das concepções de educação ambiental dos filmes da TV escola**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25042007-104315/>.

SILVA, S.D.; SAYAGO, D.; TONI, F.; CAMPOS, F.I.; **Ensaio em Ciências Ambientais: Crises, riscos e racionalidades**. Rio de Janeiro, editora Garamond, 2016 .

SOARES, Ismar de Oliveira Soares. **Educommunication**. São Paulo: NCE–ECA/USP. 2004.

SOARES, M. **Alfabetização no Brasil – O Estado do conhecimento**. Brasília: INEP/MEC, 1989.

SOUZA, A. M. **Câmera e vídeo na escola: quem conta o que sobre quem?** Comunicação & Educação, São Paulo, n.1, ano X, jan/abr 2005.

SOUZA, C. B. et al. **Projeto político pedagógico departamento de mídia e conhecimento**. Disponível em <<http://www.pmf.sc.gov.br/educa/dmc/ppp.pdf>>. Acesso em: 17 mai.2007.

TEIXEIRA, Fernando. **Mídia como instrumento de educação e de formação da consciência ambiental “abordagens na educação tecnológica”**, 2011. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2011.

TOZONI-REIS, M.F. **Formação dos educadores ambientais e paradigmas em transição**. Ciência & Educação (Bauru), v.8. n.1.p. 83-96, 2002.

TRAJBER, R. **Educomunicação para coletivos educadores**. Encontros e caminhos: formação de educadoras (ES) ambientais e coletivos educadores/ Luiz Antonio Ferraro Júnior, Organizador. – Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

TRIGUEIRO, ANDRÉ. Meio Ambiente no século XXI, Texto Mídia, Editora Sextante, 2003.

TRISTÃO, M. **A educação ambiental na formação de professores: redes de saberes**. São Paulo: Annablume; Vitória: Facitec, 2008.

VICTOR, Rodrigo. Instituto Florestal, **Avaliação Ecológica do Milênio, Ecossistemas e Bem Estar Humano**. Disponível em <[http://www.mma.gov.br/estruturas/conabio/\\_arquivos/Rodrigo%20Victor.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/conabio/_arquivos/Rodrigo%20Victor.pdf)>.

VIEGAS, P. L. **A prática de Educação Ambiental no âmbito do ensino formal: estudos publicados em revistas acadêmicas brasileiras (2007 a 2012)**. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade na Gestão Ambiental), Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba. 2014.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**, 7 a. edição, Lisboa, Presença. 2002.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE 1:** Quadro Ano 2010 Levantamento das Matérias sobre MA Jornal O Globo

**APÊNDICE 2:** Quadro Ano 2012 Levantamento das Matérias sobre MA Jornal O Globo

**APÊNDICE 3:** Quadro Ano 2014 Levantamento das Matérias sobre MA Jornal O Globo

**APÊNDICE 4:** Quadro Ano 2016 Levantamento das Matérias sobre MA Jornal O Globo

**APÊNDICE 5:** Quadro Ano 2018 Levantamento das Matérias sobre MA Jornal O Globo

**APÊNDICE 6:** Quadro Ano 2010 Análise das Matérias sobre MA Jornal O Globo

**APÊNDICE 7:** Quadro Ano 2012 Análise das Matérias sobre MA Jornal O Globo

**APÊNDICE 8:** Quadro Ano 2014 Análise das Matérias sobre MA Jornal O Globo

**APÊNDICE 9:** Quadro Ano 2016 Análise das Matérias sobre MA Jornal O Globo

**APÊNDICE 10:** Quadro Ano 2018 Análise das Matérias sobre MA Jornal O Globo

**APÊNDICE 11:** Artigo O Estado da Arte do campo temático educação Ambiental e Mídia (período 2010 a 2018) na pesquisa acadêmica brasileira.

<https://doi.org/10.34024/revbea.2019.v14.9511>